

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANA CAROLINA OLIVEIRA PINHEIRO

**COMO AS RUAS FALAM:** UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS  
DO JORNAL BOCA DE RUA

Porto Alegre  
2025

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

## Ficha Catalográfica

P654c Pinheiro, Ana Carolina Oliveira

Como as ruas falam : um estudo sobre as práticas jornalísticas do jornal Boca de Rua / Ana Carolina Oliveira Pinheiro. – 2025.  
169 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Veiga da Silva.

1. Jornalismo. 2. Boca de Rua. 3. Práticas jornalísticas. 4. Gênero. I. Silva, Marcia Veiga da. II. Título.

ANA CAROLINA OLIVEIRA PINHEIRO

**COMO AS RUAS FALAM:**  
UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS  
DO JORNAL BOCA DE RUA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Professora Dra. Marcia Veiga da Silva

Porto Alegre  
2025

ANA CAROLINA OLIVEIRA PINHEIRO

**COMO AS RUAS FALAM:  
UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS  
DO JORNAL BOCA DE RUA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Marcia Veiga da Silva (Orientadora)  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Roberto Villar Belmonte  
Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)

Porto Alegre  
2025

À minha mãe, Jacqueline de Oliveira, que me ensinou a gostar de ouvir e contar histórias e a acreditar que um outro mundo é possível.

À Rosina Duarte, que me apresentou um outro jeito de ver e praticar o jornalismo – profissão que tanto amamos –, e que, com seu abraço de urso, muitas vezes acolheu e acalmou meus anseios e inseguranças ao longo desta trajetória.

Ao Boca de Rua, aos que já passaram e aos que hoje fazem parte deste coletivo que, pela sua prática, coragem e resistência, mostra que o lugar onde vivemos, apesar de localizado geograficamente nas mesmas coordenadas no mapa, não é o mesmo para todos os seus cidadãos. E que tanto me ensinou e ensina não só sobre outras formas de fazer jornalismo como também a voltar a acreditar que a comunicação pode quebrar barreiras e ser espaço de reverberação para bocas que cansaram de ser silenciadas.

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi construída coletivamente no espaço do jornal Boca de Rua. Assim, tomando emprestada a forma de assinar do próprio jornal, me permito dizer que participaram desta dissertação: Alessandra Alves da Silva, Alex Sandro Pereira dos Santos Ferreira, Alexandre Português, Alexandre Roberto Rocha da Silva, Alexsandro Freitas da Silva, Aline Gonçalves Leal, Ana Paula Santos da Silva, Anderson Ferreira, Anderson Luís Joaquim Corrêa, Andressa Carvalho, Carla Janaína dos Anjos Ferreira, Carlos Henrique Rosa da Silva, Cícero Adão Gomes de Almeida, Cláudio José Ribeiro, Danrlei Escalante, David Mathias Becker, Diogo Macedo, Edisson José Souza Campos, Edson Costa, Elvis Adalberto Sant’Ana de Souza, Emerson Casagrande da Silva, Fábio Saraiva Corrêa, Felipe de Oliveira Rodrigues, Franciele Grati, Gabriela Souza da Silva, Glessias Santos Garcia, Jackson da Silva Ferreira, Jó Elias Barbosa Machado, Jones Rosa dos Santos Barbosa, Jorge Luís Lopes de Oliveira, José Luiz Straubichen, Josiane de Oliveira, Luciana da Silva Camargo Pias, Marcos Rodrigo da Silva Scher, Marcos Santos Alves, Maria Helena Morales de Lima, Maurício Almeida, Michel Vasconcelos dos Santos, Michelle Aparecida Marques dos Santos, Nara Gonçalves Canabarro, Nilson Lira Lopes, Paulo Águas, Paulo Ricardo da Silva, Raquel Naibert Moraes, Roberta dos Santos Fernandes, Rosângela Gomes, Simoni Gonçalves Machado, Tiago de Jesus Jacques da Silva e Tiago Ventura. Também participaram os colaboradores Rosina Duarte, Luiz Abreu, Cristina Pozzobon, Amanda Porto de Porto, Arthur Viana, Caroline Sarmento, Eduarda Vidal, Luiza Maia, Thaís Marques, Lawis Sfoggia, Talita Fernandes e Scarleth Nardes. Esta dissertação é dedicada a eles e a todos os que já passaram pelo Boca de Rua.

Agradeço imensamente à Rosina Duarte, pelo apoio e pelas discussões riquíssimas que tivemos em tantos momentos sobre jornalismo. Ao Luiz Abreu, pelas trocas e caronas no Pitanguinha.

À minha família, por ser suporte e acolhimento sempre. Pela preocupação, pelos abraços e por entender as minhas ausências. À minha mãe, Jacqueline de Oliveira, de quem herdei o gosto por conhecer novas histórias e a vontade de lutar por um mundo melhor e mais justo. E que está presente em todas as minhas escolhas, todas as etapas e em cada palavra que escrevi nesta dissertação – mesmo que presente através da saudade, do nosso amor comum pela escrita e da certeza da

nossa ligação eterna de mãe e filha. À minha avó, Maria Neldi de Oliveira, leitora voraz que criou sete filhos tendo como passatempo as visitas na Biblioteca Pública de Santana do Livramento e começou, assim, a tradição de apaixonados pela leitura em nossa família. À Gabriela Duarte, minha prima-irmã, meu colo, minha melhor amiga e o melhor presente que ganhei da vida. Aos meus tios-dindos Mari, Fátima e Leondres de Oliveira, meus incentivadores na vida acadêmica e um pouco meus pais, por todo o apoio, amor e por segurarem a minha mão, sempre. Às minhas tias Carmen, Marina e Maria Carlota de Oliveira, com quem compartilho a certeza de que a educação pode ser transformadora. Ao meu companheiro, Diego Brião, meu porto seguro e meu abraço durante este processo de escrita, por me acolher, cuidar, ler, reler, discutir e participar em todas as etapas deste trabalho.

Às minhas madrinhas mágicas Lúcia Sousa, Eliane Barros e Cláudia Cardoso, e ao meu dindo Luis Fernando Silva, que me ensinaram desde sempre que família extrapola os laços de sangue, e que se fizeram e se fazem presentes em todos os momentos da minha vida.

Aos meus amigos, os de sempre e os que foram se chegando. Aos que são a minha turma, Antonio Vasques, Maria Guedes, Michele Serafini, Eduarda Casali, Scheila Vicente, David Ceccon e Maria Fernanda Viegas, por ordem de quando se juntaram no nosso grupinho amado.

À corrente de mulheres, amigas, professoras, parceiras e com quem eu sei que posso contar na vida: Danitsa Becker, Lucia Jahn, Christina Dias, Mariana Oselame, Sandra Loguercio, Nicolý Blatt, e Rosa Graça.

À minha orientadora, Márcia Veiga, que em tão pouco tempo revolucionou tanto este estudo. Agradeço pelo carinho, pelo acolhimento, pelo afeto, pela confiança e pelas contribuições inestimáveis.

Ao professor Juremir Machado, que acreditou nesta pesquisa quando nem eu sabia ainda o que ela poderia se tornar, e por me incentivar a terminá-la.

Ao professor Roberto Villar Belmonte, minha referência primeira no jornalismo, pela leitura, pelas contribuições e por, mais uma vez, estar ao meu lado na conclusão de uma etapa importante da minha formação.

À Camila Kieling, que durante um ano orientou esta pesquisa e com quem aprendi muito.

Aos funcionários da Famecos, sempre dispostos a auxiliar os alunos e diminuir as distâncias do ambiente acadêmico. Em especial ao Radler da Rosa que, com muito

afeto e profissionalismo, acolheu muitas vezes as minhas ansiedades e me ajudou a encontrar caminhos para que este trabalho fosse concluído.

Aos meus colegas do PPGCOM da PUCRS, com quem aprendi muito em nossas discussões acadêmicas e também – e por que não – em mesas de bar e rodas de chimarrão.

## RESUMO

Esta dissertação reflete sobre as práticas jornalísticas do Boca de Rua, único jornal do mundo feito e vendido por pessoas em situação de rua, entendendo-o como um veículo produtor de jornalismo. Fruto do encontro entre duas jornalistas da Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação de Porto Alegre (Alice) e jovens em situação de rua, o jornal foi fundado no ano 2000. Esta pesquisa tem o objetivo de descrever as práticas jornalísticas do Boca de Rua, entendendo-o como um ponto de contato entre o jornalismo hegemônico e a Ruaologia, o saber das ruas, e analisar em que medida ele se apropria e/ou subverte práticas oriundas deste jornalismo, que é regido por normativas positivistas, masculinistas, racistas e classistas (Veiga da Silva, 2015), na produção de um jornal que tem um lado claro: o do povo da rua. Para isso, são mobilizados o referencial teórico de Traquina (2005a; 2005b) e de Silva (2005; 2018) como base para a reflexão sobre práticas jornalísticas e, em contraponto, adota a concepção de gênero como categoria analítica conforme proposto por Veiga da Silva (2010; 2015), como uma chave teórico-epistemológica para pensar os tipos de conhecimento que o jornalismo produz. Considerando a atuação da pesquisadora como colaboradora do jornal desde 2022, esta pesquisa se assenta metodologicamente na pesquisa-intervenção. Para análise, o estudo se desenvolveu a partir do conjunto de 4 tipos de fontes: observações, diário de campo, categorização das principais pautas e uma reflexão do coletivo sobre a sua prática. A partir da análise, foi possível perceber que o Boca de Rua é um jornal que denuncia sua realidade, conta sua própria história e a dos seus.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Boca de Rua. Práticas jornalísticas. Gênero.

## ABSTRACT

This dissertation reflects on the journalistic practices of Boca de Rua, the only newspaper in the world produced and sold by people experiencing homelessness, understanding it as a legitimate producer of journalism. Born from the collaboration between two journalists from the Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação of Porto Alegre (Alice) and young people living on the streets, the newspaper was founded in 2000. This research aims to describe the journalistic practices of Boca de Rua, framing it as a point of contact between hegemonic journalism and the Ruaologia, the knowledge of the streets, and to analyze to what extent it appropriates and/or subverts practices derived from hegemonic journalism, which is governed by positivist, masculinist, racist, and classist norms (Veiga da Silva, 2015), in the production of a newspaper that clearly takes sides: the side of the street population. To this end, the study draws on the theoretical frameworks of Traquina (2005a; 2005b) and Silva (2005; 2018) to reflect on journalistic practices, while also adopting gender as an analytical category, as proposed by Veiga da Silva (2010; 2015), serving as a theoretical and epistemological key to thinking about the types of knowledge journalism produces. Given the researcher's involvement as a collaborator with the newspaper since 2022, the study is methodologically grounded in intervention research. For the analysis, the study relied on four types of sources: observations, field diary entries, categorization of the main editorial topics, and collective reflection on practice. The analysis revealed that Boca de Rua is a newspaper that denounces the realities faced by its contributors, tells its own story, and amplifies the voices of those living on the streets.

**Keywords** : Journalism. Boca de Rua. Journalistic practices. Gender.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Boca de Rua em frente à Casa Alice .....	23
Figura 2: Reportagem publicada em 1993 pelo Street News, de Bryan Adrian .....	25
Figura 3: Capa da edição nº 1657 da The Big Issue UK, de 10 de março de 2025 .....	26
Figura 4: Capas das revistas Ocas”, Traços RJ e Aurora da Rua .....	29
Figura 5: Boca com prêmio entregue pela INSP .....	30
Figura 6: Reportagem Censo .....	33
Figura 7: Reunião do Boca na praça Dom Sebastião, em março de 2001 .....	38
Figura 8: Gilberto, Diego, Alex Bocão e Mercedes na praça Dom Sebastião .....	39
Figura 9: Comemoração de 1 ano do Boca de Rua, em maio de 2001 .....	40
Figura 10: Boca de Rua no 1º Fórum Social Mundial (2001) .....	41
Figura 11: Primeira capa do Boca de Rua .....	42
Figura 12: Trecho da entrevista com José Paulo Bisol .....	43
Figura 13: Jéferson e Riquinho, autores do nome e do logotipo do Boca de Rua .....	45
Figura 14: Cabeçalhos do Boca de Rua .....	46
Figura 15: Giba (D) conhece a gráfica da Zero Hora .....	47
Figura 16: Capa da primeira edição em cores .....	49
Figura 17: Nota sobre o primeiro reajuste de preço .....	49
Figura 18: Capa da edição nº 75, virtual, de abril, maio e junho de 2020 .....	51
Figura 19: Boquinha na Redenção .....	52
Figura 20: Capas Boquinha 1 e 56 .....	53
Figura 21: Logotipo Boquinha .....	54
Figura 22: Coluna Mãe Coruja, escrita por mães do Boquinha .....	55
Figura 23: Comunicação com os leitores sobre a venda irregular de jornais .....	58
Figura 24: Campo de assinatura .....	59
Figura 25: Capa da edição 86 .....	62
Figura 26: Reunião do Boca de Rua em grande grupo, em 11 de março de 2025 .....	63
Figura 27: Vem aí o 1º CD do Realidade de Rua .....	65
Figura 28: Trabalhos artísticos produzidos por integrantes do jornal .....	66
Figura 29: O Boca de Rua como uma rede de proteção .....	67
Figura 30: Boca de Rua entrevista liderança da Vila dos Papeleiros .....	68
Figura 31: Primeiro texto jornalístico assinado, publicado em parceria com a Ocas” .....	69
Figura 32: Pequeno manual para pesquisadores .....	86
Figura 33: Principais pautas/editoriais do Boca nas edições analisadas .....	94
Figura 34: Gírias da rua e da prisão .....	97
Figura 35: Minidicionário de termos usados por prostitutas e travestis .....	97
Figura 36: Campanha de assinaturas Doutores em Ruaologia .....	98
Figura 37: Aprendendo a vender nosso jornal .....	100
Figura 38: Dúvida sobre autoria do jornal .....	101
Figura 39: Discurso de posse do presidente Lula em 2023 .....	102
Figura 40: Boca de Rua na 20ª Festa da Colheita do Arroz Agroecológico .....	103
Figura 41: Contracapa da edição 86 .....	104
Figura 42: Notícia Rojão na pensão .....	107
Figura 43: Direito de resposta e denúncia de agressão .....	108
Figura 44: Cobertura da Copa dos Albergues .....	113
Figura 45: Boca de Rua é barrado na coletiva de Sebastião Melo .....	115
Figura 46: Após a tragédia, denúncia feita pelo Boca de Rua vira notícia .....	116

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
1.1 ORIGENS DA PESQUISA .....	16
1.2 PROBLEMAS DE PESQUISA E OBJETIVOS ALMEJADOS .....	20
1.3 CONSTRUÇÃO E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	20
<b>2. BOCA DE RUA – UM <i>STREET PAPER</i> QUE É A BOCA DO POVO DA RUA</b> ...	<b>23</b>
2.1 OS <i>STREET PAPERS</i> E A INSP .....	24
2.2 SITUAÇÃO DE RUA: O QUE É, QUANTAS PESSOAS VIVEM E SURGIMENTO DOS SEUS MOVIMENTOS .....	32
<b>3. A HISTÓRIA DO BOCA E A CONSTRUÇÃO DE SUAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS</b> .....	<b>37</b>
3.1 PROJETO GRÁFICO E LOGOTIPO .....	44
3.1.1 <i>A boca do Boca</i> .....	44
3.1.2 <i>A impressão</i> .....	46
3.1.3 <i>A evolução das edições</i> .....	48
3.1.3.1 O Boquinha .....	52
3.1.4 <i>Estrutura das edições atuais</i> .....	56
3.2 COMO É FEITO O BOCA .....	57
3.2.1 <i>Funcionamento das reuniões</i> .....	57
3.2.2 <i>Autoria</i> .....	66
3.2.3 <i>Colaboradores</i> .....	70
3.2.4 <i>Repórter da rua</i> .....	71
3.2.5 <i>Os textos do Boca</i> .....	71
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>73</b>
4.1 JORNALISMO HEGEMÔNICO E SUAS PRÁTICAS .....	74
4.2 OUTROS OLHARES SOBRE O JORNALISMO .....	80
<b>5. PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>84</b>
5.1 ESCOLHA METODOLÓGICA .....	85
5.2 CAMINHOS DE ANÁLISE.....	88
5.2.1 <i>Análise de Conteúdo</i> .....	88
5.2.2 <i>O corpus e as categorias</i> .....	89
<b>6. BOCA DE RUA: UM JORNAL QUE DENUNCIA SUA REALIDADE E CONTA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA</b> .....	<b>93</b>
6.1 AS PRINCIPAIS PAUTAS/EDITORIAS .....	94
6.2 DE ONDE OLHA E POR QUEM O BOCA FALA.....	95
6.2.1 <i>Ruaologia: a lente Boca</i> .....	96
6.3 REPORTAR E VENDER: UMA RELAÇÃO DE IGUALDADE.....	99
6.4 A ÉTICA NA PRODUÇÃO DO BOCA DE RUA.....	105
6.5 AS NOTÍCIAS DO BOCA: UMA PRÁTICA COLETIVA.....	109
6.5.1 <i>O jornalismo do Nós</i> .....	117
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>120</b>

<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>129</b>
ANEXO I REGRAS E COMBINAÇÕES DE CONVIVÊNCIA DO JORNAL BOCA DE RUA 2025.....	130
ANEXO II FICHAMENTO DAS EDIÇÕES DO BOCA DE RUA.....	135
ANEXO III REPORTAGEM PEQUENO DICIONÁRIO DE RUAOLOGIA.....	144
ANEXO IV CAPAS DAS EDIÇÕES ANALISADAS .....	148
ANEXO V REPORTAGEM CADÊ MEU FILHO? .....	157
ANEXO VI REPORTAGEM TENTARAM NOS CALAR, MAS SOMOS A BOCA DA RUA .....	165
ANEXO VII ENTERRO VAZIO, TÚMULOS SEM NOME .....	167
ANEXO VIII CARTA AO LULA.....	169

RAP de uma Boca de Rua

A minha vida é simplesmente a sua  
Se liga gente boa  
Que eu faço uma canção  
Que é minha, que é da vida  
E de vocês também  
Ei amigo, alô irmão  
Você que não está conseguindo  
Conquistar a situação  
Eu falo o que é real  
O que sustenta a família  
É pobre e está mal  
Me diga uma praça  
Que não seja habitada  
Por uma criança doente  
Criança abandonada  
Ao chegar ao seu mocó  
Você logo vai ver  
O Mano Mercedes  
É que tá com a razão  
Tenta tapar o sol com a peneira  
Joga o lençol em cima da fogueira  
Deus criou o mundo  
E junto a miséria  
Brasil é nossa terra  
Aqui é nosso lugar

(Luz, Luciano Felipe da / Mercedes  
In: Boca de Rua 3, p.2, 2001)

“É o pessoal da rua  
 Fazendo sua história  
 E o jornal Boca de Rua  
 Registrando essa memória  
 Mangando no asfalto  
 Na sinaleira  
 Viver na rua não é brincadeira  
 Respeito, justiça e paz  
 Nós vamos buscar  
 Jornal Boca de Rua  
 Veio para revolucionar!”

Déko Ramires (Boca de Rua 62, p.4, 2017)

## 1. INTRODUÇÃO

Quem passa pelas ruas de Porto Alegre na região central ou para nas sinaleiras dos principais cruzamentos da cidade com certeza já se deparou com algum integrante do Boca de Rua apresentando o jornal. Em circulação desde 2001, ele chega pelas mãos de pessoas em situação/com trajetória de rua que, muito além de vendedores, são também os pauteiros, fotógrafos, produtores e repórteres, desempenhando qualquer demanda que venha a surgir no processo de produção do jornal. São eles que escolhem as pautas, apuram, fotografam e redigem os textos, sempre deixando claro o seu ponto de vista. Todas as reportagens são de interesse da população de rua, mas elas não são o público para quem é o jornal idealizado, uma vez que o Boca busca romper a barreira de silenciamento que cerca àqueles que não têm casa e revelar para a sociedade domiciliada como é a vida e o que têm a dizer as pessoas em situação de rua.

Impresso no formato tabloide e vendido em bares, esquinas e sinaleiras, o Boca – como é carinhosamente chamado – foi fundado no ano 2000 na cidade de Porto Alegre e é um dos projetos da Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice), uma organização sem fins lucrativos que

trabalha para revelar o que a sociedade não vê, defendendo o direito de todos/todas/todes à comunicação, à cultura, à arte e à convivência harmônica em uma sociedade sustentável. Nessa linha, desenvolve projetos alternativos e autônomos envolvendo comunidades ignoradas pela mídia tradicional e negligenciadas pelas políticas públicas. Assim, contribui para democratizar e qualificar a informação no país, alinhando-se à luta por um mundo mais justo. (Incomuns mortais, Alice, no prelo, s.p.)

Projeto mais antigo da Alice, o Boca considera a instituição o ALICErce do coletivo, pois é ela quem mobiliza recursos para a impressão através da busca de apoiadores, de feiras, saraus e eventos, e é a responsável pela edição e pela diagramação dos jornais. Também foi a Alice quem sistematizou a metodologia surgida no Boca de Rua – que trabalha primordialmente com o que é dito nas reuniões de pauta, que depois é transposto para o escrito em textos que buscam preservar ao máximo a expressão do coletivo –, e a reproduziu em outros projetos, sempre respeitando as individualidades de cada grupo. As experiências da Alice foram compiladas no livro “Incomuns Mortais”, ainda em processo de editoração e com previsão de lançamento em 2025, que foi cedido para compor a pesquisa bibliográfica desta dissertação. No livro, há um capítulo especial dedicado a resgatar o início do Boca e descrever a metodologia de trabalho do jornal.

O Boca de Rua é um dos quatro *street papers* brasileiros que integram a *International Network of Street Papers* (INSP), rede que congrega veículos ao redor do mundo que geram renda para pessoas em situação de rua. Entre as mais de 90 publicações que circulam em 35 países e são afiliadas à INSP, o Boca tem características próprias que o diferenciam de outros *street papers*, principalmente pela metodologia aplicada pelo coletivo, que, além de ser vendido por pessoas em situação de rua, é também pautado, produzido e apurado por elas.

Desde a sua fundação, o Boca de Rua conta com pelo menos uma jornalista profissional em sua equipe exercendo o papel de editora, o que faz com que ele seja um ponto de contato entre o conhecimento de quem vive nas ruas e as práticas jornalísticas oriundas do jornalismo hegemônico, praticado por jornalistas nos meios de comunicação tradicionais e ensinado nas universidades. Produto desse encontro, o Boca se apropriou de práticas do jornalismo hegemônico e, a partir do contato com os saberes de quem vive nas ruas, as subverteu, criando uma metodologia própria, que tem um lado claro e é abertamente pautada pelo olhar do povo da rua.

## 1.1 ORIGENS DA PESQUISA

Quando os integrantes do Boca de Rua falam sobre a pergunta que mais escutam dos compradores durante as vendas, a resposta é unânime: “mas são vocês mesmos que fazem?”. Assim que respondem afirmativamente, surge a segunda questão: “e como vocês fazem?”.

Cada um tem o seu jeito de explicar os procedimentos metodológicos do coletivo, mas a resposta é sempre guiada por um conhecimento partilhado, que foi se constituindo ao longo dos anos a partir do encontro entre o jornalismo hegemônico e o conhecimento das pessoas que vivem nas ruas, a Ruaologia. Embora o significado só tenha ganhado um significante em 2015, sintetizado pelo integrante Carlos Henrique Rosa da Silva na forma de Rua + ologia – o saber das ruas –, a Ruaologia está presente nas práticas jornalísticas do Boca de Rua desde a sua fundação. Tendo em vista que estas práticas, que foram se desenvolvendo a partir da experiência única deste encontro, existem e são mobilizadas no dia a dia do jornal, esta dissertação nasce coletivamente do desejo do grupo de reconhecer e valorizar estes processos e do meu, de que ela possa ser uma ponte entre o conhecimento empírico dos repórteres do Boca de Rua e as pesquisas em Comunicação.

Mas, antes disso, preciso esclarecer de onde parte a minha relação com o coletivo: como mulher nascida em Porto Alegre nos anos 1990, passei a minha infância vendo crianças como eu vivendo embaixo de pontes, nas praças e na rodoviária. A realidade crua da vida nas ruas, escancarada e ao mesmo tempo ignorada, sempre despertou a minha atenção, de modo que, em 2003, aos 11 anos, escrevi um miniconto intitulado “Branca de Fome”, que transporta a personagem dos contos de fadas para um mocó embaixo de uma das pontes do Arroio Dilúvio. O texto foi o vencedor da categoria Dando a Letra, destinada a crianças, do 4º Habitusul Revelação Literária na Feira, concurso literário que acontecia durante a Feira do Livro de Porto Alegre. Alguns anos mais tarde, durante a minha formação em Jornalismo na Universidade Ritter dos Reis (UniRitter), decidi aproveitar a liberdade de escolha de pautas que tinha no curso para escrever reportagens relacionadas à luta pela moradia e à vida nas ruas.

Depois de já ter escrito sobre ocupações urbanas e reassentamentos forçados, fiquei intrigada com o aumento visível do número de pessoas em situação de rua e com a mudança de padrão nos seus abrigos, que deixavam de ser em cantos escondidos da cidade e começavam a ocupar o espaço aberto com estruturas similares a de casas e condomínios. A partir desta pauta, surgiu a oportunidade de conhecer pessoalmente o trabalho do Boca de Rua, do qual já era leitora, e ouvir suas hipóteses para estas mudanças.

Na ocasião, realizei entrevistas com dois integrantes do jornal: a jornalista Rosina Duarte, uma das idealizadoras e editora do projeto, e o Fábio, que estava em

situação de rua há mais de 14 anos e era repórter do coletivo. Com eles, descobri que a construção destas estruturas era reflexo de fatores como a arquitetura de exclusão, que fecha espaços mais escondidos onde antes eles costumavam se abrigar, e o aumento da violência contra pessoas em situação de rua, que faz com que eles busquem se agrupar como forma de proteção. Durante a apuração, acompanhei também a ocupação Aldeia Zumbi dos Palmares, a primeira do Brasil feita exclusivamente por pessoas em situação de rua, a rápida reintegração de posse do terreno, pertencente à Prefeitura e que estava abandonado há mais de 10 anos, e uma audiência pública na Assembleia Legislativa sobre os direitos desta população. A reportagem<sup>1</sup>, intitulada *A rua é a minha casa*, foi publicada na revista-laboratório da minha universidade e foi vencedora do 31º SET Universitário da PUCRS (2018) na categoria Reportagem em Texto. No entanto, senti que as cinco semanas que tinha ficado trabalhando na apuração ainda não eram o ponto final do meu encontro com o Boca, e que as quatro páginas de texto publicadas ainda não eram suficientes para contar tudo que eu tinha visto e vivido.

Este desejo de me reaproximar do coletivo ficou latente até meados de 2020, quando me deparei com a seguinte notícia:

Leandro, o mais antigo do Boca. Entrou com 19 anos e estava com 36. Ele era um mentor, tinha ideias e atitudes, ele incentivava o pessoal. Ele ensinava a vender o jornal. Foi ele que convidou muitos de nós para dentro do Boca. Ele era muito honesto e amigo. Não deixou nenhuma lembrança ruim. Sempre foi parceiro, sempre dividia o pão, ajudava os irmãos da rua. Trabalhava no Boca e na Amada Massa. Foi ele que declarou o jornal “território livre de chinelagem” e ele foi, também, o primeiro a propor as edições online. Esta é nossa homenagem especial para e sobre ele, que foi morto pelo sistema. (Boca de Rua, 2020, p.2)

A notícia do falecimento do Leandro fez ressurgir a vontade de participar do coletivo. Leandro era o integrante mais antigo, e tinha começado a frequentar o Boca no segundo ano do projeto. Quantas memórias e histórias sobre o Boca ele tinha guardadas? Assim, procurei o grupo com a ideia da escrita de um livro-reportagem que reconstruísse a história do jornal a partir da vida de seus integrantes. Como já conhecia o procedimento a ser seguido nos casos de propostas de pesquisa, encaminhei minha sugestão à Rosina, que ficou responsável por repassar ao coletivo. No entanto, como vivíamos o auge da pandemia de covid-19, as reuniões não estavam

---

<sup>1</sup> A rua é a minha casa, Revista Universus edição Horizontes, nº 5, jul. 2018. Disponível em: [https://issuu.com/universus/docs/revista\\_final\\_universus\\_horizontes\\_/18](https://issuu.com/universus/docs/revista_final_universus_horizontes_/18)

recebendo pessoas de fora, e precisei esperar mais de um ano para aprovar minha proposta do livro em reunião. A visita e o aceite chegaram no começo de 2022, quando comecei a participar das reuniões e atuar como colaboradora. Alguns meses depois, percebi que poderia levar a pesquisa também para a esfera acadêmica. Como meu Trabalho de Conclusão de Curso havia sido um livro-reportagem, imaginei que poderia propor algo similar, em que escreveria o livro e um memorial com as bases teóricas refletindo o processo de construção da pauta, apuração e escrita do texto.

Mas, ao procurar o Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), descobri que o formato não era aceito. Após conversar com o então coordenador do PPG, o professor Juremir Machado da Silva, ouvi a seguinte sugestão: por que eu não pensava em uma proposta de pesquisa sobre o Boca de Rua, algo que complementasse a minha pesquisa para livro-reportagem mas que se propusesse a olhar o Boca analiticamente?

Foi com essa proposta que retornei ao coletivo. E, a partir dela fomos construindo, juntos, o projeto desta dissertação. Conforme as semanas foram passando e nossos vínculos se fortalecendo, fomos percebendo que as práticas jornalísticas do Boca de Rua mereciam um olhar mais detalhado, pois elas existem e são mobilizadas pelo coletivo há 25 anos, e, mesmo assim, seguem sendo questionadas pela população que desconhece a metodologia do jornal ou que não está acostumada a enxergar a população de rua como produtora de saberes. Assim, esta pesquisa surge e se desenvolve em paralelo à apuração do livro-reportagem e de forma coletiva, não sendo um estudo *sobre* o Boca, mas sim *com* o Boca, visto que o grupo participou ativamente das discussões (algumas, inclusive, bem acaloradas) sobre o tema, a abordagem e a metodologia, desde a elaboração do projeto de pesquisa até a escrita final desta dissertação.

Quando comecei a observar as práticas jornalísticas do Boca, pude perceber as aproximações do processo de produção de notícias do coletivo com o jornalismo hegemônico, pois o jornal sempre contou, desde sua fundação, com pelo menos uma jornalista de formação em sua equipe. Mas também foi possível notar que estas práticas estavam sendo mobilizadas na construção de um outro tipo de jornalismo, que deixa claro de onde fala e o seu ponto de vista – o das pessoas em situação de rua. Assim, percebi que técnicas que buscam garantir a veracidade das informações, como a apuração, a checagem dos fatos, a entrevista e o uso de variadas fontes, eram

mobilizadas pelo coletivo na produção do Boca, que tem o objetivo de ser um veículo que retrata a realidade. No entanto, como o jornalismo do Boca é construído coletivamente e parte da vivência dos seus integrantes, técnicas que buscam a objetividade e a isenção – conceitos fundamentais ao jornalismo hegemônico –, foram sendo subvertidas pelo contato com a Ruaologia. A partir da leitura dos estudos propostos por Marcia Veiga da Silva (2010 e 2015) sobre gênero como categoria epistemológica na produção do jornalismo, pude perceber que o rompimento com práticas do jornalismo hegemônico que, por serem regidas por normativas masculinistas, racistas e classistas (Veiga da Silva, 2015), sempre excluíram e/ou estigmatizaram as pessoas em situação de rua, foi necessário para que o Boca pudesse, efetivamente, ser a boca das ruas.

## 1.2 PROBLEMAS DE PESQUISA E OBJETIVOS ALMEJADOS

Esta pesquisa se constrói tendo como guia as seguintes questões: como fatos noticiáveis se transformam em noticiados na produção jornalística do Boca de Rua?; como o Boca se tornou um espaço em que práticas do jornalismo hegemônico, regidas por normativas masculinistas, racistas e classistas (Veiga da Silva, 2015) são empregadas e em que medida elas são subvertidas na produção de um jornal que é pautado pelas vivências de pessoas com trajetória/em situação de rua?

Partindo das questões acima referidas, esta pesquisa tem como objetivo descrever as práticas jornalísticas do jornal Boca de Rua, entendendo-o como um ponto de contato entre o jornalismo hegemônico e a Ruaologia, e analisar em que medida ele se apropria e/ou subverte práticas oriundas deste jornalismo, que é regido por normativas positivistas, masculinistas, racistas e classistas (Veiga da Silva, 2015), na produção de um jornal que tem um lado claro: o do povo da rua.

Este estudo tem ainda o objetivo específico de descrever e analisar o conteúdo jornalístico produzido pelo Boca de Rua.

## 1.3 CONSTRUÇÃO E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para responder a estas perguntas e atingir os objetivos acima descritos, esta dissertação se desenvolveu a partir de quatro eixos de trabalho: uma pesquisa bibliográfica dos trabalhos já publicados sobre o Boca de Rua – o que inclui dois filmes

produzidos com o coletivo; a pesquisa documental, com a leitura e o fichamento de todo acervo do jornal e uma saída de campo para a seleção das fotografias que ilustram esta dissertação; a observação das reuniões de pauta entre outubro de 2022 e abril de 2025; e a análise das práticas jornalísticas do Boca de Rua percebidas no período observado, no qual foram produzidas oito edições (82-89).

Enquanto esta pesquisa se desenvolvia, outras quatro estavam sendo construídas por colaboradores junto ao coletivo, três teses e uma dissertação, nas áreas de Antropologia, Comunicação Social, Geografia e Ciências Sociais, respectivamente. A retomada do que já foi produzido sobre o jornal foi fundamental para entendê-lo como um jornal impresso com características próprias mesmo entre as publicações do gênero *street paper*, por ser produzido pela população de rua para revelar seus olhares sobre o mundo. Estas diferenças entre o Boca de Rua e outros *street papers* produzidos no mundo são apresentadas no capítulo 2, assim como os dados relativos à população de rua em Porto Alegre e no Brasil.

Desde a edição nº 0, que circulou durante a primeira edição do Fórum Social Mundial (2001), o Boca de Rua atrai a atenção de repórteres e pesquisadores de diferentes áreas por ser um veículo no qual as matérias são produzidas, apuradas, escritas e fotografadas pelo povo da rua, que tem nele a sua principal fonte de renda. Ao longo de 25 anos, as edições do Boca passaram por grandes transformações: o número 0, de dezembro de 2000, tinha apenas quatro páginas e era impresso em preto e branco. O número 89, último publicado até a defesa desta dissertação, tem 16 páginas coloridas. Desde 2020, o Boca também passou a contar com edições online – uma nova forma de venda concebida a partir da necessidade de isolamento social imposta pela pandemia de covid-19 –, que são acessadas através de um plano de assinaturas. No capítulo 3, é proposta uma retomada da história do Boca de Rua, além de serem descritas as suas práticas e estrutura.

Para entender o Boca como um jornal cujas práticas jornalísticas foram se consolidando conforme o tempo e as experiências dos integrantes do coletivo, tendo como base e em contraponto ao jornalismo hegemônico, foi preciso entender primeiro como funciona este jornalismo e por que suas práticas são como são. Nesta dissertação, esta perspectiva foi embasada por Nelson Traquina (2005a e 2005b) e Gislene Silva (2005 e 2018). Depois de perceber quais práticas o Boca de Rua reproduziu, foi a hora de buscar chaves de leitura para entender os pontos de subversão. Este movimento teve como guia os estudos de Marcia Veiga da Silva (2010

e 2015) sobre gênero como categoria epistemológica na produção do jornalismo. Esta fundamentação teórica é apresentada ao longo do capítulo 4.

Quando este estudo, de natureza qualitativa, ingressou formalmente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS, em março de 2023, ele já vinha sendo discutido há cerca de um ano nas reuniões de pauta do Boca de Rua. Para que ele pudesse se desenvolver com o comprometimento ético necessário à produção acadêmica, foi necessário que ele se assentasse em uma metodologia que contemplasse a minha inserção prévia no jornal e a consequente intervenção mútua da presença do coletivo na construção das bases desta pesquisa e desta pesquisa na prática do coletivo. Assim sendo, a metodologia que serviu de guia para a construção desta dissertação foi a pesquisa-intervenção. Além de propor uma análise das práticas jornalísticas do Boca de Rua, o presente trabalho buscou ilustrar quais foram as principais pautas/editoriais do jornal a partir de um exercício de categorização, inspirado pela metodologia da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). O percurso metodológico desta dissertação é detalhado no capítulo 5.

No capítulo 6, depois de apresentadas as fundamentações teóricas e metodológicas que conduziram este estudo, é proposta uma análise das práticas do jornal Boca do Rua, entendendo-o como um espaço de contato e tensão entre o jornalismo hegemônico e a Ruaologia. São discutidos os conceitos de repórter-vendedor e do jornalismo do Nós, elementos-chave para o entendimento da produção do jornal. Também são apresentadas as principais categorias de pautas/editoriais produzidas pelo Boca durante o período observado. As considerações finais deste estudo são apresentadas no capítulo 7.

## 2. BOCA DE RUA – UM *STREET PAPER* QUE É A BOCA DO POVO DA RUA

Todas as terças-feiras, sempre às 14h30, a porta vermelha da casa de número 188 da rua Olavo Bilac, no bairro Cidade Baixa, se abre para receber as pessoas que já se aglomeram na calçada. Esperam a chegada de um fusca, também vermelho, chamado carinhosamente de Pitanguinha. Dele, desce um casal, apelidado de mãe e pai. Assim que a mãe e o pai – ou Rosina Duarte e Luiz Abreu – chegam e a casa com nome de mulher se abre, a reunião começa. Por cerca de duas horas, são discutidas as pautas, as próximas etapas do processo de apuração das matérias, quais fotografias serão necessárias para ilustrá-las e os fatos ocorridos na semana. Às vezes em pequenos grupos, às vezes todos juntos, os repórteres discutem sobre qual abordagem deve ser escolhida para tratar determinado tema. Não seria um processo muito diferente de um jornal tradicional se não fossem as pessoas que fazem o Boca de Rua ser o que ele é: um jornal feito por pessoas em situação de rua a partir de suas vivências e do seu olhar sobre a cidade.

**Figura 1: Boca de Rua em frente à Casa Alice**



Fonte: Acervo Boca de Rua, 2022

Esta forma de trabalhar, em que as pessoas em situação de rua são protagonistas em todas as etapas de construção do jornal – como a produção, a apuração, a escrita dos textos e as fotografias –, e são, ainda, as responsáveis pelas vendas, é única no mundo. Pelo planeta inteiro existem projetos em que pessoas em situação de rua vendem jornais e revistas e se sustentam a partir desta atividade, mas em todas o papel delas fica restrito ao de vendedor, que, na maioria das vezes, precisa comprar as publicações previamente para revendê-las. Este tipo de periódico tem um nome, *street paper*, e uma organização internacional, a INSP.

## 2.1 OS STREET PAPERS E A INSP

*Você já nos viu por aí, na chuva e no frio  
No sol e no calor, nas ruas e avenidas  
Na cidade, nós vendemos histórias  
Histórias que não são contadas com frequência  
Histórias que precisam ser trazidas à luz  
Nós vendemos street papers.*

*(vídeo de divulgação da INSP<sup>2</sup>, 2023)*

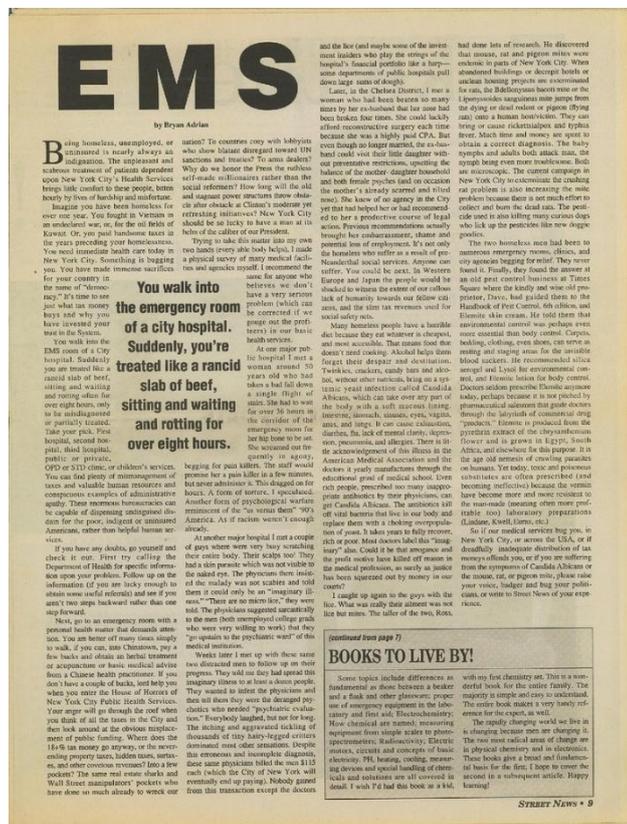
Os *street papers*, ou jornais de rua, são veículos que têm por objetivo gerar trabalho e renda para pessoas em situação de rua. Conforme descreve a INSP, “um jornal de rua é uma publicação independente vendida nas ruas por pessoas que vivem em situação de marginalização social e econômica, como a falta de moradia e a pobreza. Eles fornecem uma oportunidade de ganhar uma renda legítima, digna e imediata” (INSP, 2022, p. 6, tradução livre). Segundo Rozendo (2017), este tipo de publicação, que é vendido por pessoas em situação de risco no mundo todo, proporciona mais que geração de renda, sendo um espaço de convivência e de interação social. Estes jornais e revistas ajudam na desconstrução de imagens preconcebidas que costumam ser atribuídas aos desabrigados no mundo todo e, ao apresentarem a cultura das pessoas em situação de rua por uma outra ótica, contribuem para que a sociedade as enxergue por outros ângulos e entenda a complexidade dos grupos que não têm um lar.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://vimeo.com/764046714>

O primeiro jornal do tipo que se tem registro é o *Street News*, criado na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 1989. Conforme a reportagem *The paper that helped the homeless* (O jornal que ajudou os sem-teto, em tradução livre), publicada em janeiro de 2021 pela BBC<sup>3</sup>, o jornal foi idealizado pelo músico de rock Hutchinson Persons em resposta ao aumento expressivo do número de pessoas em situação de rua em Nova Iorque. O jornal era adquirido pelos vendedores por \$0,25 e revendido nas ruas por \$1. Os \$0,75 centavos de lucro ficavam com o vendedor como remuneração pelo trabalho.

Figura 2: Reportagem publicada em 1993 pelo *Street News*, de Bryan Adrian



Fonte: Street News, junho de 1993, p. 9

Inicialmente, o jornal foi um sucesso, vendendo 250 mil exemplares por edição. Neste modelo, o papel das pessoas em situação de rua era apenas o de vendedor, embora haja uma exceção: Lee Stringer. Stringer foi um dos primeiros vendedores do *Street News*, e chegou a escrever colunas e editar o conteúdo do jornal. Hoje, ele é

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/av/stories-55751369>

escritor, tendo publicado o livro *Grand Central Winter: Stories from the Street* (Inverno em Grand Central: Histórias das Rua, em tradução livre) em 1998. Apesar do sucesso nos anos 1980 e 1990, o periódico chegou ao fim no começo dos anos 2000, não resistindo a diversas crises financeiras intensificadas pela perseguição às pessoas em situação de rua em Nova Iorque, que chegou a proibir a venda dos jornais no metrô – o que levou alguns integrantes à prisão.

Inspirada pela experiência do *Street News*, a revista *The Big Issue* foi fundada em 1991 na cidade de Londres, também em resposta ao crescimento do número de pessoas em situação de rua na cidade. A revista se desenvolveu rapidamente, e em menos de dois anos deixou de ser mensal para ser semanal. Atualmente, a *The Big Issue* é um dos principais negócios sociais do Reino Unido e é o *street paper* de maior circulação do mundo, já tendo contado como seus colaboradores pessoas conhecidas no Reino Unido como as jornalistas Samira Ahmed, da BBC, e Rachel Johnson; o técnico de futebol e ex-jogador da Premier League Joey Barton; e o músico Mike Shinoda, do grupo musical Linkin Park. A revista ainda já entrevistou diversas celebridades conhecidas internacionalmente como George Michael, Paul McCartney, David Beckham e o Príncipe William.

**Figura 3: Capa da edição nº 1657 da The Big Issue UK, de 10 de março de 2025**



Fonte: site The Big Issue

Em uma apresentação publicada em 2011 em comemoração aos 20 anos da revista<sup>4</sup>, a *The Big Issue* descreve seu modelo de negócios: “A cada semana, a *Big Issue Company* publica uma revista. Os vendedores da *Big Issue* compram a revista por 50% do preço de capa, obtendo 100% de lucro em cada edição vendida.” (*The Big Issue*, 2011, tradução livre). O documento afirma ainda que os vendedores são sem-teto ou com pessoas com moradia vulnerável e que devem seguir o código de conduta do grupo *The Big Issue*, além de destacar que os vendedores não são funcionários da revista e que não são reembolsados pelos números que não consigam vender e que “desenvolver habilidades de finanças pessoais, juntamente com a confiança adquirida por meio de vendas bem-sucedidas da revista, é crucial para ajudar pessoas sem-teto a se reintegrarem à sociedade convencional” (*The Big Issue*, 2011, tradução livre).

Em 2023, o *Big Issue Group* publicou um relatório de impacto em que afirma que naquele ano os vendedores da revista no Reino Unido arrecadaram, juntos, £ 4 milhões. Ao longo do ano, foram 203 mil compradores únicos da revista, 5.400 assinantes e 7,9 milhões de usuários únicos no portal *bigissue.com*. O relatório destaca ainda que o “nosso compromisso com a justiça social flui por meio do nosso jornalismo. Aproveitamos o poder da narrativa para expor as causas subjacentes da pobreza e da desigualdade, dando voz a comunidades e indivíduos marginalizados e responsabilizando àqueles no poder” (*Big Issue Group*, 2023, p.11, tradução livre) e que “todos os nossos serviços contribuem para dismantelar a pobreza, seja direta ou indiretamente, desde nosso apoio a indivíduos que vivem na pobreza até nosso jornalismo e campanhas que desafiam as causas sistêmicas da pobreza” (*Big Issue Group*, 2023, p.9, tradução livre).

Com o sucesso da *The Big Issue* no Reino Unido, a revista começou a se espalhar para outras partes do mundo, como Irlanda, Escócia, Quênia, Malawi, África do Sul, Zâmbia, Austrália, Taiwan, Japão e Coreia do Sul. Além disso,

foi este periódico inglês que impulsionou o surgimento de *International Network of Street Papers (INSP)* e de vários outros projetos editoriais semelhantes criados com o objetivo de estabelecer relações entre sujeitos de níveis sociais diferentes, pelo processo de compra e venda dos *street papers*. (Montipó; Rozendo, s.d.)

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20160107064309/http://www.bigissue.com/sites/bigissue/files/TheBigIssuePresentation.pdf>

Fundada em 1994, a INSP é uma organização sem fins lucrativos que se dedica a combater a pobreza e a falta de moradia no mundo a partir da criação de *streets papers* e do aconselhamento e treinamento dos coletivos interessados em fazer parte da rede. Com sede em Glasgow, na Escócia, a INSP tem por missão ser uma rede de apoio global para os *street papers* para combater a pobreza e construir um movimento de mudança social. Segundo a instituição<sup>5</sup>, fazer parte da rede fornece “oportunidades inestimáveis de aprendizado internacional entre pares e acesso a histórias de todo o mundo, permitindo que criem revistas originais que pessoas em situação de pobreza podem vender com orgulho e pessoas interessadas em justiça social podem ler” (INSP, 2022, tradução livre). Conforme informado em seu site, a rede congrega, atualmente, 92 jornais e revistas, publicados em 35 países e em 25 idiomas. Desde 1989, ano da criação do *Street News*, mais de 390 mil pessoas em situação de pobreza já tiveram como fonte de renda a venda de um *street paper*. Em 2021, foram comercializados 13,15 milhões de exemplares em todo o mundo em cerca de 1.350 cidades. Em um guia publicado em 2022 chamado *Guide to starting & growing a street paper*<sup>6</sup>, a INSP afirma que

*street papers* existem para combater a pobreza e a exclusão social. Eles são uma forma de ajuda empreendedora, e não uma esmola de caridade: os vendedores compram seu jornal ou revista de rua local e os vendem com lucro para gerar uma renda. [...] Além do emprego, muitos jornais de rua oferecem aos seus vendedores suporte contínuo e acesso a treinamento prático e outros serviços sociais. Os jornais de rua também são mídias independentes, relatando questões de justiça social e fornecendo uma plataforma única para perspectivas alternativas e vozes não ouvidas, desafiando as percepções públicas de pobreza e injustiça social ao redor do mundo. (INSP, 2022, p.7)

Em 2025, no Brasil, além do jornal Boca de Rua, outras três publicações são filiadas à INSP: as revistas Ocas”, Traços e Aurora da Rua. A Ocas”, publicação da Organização Civil de Ação Social (OCAS), foi fundada em 2002 e atua nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Como linha editorial, divulga temas relacionados às artes e à cultura. Em suas capas, já trouxe entrevistas com nomes famosos como o ator Selton Mello e as cantoras Pitty e Teresa Cristina. A publicação é feita por voluntários e vendida por pessoas em situação de rua. Os vendedores são

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.insp.ngo/about-us/our-story>

<sup>6</sup> Disponível em:

<https://cdn.sanity.io/files/tts7bxkk/production/0184e1209602a0923fb21a9cbd4ad49e53c56263.pdf>

cadastrados e compram a revista pela metade do preço de capa para ser revendida nas ruas.

A revista Traços surgiu em Brasília em 2015 e, desde 2021, atua também no Rio de Janeiro. É uma revista dedicada a divulgar a arte e a cultura, sendo reconhecida por seu design e pela curadoria de imagens, com a maior parte de seus ensaios fotográficos produzidos exclusivamente para as edições. Como matéria de capa, já trouxe entrevistas com nomes como os cantores Pretinho da Serrinha e Ney Matogrosso e a atriz Juliana Alves. A equipe é composta por profissionais e é revendida por pessoas em situação de rua. Os vendedores adquirem a revista por R\$ 3 e a revendem por R\$ 10. Em 2024, a Traços/RJ publicou o primeiro exemplar da Tracinhos, voltada para o público infantil.

Tendo como inspiração o Boca de Rua, a revista Aurora da Rua surgiu em Salvador em 2007, a partir da iniciativa do Irmão Henrique Peregrino, da Comunidade da Trindade. A publicação conta com profissionais voluntários, que capacitam as pessoas em situação de rua e participam da construção do jornal, que tem como linha editorial o olhar das pessoas em situação de rua. Os integrantes adquirem a revista e ficam com cerca de 75% do valor de capa.

**Figura 4: Capas das revistas Ocas”, Traços RJ e Aurora da Rua**



Fonte: sites das revistas

Dentre as publicações brasileiras filiadas à INSP, o Boca de Rua é, portanto, a mais antiga em circulação e a única em que o valor arrecadado fica totalmente para o

vendedor. Quando o Boca de Rua foi fundado, em 2000, nenhuma das jornalistas da Alice conhecia a rede, portanto o Boca não foi criado tendo como base o modelo de negócios internacional, em que os integrantes precisam comprar os exemplares para revender. Foi só cerca de um ano depois da primeira reunião do coletivo que o jornal conheceu a INSP.

A primeira menção ao trabalho da rede ocorreu na edição de número 3 (2001), quando integrantes do Boca enviaram perguntas para serem respondidas por outras publicações afiliadas, tendo como mote o Dia Mundial da Erradicação da Pobreza, 17 de outubro. Sob a manchete “Dia contra pobreza une os sem-teto do mundo”, o Boca publicou relatos de integrantes de outros seis *street papers* do mundo: as *The Big Issue* da África do Sul, da Austrália, da Escócia e do Reino Unido, a *Straatnieuws* da Holanda, e a *Big News*, dos Estados Unidos. Após essa aproximação, já na edição de número 4, publicada em janeiro de 2002, o Boca passou a exibir a informação de que era membro da rede em seu expediente. Esta entrevista não foi o único contato do Boca com a rede: todos os anos, a INSP organiza um Congresso Internacional em sua sede em Glasgow, na Escócia. Neste congresso, é entregue também um prêmio promovido pela instituição. Por três anos consecutivos, 2006, 2007 e 2008, o Boca de Rua trouxe um troféu para casa.

**Figura 5: Boca com prêmio entregue pela INSP**



Fonte: Boca de Rua nº 30, p.8, 2008

Outra diferença do Boca com outras publicações, esta em nível internacional, é que, entre as 92 publicações que fazem parte da rede, o Boca de Rua é a única que, além de ser vendida, é também feita por pessoas em situação/com trajetória de rua, sendo permeada por suas vivências e marcada pela subjetividade do seu olhar na construção das pautas. Segundo Alles (2010), o Boca de Rua busca ser um espaço para que pessoas em situação de rua, que costumam ser marginalizadas tanto pela sociedade quanto pelos meios de comunicação hegemônicos, possam expressar suas opiniões, relatar suas vivências, denunciar o preconceito que sofrem e compartilhar suas perspectivas sobre o que acontece na cidade. “O jornal pretende, portanto, conceder a estes sujeitos a possibilidade de construir outra ideia sobre o que é ser morador de rua, levando leitores a revisar suas concepções e modificar noções preconceituosas, que resultam na discriminação deste grupo social” (Alles, 2010, p.42).

O desconhecimento sobre a realidade da vida nas ruas e o preconceito decorrente é um fenômeno mundial, que se torna ainda mais escancarado em crises humanitárias, como foi o caso da pandemia de covid-19 em nível global e da enchente de 2024 no estado do Rio Grande do Sul. Segundo a *Nota Técnica Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil (2012-2022)*, divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2023, estima-se que a pandemia de covid-19 tenha gerado um aumento de 38% no número de pessoas em situação de rua entre os anos 2019 e 2022. Os resultados da enchente ainda não são conhecidos, mas acredita-se que ela também tenha deixado muitas pessoas definitivamente sem casa, como questiona o Boca de Rua: “Com a enchente, centenas de pessoas ficaram como a PopRua, sem casa. Como nós, quando recolhem nossos pertences, eles perderam tudo o que tinham. Quantas famílias a mais estarão nas ruas depois das águas baixarem e dos locais de acolhimento fecharem?” (Boca de Rua, 2024, p.14).

Com uma grande parte da população desabrigada sentindo na pele o que é perder todas as suas coisas e não ter um lugar para voltar, imaginou-se que os abrigos estariam abertos para receber a todos, como iguais. Em Porto Alegre, com os bairros Centro e Cidade Baixa – que têm maior concentração de pessoas em situação de rua – alagados, o povo da rua se viu desalojado e sem poder contar com a ajuda dos “padrinhos” habituais, que precisaram sair de suas casas ou também estavam dependendo de doações de água e de alimentos. No entanto, ao tentarem acessar serviços de doação de roupas, de alimentação e de abrigo, foram novamente

excluídos, conforme denunciado na edição 87 do Boca de Rua: “Muito poucos ficaram sabendo que a PopRua não era bem-vinda nos locais onde os desabrigados da enchente foram acolhidos. Apenas em quatro lugares eram aceitos moradores de rua, três deles na zona sul, sendo de difícil acesso para a maioria” (Boca de Rua, 2024, p.14).

Apesar de a Constituição Federal garantir no Artigo 5º que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”, a população em situação de rua foi mais uma vez excluída, ficando sem ter para onde ir, sem padrinhos e sem ter acesso a roupas e alimentos. Esta fragilidade do sistema que deveria acolhê-la e garantir seus direitos passa pelo estigma que cerca quem rompe com o modo de vida burguês aceito socialmente e pelo desconhecimento que cerca a vida das pessoas em situação de rua.

## 2.2 SITUAÇÃO DE RUA: O QUE É, QUANTAS PESSOAS VIVEM E SURGIMENTO DOS SEUS MOVIMENTOS

Existem muitos termos para designar as pessoas que, por diferentes razões, acabam fazendo do espaço público das ruas as suas casas – a maioria carregada de estigmas pejorativos. Desde o seu surgimento, o Boca de Rua opta por utilizar expressões como “sem-teto”, “morador de rua” e, mais recentemente, “povo da rua”, “pessoa em situação de rua”, “população em situação de rua”, ou simplesmente “PopRua”. De acordo com a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR – antiga PNPR), instituída pelo decreto 7.053/2009,

[...] considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (Brasil, 2009)

Até a publicação da PNPSR, não era previsto em nenhum instrumento legal um censo das pessoas em situação de rua. Foi através dela que se estabeleceu, pela primeira vez, que deveria haver uma contagem das pessoas em situação de rua, e que este levantamento deveria ser referência para a estruturação e reestruturação de

serviços de acolhimento, levando em conta a necessidade de cada município. Mesmo o decreto tendo sido publicado em 2009, até hoje não foi posto em prática, e o Brasil segue sem um censo oficial das pessoas em situação de rua. Isso porque, como já denunciava o Boca de Rua em sua edição número 0, publicada em dezembro de 2000, a população de rua não é contada no Censo Demográfico.

**Figura 6: Reportagem Censo**



Fonte: Boca de Rua nº 0, 2000, p.4

O Brasil monitora as estatísticas de sua população desde o ano de 1872 através de recenseamentos periódicos. Atualmente, o Censo é promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) numa janela de 10 anos, à exceção do de 2022, em que o intervalo foi de 12 em decorrência da pandemia de covid-19. Conforme a instituição, o Censo tem como alvo “toda a população residente no país” e tem por objetivo

contar os habitantes do território nacional, identificar suas características e revelar como vivem os brasileiros, produzindo informações imprescindíveis para a definição de políticas públicas e a tomada de decisões de investimentos da iniciativa privada ou de qualquer nível de governo. (IBGE, 2022).

No entanto, por sua metodologia de coleta dos dados a partir de entrevistas realizadas nos domicílios, o Censo acaba excluindo da sua base uma parte dos brasileiros – e uma das que mais precisa de políticas públicas: a das pessoas em situação de rua. Esta dificuldade em obter um dado real sobre esta população abre a *Nota Técnica Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil (2012-2022)*, divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2023:

O Brasil não conta com dados oficiais sobre o número de pessoas em situação de rua. A instituição de contagem oficial desse segmento está prevista na Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR), instituída pelo Decreto nº7.053/2009. Contudo, e malgrado os esforços de organizações da sociedade civil e da Defensoria Pública da União, tanto o Censo Demográfico de 2010 quanto o de 2022 seguiram o método tradicional de contagem, computando apenas a população domiciliada. (Ipea, p. 5, 2023)

Contraditoriamente, o decreto que institui a PNPSR e a contagem das pessoas em situação de rua não conseguiu ser implementado de forma efetiva no país justamente pela dificuldade de se ter dados sobre este grupo. Esta ausência de informações básicas implica diretamente na criação de políticas públicas direcionadas para a população em situação de rua, como explica a Nota Técnica do Ipea:

Tal realidade implica prejuízos para a correta avaliação da demanda por políticas públicas por parte desse segmento, como foi evidenciado pela recente dificuldade do Ministério da Saúde para alocar um número adequado de vacinas contra a covid-19 para a população em situação de rua. (Ipea, p. 5, 2023)

Além da ausência de dados em relação ao número de moradores de rua, há também o desconhecimento sobre quem são essas pessoas. Segundo dados divulgados pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania através plataforma ObservaDH, 90% sabiam ler e escrever. Em relação ao trabalho, 67% já tiveram emprego com carteira assinada.

O desconhecimento sobre a realidade dessa população se reflete também no questionamento “são vocês mesmo que fazem?”, que os integrantes do Boca escutam cada vez que se deparam com um comprador que ainda não conhece o jornal – e que foi um dos motivadores para esta dissertação. Segundo reportagem publicada na edição de número 77 do jornal (2021), mais de 90% dos integrantes tinham no Boca a sua principal fonte de renda. Atualmente, a maior parte do grupo não vive mais nas ruas, por isso o jornal passou a se apresentar como uma publicação feita por pessoas em situação/com trajetória de rua.

Porto Alegre não foge a este contexto nacional de desconhecimento sobre esta população, pois não há um consenso entre os números relativos às pessoas em situação de Rua. O último estudo que tinha como objetivo mapear este grupo populacional foi feito em 2016, através do projeto “Estudos quanti-qualitativos população em situação de rua de Porto Alegre”, em uma parceria entre a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a sua fundação de apoio (UFRGS/FAURGS). Os resultados, publicados em

dezembro do mesmo ano por meio do relatório *Cadastro e Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre*, apontaram 2.115 pessoas em situação de rua. Desde então, a FASC trabalha apenas com estimativas, feitas sem o método de censo. Em 2022, esta estimativa girava em torno de 2,5 mil pessoas.

No entanto, segundo apontam dados divulgados pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania na plataforma ObservaDH, a cidade de Porto Alegre tinha 3.306 pessoas em situação de rua, sendo a sétima capital com maior incidência desta população. Esta estatística é referente ao mês de julho de 2023. A diferença quase dobra quando comparamos a estimativa da FASC com os dados disponibilizados pelo Passa e Repassa, grupo interdisciplinar de pesquisa e extensão sobre políticas públicas para a população de rua (UFRGS/UNISINOS), que, através do cruzamento de dados disponibilizados pelo Ministério de Saúde (SISAB/SUS), chegou ao número de 5.788 pessoas em situação de rua cadastradas e ativas em dezembro de 2022 em Porto Alegre.

A luta pela inclusão das pessoas em situação de rua no Censo é antiga, encabeçada por movimentos sociais. O próprio decreto que instaurou PNPSR só aconteceu após muitos anos de denúncias e pressão. A origem do coletivo que luta pelos direitos das pessoas em situação de rua, o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), é recente, tendo surgido entre o fim dos anos 1990 e começo dos anos 2000. Segundo o blog do MNPR-SP,

neste momento, uma parte da população em situação de rua, que trabalhava na catação de material reciclável, formou as primeiras associações e cooperativas de catadores, depois organizadas no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. No final dos anos 1990 e até o início dos anos 2000, inúmeras mobilizações nas principais cidades brasileiras tornaram visíveis, à sociedade e aos poderes públicos, as duras condições de vida na rua. (MNPR-SP, História do MNPR).

Uma das primeiras formas de organização da população de rua foi registrada em Brasília em 1997, em resposta ao assassinato do líder indígena Galdino Jesus dos Santos, da etnia Pataxó. Como justificativa para o crime, os assassinos afirmaram ter confundido Galdino com “um mendigo”. Ainda em Brasília, em 2001, foi promovida a 1ª Marcha Nacional do Povo da Rua, que reuniu milhares de catadores de materiais recicláveis e pessoas em situação de rua do país, embora a entidade organizadora ainda fosse o Movimento Nacional dos Catadores/as de Materiais Recicláveis (MNCR). Porém, ainda segundo o blog do MNPR-SP, foi em 2004 o grande estopim que levou à mobilização nacional desta população: a chacina da Praça da Sé, em São

Paulo. Na ocasião, sete pessoas em situação de rua foram assassinadas e 15 ficaram gravemente feridas.

Em 2004, na cidade de São Paulo, ocorreu a barbárie conhecida como chacina da Praça da Sé. O episódio vitimou fatalmente sete moradores de rua e foi seguido de outros atos semelhantes em vários pontos do País. A partir daí grupos da população de rua em São Paulo e Belo Horizonte iniciaram a mobilização para consolidar o Movimento Nacional da População de Rua. Em setembro de 2005 novamente a história da rua e dos catadores se cruzaram. Convidadas a participar do 4º Festival Lixo e Cidadania, as pessoas em situação de rua de Belo Horizonte mobilizaram outros companheiros do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Cuiabá. Foi neste encontro que houve o lançamento do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), como expressão dessa participação organizada em várias cidades brasileiras. (MNPR-SP, História do MNPR)

É neste contexto de grandes pautas internacionais e organizações sociais que circulou a primeira edição do jornal Boca de Rua em Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial.

### 3. A HISTÓRIA DO BOCA E A CONSTRUÇÃO DE SUAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

Com o início do século XXI, diversas pautas sociais que tinham começado a ser levantadas no fim dos anos 1990 foram ganhando mais espaço. Neste período, a sociedade estava discutindo profundas mudanças, pautada principalmente pelos movimentos sociais, pelas artes e pelos meios de comunicação alternativos. É o que afirma Oliveira (2019) na tese *Intervir na história: modos de participação das imagens documentais em lutas urbanas no Brasil*:

No final de 1999, na ocasião da III Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio, ocorrem as mobilizações que deram origem ao movimento antiglobalização de Seattle. Naquela oportunidade, cem mil manifestantes se reuniram nas ruas da cidade norte-americana para protestar contra as instituições promotoras das práticas econômicas neoliberais e contra os líderes políticos de diferentes países responsáveis por sua condução. O enorme porte dos protestos produz grande repercussão na mídia internacional e, a partir das redes de relação e comunicação criadas pelos manifestantes, começam a se espalhar por outros lugares do mundo, como Washington, nos próprios Estados Unidos, Davos, na Suíça, Colônia, na Alemanha, Melbourne, na Austrália, Praga, na República Tcheca. Este último protesto, realizado a propósito do Encontro do FMI e do Bird, e do qual participam jovens de 54 países, é também intensamente reprimido, o que produz nova onda de repercussão internacional. Enquanto acontecia o encontro entre FMI e Banco Mundial na cidade de Praga, São Paulo abrigava um intenso protesto com pautas semelhantes àquelas levantadas pelos movimentos internacionais. Essa mobilização reuniu alguns dos militantes que, meses depois, iriam fundar a versão brasileira do portal de notícias *Indymedia* ou *Independent Media Center* (IMC), surgido a partir do Movimento de Seattle. (Oliveira, 2019, p. 60-61)

Neste mesmo período, a cidade de Porto Alegre se organizava para sediar o I Fórum Social Mundial (FSM), que, “organizado justamente pelos movimentos altermundistas, foi responsável por promover o encontro entre pautas e movimentos insurgentes fora e dentro do Brasil” (Oliveira, 2019, p. 61). Não é por acaso que é neste contexto que surge o Boca de Rua: inspiradas pela efervescência cultural gerada pela expectativa da primeira edição do Fórum e pela ideia de que “um outro mundo é possível”, duas jornalistas da Alice, Rosina Duarte e Clarinha Glock, procuraram um grupo de jovens em situação de rua com a proposta de produzirem algum material para circular durante o evento que mostrasse essa outra Porto Alegre que só eles conheciam.

Os rapazes moravam na Praça Dom Sebastião – chamada por eles de praça do Cachorrinho porque ali funcionava um cachorro-quente muito famoso –, situada

entre o Hospital Santa Casa e o Colégio Rosário. Como resposta, ouviram que eles já haviam sido tema de uma reportagem produzida por um veículo tradicional e não tinham gostado da experiência. Tinham se sentido usados, e por isso não gostariam de participar. No entanto, fizeram uma contraproposta: queriam uma Zero Hora. O pedido, lembrado por Rosina em 2022 em entrevista ao jornal Grifo, deixava claro o desejo deles de produzir um veículo jornalístico, um jornal impresso que circulasse pela cidade e fosse capaz de romper as barreiras de silenciamento que cercam quem vive nas ruas. Eles queriam um jornal, mas um jornal que revelasse a realidade deles, sendo escrito e produzido por eles.

O começo foi duríssimo, porque eles ainda estavam muito vinculados à questão dos delitos. Um dia um deles me perguntou se eu tinha um canivete. Aí ele pegou o canivete, abriu seu joelho e de lá arrancou uma bala. A Polícia chegou a nos botar no “paredão”; os traficantes da região diziam que a gente era dedo duro, nos ameaçavam. Mas a gente foi trabalhando aos pouquinhos e a coisa mais fantástica que aconteceu foi a construção da confiança, o resto veio naturalmente, o resto foi lindo. Primeiro a gente pensou em rádio-poste. Ficava em frente ao Colégio Rosário. Mas eles foram taxativos: “A gente quer uma Zero Hora”. Quem mandou perguntar, né? (risos). A gente não tinha 1 pila! “Como é que eu vou fazer um jornal com analfabetos funcionais?” A gente trabalhava no território deles, eles cheiravam muita loló, ainda não tinha o crack. Eu dizia pra eles “pelo amor de Deus, parem de cheirar porque eu já tô ficando chapada!” Um deles olhou pra mim e disse “tu já nasceu chapada; senão, o que tu tá fazendo aqui conosco?” (Duarte, 2006)

**Figura 7: Reunião do Boca na praça Dom Sebastião, em março de 2001**



Fonte: Acervo Boca de Rua, 2001

O número de jovens que participaram deste encontro não é exato: na edição 25 (setembro, outubro e novembro de 2007), comemorativa dos sete anos do jornal, é descrito que o Boca de Rua nasceu em 12 de agosto de 2000. Em entrevista, Alexsandro Rocha da Silva (Bocão), que integrava o coletivo desde a primeira reunião, afirma que no começo eram apenas três participantes: Jéferson, Riquinho e ele. Nos números 35 (2010) e 56 (2015), que celebram os 10 anos e 15 do grupo, são mencionados quatro nomes: Bocão, Capitão Gancho, Riquinho e Jéferson. Em outras edições, é dito ainda que eram cinco e seis jovens presentes. A divergência se dá pelo fato de que o encontro acontecia na mesma praça onde vários deles moravam, portanto estavam sempre por perto, observando. Alguns já toparam logo de cara chegar e conversar, enquanto outros ficaram mais no seu canto, até que também se sentiram à vontade para participar. Um desses casos é o do Mercedes que, como afirma a edição nº 35, “no começo odiava o Boca, depois de apaixonou. Pregava fotos do jornal em todos os abrigos e albergues da cidade” (Boca de Rua, 2015, p.4).

**Figura 8: Gilberto, Diego, Alex Bocão e Mercedes na praça Dom Sebastião**



Fonte: Acervo Boca de Rua, 2001

Quanto à data do encontro, na edição nº 4 (outubro de 2001), ao noticiar a morte de Mercedes, primeiro integrante do grupo a falecer, o jornal estampou uma foto dele com a legenda: em maio de 2001, Mercedes completou um ano de trabalho no Boca. Este fato chamou minha atenção, pois sempre tinha ouvido falar que o aniversário do jornal era em agosto, como apresentado na edição nº 25. Assim, descobri que, na verdade, nenhum dos integrantes lembrava a data exata, apenas que fazia muito frio. Por isso, imaginaram se tratar do mês de agosto. Durante a pesquisa documental no acervo de fotografias do jornal, encontrei algumas imagens da comemoração do primeiro ano do Boca de Rua, quando os integrantes se reuniram na praça para comemorar com um bolo de chocolate. No verso das fotos, além da descrição do evento e o nome dos presentes, está a data: 12 de maio de 2001, comprovando que o jornal foi fundado no mês de maio.

**Figura 9: Comemoração de 1 ano do Boca de Rua, em maio de 2001**



Fonte: Acervo Boca de Rua, 2001.

Sentados: Diego, Gilberto e Rosina Em pé: Gancho, Alex Bocão e Mercedes

Apesar das divergências, é fato que a edição nº 0 do Boca de Rua ficou pronta em dezembro de 2000 e circulou a partir de janeiro de 2001, fruto daquela conversa

entre jornalistas e pessoas em situação de rua. O jornal tinha apenas quatro páginas, impressas em preto e branco, e era vendido por R\$ 1,00, o que equivalia ao preço do tão sonhado cachorro-quente vendido na praça. A tiragem esgotou ainda durante o Fórum, sendo vendido principalmente na PUCRS, que sediou parte da programação. A recepção do jornal entre os participantes do Fórum foi extremamente positiva, o que serviu de estímulo para os rapazes, que viram os meses de trabalho resultarem em muito mais do que reconhecimento financeiro.

**Figura 10: Boca de Rua no 1º Fórum Social Mundial (2001)**



Fonte: Acervo Boca de Rua, 2001

Tendo como manchete “Vozes de uma gente invisível”, a primeira capa do Boca trazia as bocas dos integrantes Alex Bocão, Capitão Gancho, Riquinho e Jéferson, sem identificá-los. Nas fotos, feitas especialmente para a capa, os rapazes intercalavam expressões como sorrisos e bocas fechadas. A imagem vinha acompanhada da frase “Mesmo o relógio parado está certo duas vezes por dia”, atribuída a Jim Morrison, e de um texto que destaca que o Boca de Rua

vem para transmitir o que se passa com o pessoal que convive nas ruas. Nós, da equipe do jornal, fazemos questão de usar esta palavra “convive” e não “vive” nas ruas. Para nós, não existe guri de rua. Porque da rua todo mundo

é. Todo mundo sai para a rua para trabalhar, para passear. Acreditamos que o Boca de Rua vai ser importante para os que convivem nas ruas, porque será a sua voz. Também para a sociedade será importante, porque vai botar na cabeça das pessoas o pensamento do pessoal que convive nas ruas. O jornal vai mostrar que nunca ninguém está completamente certo. Tem pessoa que se acha “o cara”, mas não é. Ninguém é. Se viesse pra rua não seria ninguém. (Boca de Rua, 2000)

Figura 11: Primeira capa do Boca de Rua



A edição número 0 chegou já deixando claro a que veio: de maneira corajosa, denunciava nas páginas 2 e 3 o abuso de autoridade e violência policial. Também na página 3 publicava como direito de resposta uma entrevista com o então Secretário de Justiça e Segurança Pública do Rio Grande do Sul, José Paulo Bisol. A entrevista, em formato pingue-pongue, contava com seis perguntas e tinha como manchete “O secretário responde”, demonstrando que o Boca se preocupava, desde a sua fundação, com a ética jornalística, ao buscar ouvir todos os lados citados – embora sempre tenha deixado claro que seu ponto de vista é o dos moradores de rua.

Figura 12: Trecho da entrevista com José Paulo Bisol

## O SECRETÁRIO RESPONDE

*O Boca de Rua entrevistou o Secretário de Justiça e Segurança do Rio Grande do Sul, José Paulo Bisol, sobre as denúncias de violência nas ruas.*

**Boca de Rua – O senhor sabe que os brigadianos estão matando no Centro?**

**José Paulo Bisol** – Infelizmente, eu sei que coisas semelhantes acontecem, mas assassinatos produzidos pela polícia no Centro, nos últimos meses, eu não tenho conhecimento de nenhum. Acho muito importante que, se eles (os moradores de rua) têm conhecimento de algum fato semelhante, que passem a informação para que eu possa investigar.

**Boca de Rua – Está no Código Penal que pode se atirar e matar em quem vive nas ruas?**

**Bisol** – Não, isso é uma tragédia antiga que precisa ser superada e depende muito da participação de toda a sociedade, porque não se trata apenas de transformação ou substituição de leis, mas sim de formação de uma nova mentalidade, de uma nova cultura. Até os meninos que estão me perguntando devem participar dessa luta e seria bom que eles observassem que a grande prioridade da Secretaria de Justiça e Segurança do governo Olívio Dutra é esta: a mudança da mentalidade. Nós queremos uma polícia cidadã, capaz

de mediar conflitos e que seja mais protetora do que repressiva. Então, trata-se de uma luta que tem prioridade absoluta entre nós, mas precisamos da cooperação de todos, principalmente dos jovens.

**Boca de Rua: Os brigadianos estão ameaçando um**

SIA  
VIOLE



**de nós de morte. Quem é que manda na Brigada Militar?**

**Bisol** – Não é uma questão de comando, é uma questão de informação. Se um brigadiano está ameaçando um deles, uma ameaça real, perigosa, pode vir aqui que vou recebê-lo, eu vou transformar isso numa investigação séria e vou acabar com isso.

**Boca de Rua – Se ele morrer, de quem é a responsabilidade?**

**Bisol** – Sempre que ocorrer uma morte dessa natureza, injusta, um assassinato destes, a família da vítima tem direito à indenização. Mas não há nada que pague o valor de uma vida.

**Boca de Rua – Por que os brigadianos abusam do poder e espancam até mulher “brigada”?**

**Bisol** – Não é só a Brigada que abusa do poder. O ser humano tem essa tendência. Quanto menos inteligência crítica ele desenvolve, mais essa tendência é forte. Mas nós não podemos julgar todos os brigadianos por alguns, embora estes não sejam tão poucos. Porque há brigadianos que inclusive fazem partos nas ruas, nos ônibus, e que são preparados para uma ação policial realmente digna. O que nós precisamos, mesmo, é que as pessoas vítimas dessas violências façam a denúncia no lugar correto. Por exemplo: se eles têm medo de falar com alguém, se ninguém ouvi-los, eles podem vir na Ouvidoria, que é uma instituição séria, nova, e nela trabalham pessoas muito dignas e atentas para essas injustiças. Inclusive o nosso ouvidor é uma pessoa que passou a vida inteira, continuamente, incessantemente lutando pelos direitos humanos, principalmente dos menos favorecidos.

**Boca de Rua – Como o senhor se sente tendo toda essa responsabilidade?**

**Bisol** – Sinceramente, eu me sinto cada vez mais triste, mas também cada vez mais firme na ideia de que nós estamos começando uma mudança realmente

### 3.1 PROJETO GRÁFICO E LOGOTIPO

Desde a primeira edição, o Boca de Rua tem o projeto gráfico desenvolvido pela jornalista e artista plástica Cristina Pozzobon, da Alice, que também é a responsável pela diagramação. Conforme descrito no livro *Incomuns Mortais*, que busca detalhar a metodologia de trabalho desenvolvida pela Alice,

o projeto gráfico de um veículo alternativo deve partir de um debate coletivo orientado por um profissional da área (design gráfico) seguindo uma proposta clara: ser um contraponto à informação veiculada na grande imprensa. Ou seja: em nenhuma hipótese poderá ter como modelo um veículo midiático tradicional. Ao contrário, deverá espelhar a “cara” do grupo. (Alice, no prelo, s.p.)

A diagramação do jornal não ocorre durante as reuniões do coletivo, mas tem aspectos como capa e a manchete principal discutidas pelo grande grupo, que também aprova a versão final antes de ir para a impressão. O espaço que cada texto irá ocupar no jornal também é um reflexo do trabalho de apuração e produção do coletivo, assim as pautas mais elaboradas ganham um destaque natural na diagramação. Quem faz a ponte entre o que foi discutido no grupo e a diagramação é Rosina, que cumpre a função de editora. Nesse aspecto, a produção do Boca é similar a uma redação tradicional, onde os repórteres que produzem o conteúdo não participam diretamente da diagramação, que é feita por profissionais específicos.

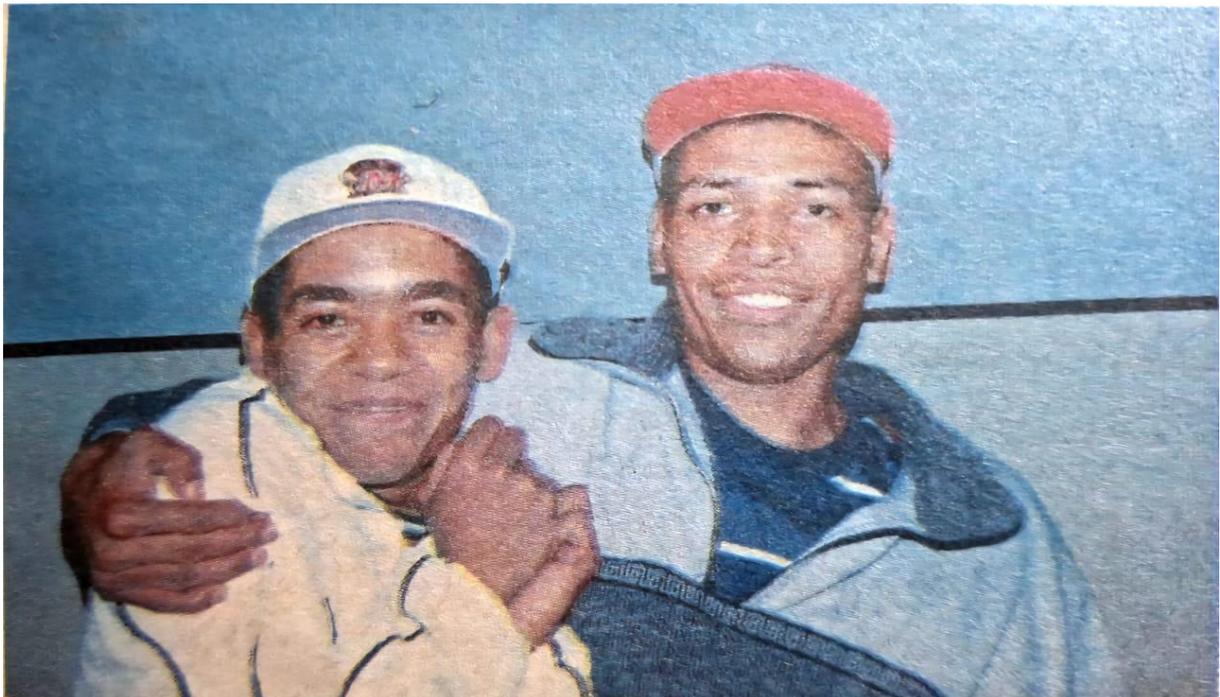
No entanto, no Boca de Rua todos os repórteres são ativos no processo decisório, como a escolha de ter uma única foto e uma manchete na capa, diferentemente dos outros jornais, que costumam apresentar na sua capa manchetes dos principais acontecimentos do dia. Embora o projeto gráfico seja assinado por Cristina, o Boca de Rua é o autor de elementos centrais, como o seu logotipo.

#### 3.1.1 A boca do Boca

Como tudo que envolve o jornal, o nome e o logotipo também foram idealizados por seus integrantes. O nome do Boca de Rua, sugerido por Jéferson, foi escolhido em uma votação apertada, concorrendo com outras quatro sugestões. O logotipo do Boca, uma boca aberta, gritando, foi criado por Riquinho em um dia de chuva, como conta o livro *Incomuns Mortais*:

Chovia, pouco, mas chovia. [...] Naquele dia, porém, os pingos eram tão preguiçosos que não impediram Riquinho de finalmente decidir-se a fazer o logotipo do jornal. [...]. Riquinho, pulso firme apesar da loló, candidatou-se para desenhar as letras. Mas ele enrolava. Toda a semana tinha uma desculpa. Naquele dia, apesar da chuva, acabou cedendo à pressão do grupo. Como as reuniões do jornal eram feitas na praça, acomodou-se no chão e transformou um banco de cimento em prancheta. Dez ou quinze minutos depois o logotipo estava pronto. Apesar de um pouco respingado pela chuva, era irretocável. Na frente e no final das palavras, destacavam-se sinais de igualdade – o maior desejo de quem clama por justiça. O “de” que unia as duas palavras principais, lembrava tridentes de diabo e também a autodefinição usada por muitos dos meninos criados sem uma família nem um teto - “nós somos uns diabos”. E no centro de tudo, grande e vermelha, uma boca aberta. O dono ou dona daquela boca não estava bocejando, nem cantando: estava gritando. Era uma boca quase idêntica a da figura pintada por Munch no quadro célebre “O grito”. Mas Riquinho nunca tinha visto uma reprodução da obra. Era o grito de Riquinho. O grito daqueles 10 guris e gurias habitantes das praças, das ruas, dos esgotos. Era a boca de todos eles gritando por socorro, gritando em protesto, gritando por dignidade na rua, o único lar. (Alice, no prelo, s.p.)

**Figura 13: Jéferson e Riquinho, autores do nome e do logotipo do Boca de Rua**



Fonte: Boca de Rua, nº 56, 2019, p.3

A Boca já foi concebida vermelha, tão escancarada que era possível as amígdalas no fundo da garganta. Como nos primeiros anos o jornal não tinha cor, o vermelho era representado por um tom de cinza mais claro. A boca ganhou tons colorados a partir da edição 28 (2008), quando, depois de muitos anos sonhando, o jornal começou a ser impresso em cores.

Em 25 anos, o logotipo nunca mudou, apenas ganhou companhia. Em 2010, para comemorar os 10 anos do projeto, ao lado do sinal de igualdade que fecha o símbolo do Boca, foi acrescentado, no mesmo tom de vermelho, um selo com a idade do jornal. A menção à idade do projeto ao lado do logotipo só voltou no número 56 (2015), na edição que marcava os 15 anos do Boca – e não deixou o projeto gráfico nunca mais. Desde então, o Boca de Rua segue celebrando a sua existência a cada nova edição.

**Figura 14: Cabeçalhos do Boca de Rua**



Fonte: Boca de Rua nº 0, 35 e 88

### 3.1.2 A impressão

Quando os rapazes moradores da praça do Cachorrinho propuseram a construção de um jornal, Rosina e Clarinha toparam imediatamente para não perderem o compromisso que tinham com os jovens, mas não tinham nem ideia de onde tirariam dinheiro para financiar o projeto. Quanto custaria rodar uma tiragem que fosse o suficiente para dar um retorno financeiro justo pelas horas trabalhadas? Com cerca de um ano em funcionamento, a Alice ainda não era nem registrada<sup>7</sup> quando

<sup>7</sup> Apesar de ter sido fundada em 1º de julho de 1998, a Alice só foi registrada formalmente em 17 de janeiro de 2005.

assumiu a responsabilidade de viabilizar a impressão do jornal, por isso foi atrás de parcerias.

Como as jornalistas fundadoras do Boca já tinham trabalhado nos veículos do Grupo RBS, o jornal foi apoiado pela Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho (FMSS) nos 13 primeiros anos. Conforme afirma Alles (2010), a maior parcela dos jornais era financiada pela FMSS, e o restante completado pela Alice. A impressão era feita nas gráficas do Grupo.

O jornal é impresso com apoio da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho (FMSS), entidade vinculada ao grupo de comunicação RBS. A impressão é feita nas gráficas dos veículos do grupo, mais freqüentemente na gráfica do jornal O Pioneiro, de Caxias do Sul. (Alles, 2010, p 35)

As primeiras edições do Boca eram impressas na Gráfica da Zero Hora, na capital. Em uma visita realizada em 12 de junho de 2001, dois integrantes do coletivo puderam conhecer as máquinas que rodavam o Boca de Rua, como ilustra a foto:

**Figura 15: Giba (D) conhece a gráfica da Zero Hora**



Na edição de nº 35 (2010), comemorativa aos 10 anos do Boca, descreve-se que, após a diagramação, “mandam pra gráfica do jornal O Pioneiro, de Caxias do Sul. O jornal vem de ônibus e o Francisco, secretário da Alice, traz para o lugar do encontro, onde ele é distribuído” (Boca de Rua, 2010, p.4). No entanto, no expediente de todas as edições que contaram o apoio – que seguiu até o número 49 (2013) – a impressão é creditada à Gráfica Zero Hora.

Esta parceria, conforme Alles (2010) sempre foi muito discutida entre os colaboradores do Boca, pois ao mesmo tempo em que financiavam a impressão do Boca de Rua, os veículos do grupo RBS seguiam reforçando preconceitos contra pessoas em situação de rua “definindo-os como ‘sujos’, ‘criminosos’, ‘constrangedores’ e não lhes permitindo qualquer espaço enquanto fontes de tais matérias” (Alles, 2010, p 44). Destaca-se aqui que a FMSS apenas financiava parte da edição e rodava a impressão, não tendo acesso a nenhuma etapa da produção do jornal nem interferindo na sua produção noticiosa.

### 3.1.3 A evolução das edições

Quando a primeira edição foi publicada, o jornal contava apenas com quatro páginas e era, como os integrantes gostam de lembrar, “só uma folha dobrada no meio”. Foi assim até o nº 9 (na edição consta erroneamente como nº 8, que foi duplicado), de fevereiro, março e abril de 2003.

O aumento de quatro para oito páginas se deu pela criação do Boquinha, suplemento feito por crianças e adolescentes de 3 a 16 anos. O Boquinha ocupava três das quatro novas páginas, então, na prática, o conteúdo produzido pelos adultos do Boca de Rua ganhou apenas uma. O preço se manteve em R\$ 1,00.

Por sete anos e 27 edições, os integrantes do coletivo sonharam com o dia em que o jornal deixaria de ser preto e branco. A impressão colorida não era uma opção pois aumentava consideravelmente o custo da gráfica. O sonho do Boca ganhou o papel em 2008, quando a edição nº 28, referente aos meses abril, maio e junho de 2008, ganhou as ruas com todas as oito páginas coloridas. Apesar ter dobrado seu número de páginas e passado a ser rodado em cores, o jornal teve seu preço de venda mantido em R\$ 1,00.

Figura 16: Capa da primeira edição em cores



Fonte: Boca de Rua nº 28, 2008, p.1

O primeiro reajuste de preço ocorreu apenas em 2014, na edição nº 52, de abril, maio e junho de 2014. Em janeiro de 2001, ano de circulação do primeiro jornal, o salário-mínimo no Brasil era de R\$ 151,00. Em 2014, ano em que o salário-mínimo era de R\$ 724,00, o preço subiu para R\$ 2,00.

Figura 17: Nota sobre o primeiro reajuste de preço



Fonte: Boca de Rua nº 52, 2014, p. 8

Apesar de algumas edições especiais terem um número maior de páginas, o padrão seguiu sendo oito até a edição nº 56, de julho, agosto e setembro de 2015 e comemorativa aos 15 anos, quando o jornal passou a contar com 12 páginas. Destas 12, três continuavam sendo destinadas ao Boquinha, que já estava no nº48. Dois anos depois, o Boca ganhou mais quatro páginas e chegou ao número de 16, que se mantém até os dias de hoje. Foi na edição de número 63, relativa aos meses de abril, maio e junho de 2017. O suplemento Boquinha foi publicado pela última vez em 2019, no Boca de Rua de nº 70, referente aos meses de janeiro, fevereiro e março, depois de exatos 16 anos e 63 edições. A partir de então, todas as 16 páginas são produzidas exclusivamente pelos adultos do coletivo.

Ao longo de 20 anos, o jornal sempre se esforçou para manter a periodicidade trimestral, ou, mesmo com um atraso de um ou dois meses, publicar quatro edições por ano. Quando um número atrasava, o outro precisava se adiantar. Mas com a pandemia de covid-19, no ano de 2020 foram publicadas apenas três edições. Produzidas respeitando as normas sanitárias vigentes, como o distanciamento social e o uso de máscaras, as edições de nº 74, 75 e 76 nunca chegaram a ser rodadas, sendo apenas virtuais.

Com todos isolados em suas casas, as ruas ficaram vazias e a venda do jornal se tornou inviável. Foi quando Leandro, cujo falecimento fez nascer em mim a vontade de me reaproximar do coletivo, sugeriu que o Boca de Rua também migrasse para o digital. Através das redes sociais do Boca, foi lançada uma campanha de assinaturas<sup>8</sup>. Durante os meses em que a venda nas ruas era inviável, o valor arrecadado foi dividido entre os integrantes. Somou-se a este montante o valor que seria destinado à impressão. O coletivo precisou fechar as reuniões de pauta a visitas e parceiros e o ingresso de novos membros, limitando o número de participantes ao máximo de 30. A cada semana eram distribuídos entre R\$ 30 e R\$ 60 para cada um, como forma de remuneração pelo trabalho de produção do jornal. A soma necessária para garantir este valor ainda era muito superior ao arrecadado através da campanha de assinaturas e o dinheiro que seria da impressão, então a Alice precisava completar o que faltava. Este formato exigia ainda que, antes de cada reunião, um integrante da Alice fosse ao banco sacar o dinheiro trocado para entregar o valor exato para cada

---

<sup>8</sup> A campanha conta com planos de assinatura com valores a partir de R\$10 por mês, debitados diretamente do cartão de crédito dos assinantes, e pode ser acessada em: [bit.ly/AssineOBoca](https://bit.ly/AssineOBoca)

um. Apesar das dificuldades, todos os integrantes foram remunerados semanalmente durante todo o período de isolamento social.

Figura 18: Capa da edição nº 75, virtual, de abril, maio e junho de 2020



Depois de três números virtuais, a edição de nº 77, de janeiro, fevereiro e março de 2021, voltou a ser impressa. O grupo considerou que o valor do exemplar do jornal estava defasado, e o reajustou para R\$ 3,00, preço que se mantém até hoje.

### 3.1.3.1 O Boquinha

**Figura 19: Boquinha na Redenção**



Fonte: Acervo Boca de Rua

No começo dos anos 2000, quando o Boca de Rua foi criado, ainda não havia políticas públicas como o Bolsa Família, e um grande número de crianças e adolescentes viviam nas ruas de Porto Alegre. Desde a sua fundação, o Boca de Rua foi um espaço aberto a gestantes, mães e famílias, por isso sempre contou com a presença de crianças e adolescentes – normalmente filhos, sobrinhos, netos ou protegidos de algum integrante. Até o início de 2003, as reuniões do coletivo aconteciam sem nenhuma divisão etária e todos participavam da produção do jornal.

No entanto, como afirma Márcia Anselmo (2009),

no decorrer dos encontros, a prática foi se tornando inviável, pois a equipe não havia desenvolvido metodologia para trabalhar com o público infanto-juvenil. Ao mesmo tempo, por considerarem preciosas as contribuições das crianças e adolescentes, não queriam excluí-las da possibilidade de participação no jornal. (ANSELMO, 2009, p.95)

Havia ainda o fato de que as crianças e adolescentes, por participarem da produção do jornal, também queria vendê-lo nas ruas, o que configuraria trabalho infantil – o que não era permitido nem pela Alice nem pelas regras do coletivo. A preocupação com a venda indevida de jornais por este público resultou na inclusão da mensagem “Não compre de crianças e adolescentes” no cabeçalho do jornal, que foi publicada a primeira vez na edição nº 10, de setembro, outubro e novembro de 2003, e se mantém até hoje.

Assim, partindo da sugestão de André Luiz, o Alca – integrante do coletivo –, e “da preocupação dos pais em realizar algo prático para evitar que seus filhos repetissem suas sofridas trajetórias” (Boca de Rua nº 53, 2014, p.7), foi fundado o Boquinha, suplemento onde eram publicados os desenhos, textos e fotos produzidos pelas crianças e adolescentes. A metodologia de trabalho do Boquinha também foi se desenvolvendo a cada encontro, tendo como base a experiência de trabalho do Boca.

Figura 20: Capas Boquinha 1 e 56



Fonte: Boca de Rua nº 9, 2003 e Boca de Rua nº 63, 2017

Como descreve o livro *Incomuns Mortais*,

o objetivo do Boquinha era mostrar o mundo às crianças e as crianças ao mundo. O “mundo” a ser mostrado ia além da violenta dureza das ruas. Para isso, o grupo fazia passeios a diversos locais da cidade, incluindo cinemas, teatros, parques, museus, exposições, entre outros. Também desenvolvia atividades artísticas e de lazer, sempre exercendo a participação coletiva. A segunda parte do objetivo – mostrar as crianças para o mundo – pretendia apresentar à sociedade a capacidade destas crianças de criar, produzir arte e linhas de pensamentos singulares e importantes para subsidiar tanto as políticas públicas quanto os conceitos a respeito desta população. Ao contrário do que se costuma repetir, crianças em situação de vulnerabilidade social não têm menos capacidade nem criatividade. (Alice, no prelo, s.p.)

As reuniões do Boquinha aconteciam em paralelo às do Boca de Rua, conduzidas por colaboradoras da Alice. O projeto tinha suas próprias regras de convivências, que foram construídas junto com eles, e incluíam “respeitar sempre, não usar drogas antes ou durante as reuniões, evitar xingar e usar palavrões, chegar no horário, estudar, cuidar da sala e do material, entre outras” (Anselmo, 2009, p. 96). O nome foi escolhido em votação, que, além de Boquinha, tinha entre as sugestões o nome Boca Júnior. O logotipo do projeto também foi criado pelo grupo.

**Figura 21: Logotipo Boquinha**



Fonte: Boca de Rua nº 53, 2014, p.1

Segundo Anselmo (2009), os pais e/ou responsáveis pelos integrantes eram convocados a participar, uma vez por mês, de uma reunião que tinha como objetivo conversar sobre o impacto da participação de cada criança no projeto e sobre sua situação social. Destas conversas surgiu a coluna “Mãe Coruja”, que em cada nova edição publicava no Boquinha uma crônica escrita por uma das mães.

Figura 22: Coluna Mãe Coruja, escrita por mães do Boquinha



## Planos e objetivos

Quem nunca sonhou com o que podia ser e não é, o que podia ter e não tem? Quem nunca sonhou com miragens e teve que viver com pesadelos? Este é o nosso maior problema: acordar e conviver com a realidade e seus obstáculos infinitamente difíceis.

Mas viver é mais do que sonhar. Viver é não se entregar, é se esforçar para realizar os nossos sonhos. Talvez nada seja como gostaríamos. Talvez a gente não se encontre onde escolheu para estar. Mas desanimar não é uma opção. Recomeçar é. Pois, se não for assim, o amanhã pode ser tarde, pode ser nunca.

Há sonhos possíveis. Trabalhar, voltar a estudar, comprar as coisas que faltam para dentro de casa - um tanquinho para lavar roupa, ou um DVD para ver filmes com a família, por exemplo. Na verdade, nem chegam a ser sonhos, são objetivos. Mesmo estes, porém, não são fáceis. Só que sem eles não há caminho para a realização do sonho maior, que é dar uma vida melhor do que a nossa para nossos filhos e diminuir a tristeza deles.

Mãe precisa ter motivação e que melhor motivação do que os filhos? Eles são a nossa força mental e o poder do pensamento é o primeiro passo. Sonho é diferente de plano, de objetivo, mas não existe e nunca vai existir sem eles.

Mara Lúcia, Mara Rejane e Fernanda

A participação das crianças no projeto era viabilizada por um auxílio mensal:

Como a maioria dos integrantes do Boquinha teve vivência de rua, o projeto prevê que cada criança tenha acompanhamento de sua situação social, por meio das reuniões, e um apoio financeiro para que possam participar do projeto, pois os integrantes residem em diferentes regiões da cidade e precisam se locomover até o centro para realizar as atividades. Os R\$ 40,00 recebidos mensalmente, além de ajudarem nas despesas, evitam que os participantes, menores de 16 anos, vendam os jornais nas sinaleiras, atitude que é proibida pela Alice. (Anselmo, 2009, p. 96)

Quando o Boquinha surgiu, a maior parte das crianças e adolescentes participantes vivia e dormia nas ruas. Ao longo dos 16 anos, muitas crianças que fizeram parte dos primeiros anos do grupo tiveram seus filhos, que também passaram pelo projeto. Em 2019, a realidade do país era outra, e – graças às políticas públicas – já não se via mais tanta criança nas ruas. Entre a turma que participou das últimas edições, todos moravam com familiares e frequentavam a escola.

#### 3.1.4 Estrutura das edições atuais

Desde 2017, as edições do jornal Boca de Rua têm 16 páginas, todas coloridas e em formato em tabloide (43x28cm). As impressões são feitas no parque gráfico do Grupo Sinos. Por não ser um jornal diário, a capa do Boca não reproduz a estrutura de um jornal tradicional, com diversas fotos e manchetes, assemelhando-se mais com a estrutura de uma revista, com uma única grande foto que remete à reportagem principal da edição. O Boca não aceita nenhum tipo de publicidade – todo o jornal é preenchido com conteúdo autoral. Mesmo quando procurado por parceiros para a republicação de releases de eventos ou de reportagens de interesse da população de rua, a prática do coletivo faz com que estes sejam transformados em reportagens.

A tiragem não é exata, e varia conforme o valor arrecadado entre apoiadores, assinaturas, vendas coletivas e o número de integrantes ativos no coletivo, mas fica sempre entre 8 e 12 mil cópias. Como a tiragem é feita para ser vendida ao longo de três meses e os participantes recebem uma cota semanal, é preciso ter um limite no número de vagas, que gira em torno de 35. Em média, os repórteres recebem entre 50 e 60 jornais como remuneração pelo seu trabalho. Cada edição custa R\$3,00 e pode ser encontrada nos principais cruzamentos da cidade, sempre pelas mãos dos integrantes do grupo.

## 3.2 COMO É FEITO O BOCA

### 3.2.1 Funcionamento das reuniões

Quando os(as) integrantes do jornal Boca de Rua se reúnem, formam uma roda. Ninguém fica na frente ou atrás de ninguém e se olham nos olhos da mesma distância. Qualquer um(uma) tem direito de falar com liberdade. Somos um círculo e a ALICE é o mastro que mantém este círculo em pé, como uma lona das barracas que muitas vezes a gente dorme. É o nosso ALICErce. (Alice, no prelo, s.p.)

Como toda redação, o Boca tem suas reuniões de pauta fechadas. Devido à grande demanda de estudantes e pesquisadores que gostariam de acompanhar os encontros do grupo e ver como o jornal é feito, é possível entrar em contato com o coletivo, explicar o motivo do interesse e, caso haja aprovação, é realizado um agendamento prévio para a observação.

O projeto é autogestionável e pelo menos uma vez por ano, esta e as outras regras que regem o coletivo são repactuadas em uma reunião chamada “DeBate-Boca”. Estas regras não são impostas por nenhuma autoridade, e sim foram se construindo ao longo dos anos a partir do debate de ideias e conforme as situações foram surgindo. Em 2009, conforme descreve Alles (2010), eram 12 regras, escritas em sentenças curtas e todas começadas pela palavra não:

a) não roubar os pertences dos companheiros do grupo ou algo do local de reuniões; b) não desrespeitar qualquer integrante ou coordenador; c) não chegar sob efeito de drogas ou álcool à reunião; d) não agredir fisicamente os companheiros; e) não utilizar qualquer entorpecente durante a reunião; f) não comer durante a reunião; g) não dormir durante a reunião; h) não vender o jornal sob efeito de drogas; i) não repassar o jornal para pessoas que não fazem parte do grupo; j) não vender o jornal sem todas as partes que o compõe; l) não vender o jornal sem portar o crachá que identifica o projeto; m) não pedir dinheiro utilizando o jornal ou o crachá. (Alles, 2010, p.32-33)

Em 2025, as Regras e Combinações de Convivência do Jornal Boca de Rua vigentes em 2025 (anexo I) estão escritas em um documento de 4 páginas que, mais do que uma lista proibitiva, funciona como uma constituição própria, apresentando os direitos e deveres dos integrantes. Entre os itens previstos, há uma única regra que nesses 25 anos, segue sendo constantemente descumprida: a proibição da venda de jornais por pessoas que não fazem parte do coletivo. Conforme consta nas regras, os integrantes dos jornais não podem passar “folhas” para serem vendidas por quem não faz parte do Boca, sendo previstas as seguintes penalidades:

primeira vez – 1 mês, sendo que precisa frequentar as reuniões neste período, porém sem receber jornais nem apoios. Segunda vez – 3 meses (com frequência). Terceira vez – suspensão por tempo indeterminado. Se houver reclamação do cliente, deve se tentar investigar qual o nome estava escrito no jornal e/ou o local onde foi vendido e/ou a descrição física da pessoa. No caso de identificação, a pessoa será suspensa por tempo decidido pelo coletivo, durante a reunião. (Regras e Combinações de Convivência do Jornal Boca de Rua – anexo I)

Como o regramento do jornal foi criado coletivamente e é repactuado pelo menos uma vez por ano, os integrantes o conhecem muito bem e costumam segui-lo, de modo que as penalidades foram aplicadas poucas vezes em todos os anos de Boca. Mas o cumprimento da regra de não repassar jornais para quem não faz parte do coletivo – por mais responsabilidade que eles tenham com a imagem do Boca – esbarra na solidariedade entre o povo da rua.

Cada edição do Boca de Rua custa R\$ 3,00. Este valor pode não parecer muito entre a população domiciliada, mas, para quem tem fome, dois ou três exemplares vendidos já garantem pelo menos um lanche. Ao ver um amigo passando necessidade, muitas vezes os integrantes acabam entregando algumas edições como forma de ajudar. Também já houve denúncias de pessoas vendendo o Boca com apenas um exemplar na mão – muitas vezes sujo e amassado – e irem embora logo após pegar o dinheiro, sem entregar o jornal. Para combater essa prática, periodicamente o jornal publica comunicações para os leitores, lembrando que seus integrantes costumam estar identificados e ter mais de um exemplar nas mãos.

**Figura 23: Comunicação com os leitores sobre a venda irregular de jornais**



Fonte: Boca de Rua nº 83, 2023, p.16

O constante descumprimento desta regra gerou, inclusive, mudanças na dinâmica das reuniões e no projeto gráfico do jornal. A partir da edição nº 21 (2006),

a capa do Boca passou a contar com um espaço para a assinatura do vendedor. Assim, qualquer problema que houvesse durante a venda, seria possível identificar o responsável. A mudança impactou no funcionamento das reuniões, que tiveram seu tempo reduzido porque os integrantes começaram a assinar todos os exemplares recebidos no dia. A cota é entregue sempre ao final da reunião por Luiz Abreu, que já deixa os fardos separados. Todos assinam e os colaboradores têm a função de fazer a contagem final e a conferência das assinaturas.

### Figura 24: Campo de assinatura



Fonte: Boca de Rua nº 89, 2025

Também está previsto nas regras o combinado de que o atraso máximo permitido para o recebimento dos exemplares para venda é de 15 minutos. As reuniões começam às 14h30 e todos os que chegarem após as 14h45 terão sua presença contabilizada, mas não receberão sua cota de jornais – a menos que o atraso seja justificado com algum documento, como o comprovante de comparecimento em consultas médicas, por exemplo. Apesar de não receberem seus exemplares, eles podem ser “apoiados” por outros integrantes, assim terão algumas folhas para vender ao longo da semana. Ter presença é importante pois o número máximo de faltas injustificadas que um integrante pode ter é de 3 encontros. Excedendo isso, o participante é “desligado”. Para retornar ao coletivo, é preciso assistir a três reuniões seguidas sem direito a pegar o jornal, como qualquer novo integrante, e é necessário que haja vagas. Estão previstas também punições para casos em que um integrante agrida um companheiro, interrompa a fala de alguém muitas vezes, compareça sob o uso de alguma substância psicoativa ou até mesmo durma durante a reunião.

Exceto quando uma pauta está atrasada e o grupo precisa de todo o tempo do encontro para finalizá-la, as reuniões começam com os informes. Nesse momento, todos podem compartilhar informações que considerem relevantes para o grupo. Não é raro que, destes relatos, surjam sugestões de pauta. É também durante os informes que são avaliados os convites de participação do coletivo em eventos e as solicitações

de pessoas que gostariam de fazer algum trabalho acadêmico ou reportagem com o grupo. Além disso, são repassadas as mensagens que chegam aos colaboradores através do e-mail ou das redes sociais do Boca de Rua. Não há uma combinação de duração máxima para esta parte, portanto o tempo dos informes depende da quantidade de comunicados que serão partilhados e debatidos pelo grupo. Quando uma edição está em processo de fechamento e a reunião fica mais corrida, os informes costumam ser mais curtos e objetivos, só com informações essenciais que não podem esperar uma semana para serem avaliados pelo coletivo.

No segundo momento, começa efetivamente a reunião de pauta. A forma como ela acontecerá depende do que foi combinado na semana anterior e da necessidade de construção de cada reportagem. Algumas vezes, quando a pauta é de interesse de todos os integrantes e demanda uma entrevista, uma pessoa especialista é convidada a comparecer à reunião para conversar com todo o coletivo, que previamente prepara perguntas. Esse tipo de reunião costuma acontecer, principalmente, quando o tema envolve questões de saúde, como por exemplo dados sobre a prevalência da tuberculose em pessoas em situação de rua e medidas de prevenção da doença. Porém, majoritariamente, as entrevistas são feitas por dois ou três integrantes fora do horário da reunião.

A estrutura mais comum dos encontros é a divisão em dois grupos de trabalho, com pelo menos um colaborador em cada. O colaborador, categoria na qual me enquadro no funcionamento do coletivo, é o responsável por anotar as falas de todos, que depois serão digitadas e transformadas no texto das matérias. Depois desta etapa, o colaborador fica responsável por ler o texto com o grupo de trabalho, que fará as correções devidas para que a reportagem represente o que o coletivo quer dizer.

No livro *Incomuns Mortais*, a Alice buscou descrever como esse processo de transpor as informações coletadas oralmente com o grupo para a forma de texto acontece. Estes procedimentos não são apresentados aos novos colaboradores como um manual, então é necessário que, tal qual qualquer integrante, eles vão se apropriando do funcionamento do jornal à medida em que acompanhem as reuniões de pauta. Assim sendo, as situações abaixo descritas são uma síntese de como os procedimentos acontecem, e não uma regra que os engesse. Apesar de ser um trecho longo, opto por mantê-lo na íntegra, tal qual consta no livro, por julgar que sua leitura é relevante para o entendimento de como funciona este processo:

### Como compor o texto final

#### Situação 1 – Textos coletivos ou individuais relatados oralmente:

A partir da noção de como se conta uma história jornalística, um grupo - ou mesmo um único integrante - relata a história pretendida. A partir do texto bruto transcrito para o papel por um dos colaboradores, são trabalhadas a transposição da primeira pessoa para a terceira pessoa, se for o caso. Por exemplo: Paulo contou “Eu estava na rua e vi um homem com muito frio~eçku, embaixo da marquise. Era de noite, eu não conseguia dormir por causa do frio. Chovia muito”. Estas frases, exatamente como ele disse, foram transcritas para o papel. Ao mesmo tempo, foi pedido ao resto do grupo para complementar a notícia. O responsável anotou perguntas e respostas: “Que horas eram? 23 horas. Que dia aconteceu? No domingo”. Completadas a informações, o texto volta aos autores. Nesta fase são confirmadas as informações, o posicionamento destas informações no texto (o mais importante vem primeiro) e substituídas as palavras repetidas.

#### Situação 2 – Entrevistas gravadas:

No caso de entrevistas gravadas, o primeiro passo é elaborar a pauta (perguntas) previamente e organizar quem irá participar da atividade. Após a gravação, a entrevista pode ir para o jornal na forma de pingue-pongue (perguntas e respostas) ou compor parte de um texto. Para transformar esta entrevista em texto, são pinçadas apenas as respostas e, posteriormente, as informações são organizadas por ordem de importância, conforme critérios da história jornalística. Ou seja, exatamente como é feito para transformar histórias orais em textos. Normalmente isso é feito com a ajuda dos colaboradores, mas muitos integrantes já conseguem escrever sozinhos ou servir como facilitadores de um grupo.

#### Em todas as situações:

Depois de digitados por um dos técnicos, os textos devem voltar ao grupo para eventuais correções, relocalizações, acréscimos. Também podem ser substituídos verbos, palavras ou informações repetidas. (Alice, no prelo, s.p.)

Nas reuniões de pauta, a divisão dos grupos de trabalho pode ser feita por temas de interesse ou então pelo envolvimento pessoal de cada um com o assunto. Das edições que observei a produção um dos exemplos desta forma de divisão pode ser o da reportagem de capa da edição de nº 86, de março, abril e maio de 2024. Este número, que começou a ser comercializado no mês da mulher, tem como manchete de capa a pergunta “Cadê meu filho?” e o seguinte texto de apoio: “Sequestram crianças no Brasil. Hoje são os filhos das famílias de rua, mas acontece desde a escravidão. Quem faz isso não são bandidos e sim o Estado. É um sequestro permitido por lei”.

Figura 25: Capa da edição 86



Fonte: Boca de Rua nº 86, 2024

O grupo de trabalho que participou da construção desta reportagem foi formado pelas mulheres do coletivo, cuja maior parte passou pela experiência de ter um filho levado pelo Estado. Enquanto este grupo se reunia num canto da sala, do lado oposto o outro estava dedicado às outras pautas que compõem a edição.

Quando a pauta principal é um assunto que é de interesse de todos, não há divisão. Foi o que ocorreu na edição 87. Conforme veremos mais adiante, este número precisou ser reescrito após o incêndio na Pousada Garoa, fato que mexeu com os integrantes do coletivo. Por isso, as principais matérias dessa edição foram construídas por todos, em um grande debate.

**Figura 26: Reunião do Boca de Rua em grande grupo, em 11 de março de 2025**



Fonte: foto de Fábio Saraiva (redes sociais)

A terceira e última etapa é a distribuição dos jornais. A quantidade muda de acordo com o número de exemplares que ainda restam da tiragem e a quantidade de participantes na reunião, mas, na maioria das vezes, fica entre 50 e 60 exemplares. Todos os habilitados recebem a sua cota e, conforme a regra estabelecida no “DeBate-Boca”, devem imediatamente assiná-los. Depois, os colaboradores fazem a contagem, momento em que verificam se o número de exemplares entregues está correto e se todos estão devidamente assinados.

No Boca de rua, apesar dos apelidos de mãe e pai dados a Rosina e Luiz, não há hierarquia: todos são iguais e têm os mesmos direitos. Os apelidos, portanto,

apesar de parecerem indicar autoridade, na verdade são marcas de afeto. “É que a Rosina é como uma mãe pra nós. Tem mãe que desiste de filho, mas a Rosina nunca desiste da gente”, explicou um integrante em uma das reuniões observadas. Como a maioria deles tem relações rompidas com os próprios familiares, encontram no Boca uma família, um espaço seguro para serem quem são e para onde sabem que podem sempre voltar que serão acolhidos. É o que prega o primeiro direito previsto nas regras do jornal: “todo o integrante do Boca tem direito ao RESPEITO por parte de todo o grupo, seja qual for a sua escolaridade, condição física ou mental, tempo de vinculação à equipe, gênero e sexualidade. E uma das primeiras formas de respeito é dizer a verdade”.

O Boca de Rua é um exercício de humanidade, e cada nova edição é também um novo desafio. Como uma iniciativa única no mundo, é preciso ir calibrando o funcionamento no dia a dia, com o projeto em andamento e os jornais em circulação. Um dos primeiros desafios foi romper com o olhar assistencialista, para que assim, fosse possível construir uma relação de igualdade, sem hierarquias, como conta Rosina Duarte no filme *De olhos abertos*, feito em comemoração aos 18 anos do coletivo, com direção de Charlotte Dafol (2021):

Quando nós chegamos na praça pra trabalhar com aquela gurizada, já naquela época a proposta não era de ser assistencial. Mas era uma coisa muito comum a gente dizer assim, pensar e questionar. Como que isso tá ajudando ou vai ajudar essas pessoas? Embora não fosse essa proposta, a gente fazia esse papel. A gente fazia mutirões pra levar o pessoal pra consulta. Na época, pelo menos quatro ou cinco deles tiveram a notícia que tinham AIDS de mão conosco na frente do médico. Com o tempo foi uma conquista, eu acho. Com o tempo a gente foi se dando conta de que o projeto não poderia ser medido dessa forma. Saiu da rua, não saiu da rua, saiu da droga, não saiu da droga, não era essa a ideia do jornal. (Dafol, *De olhos abertos*, 2021)

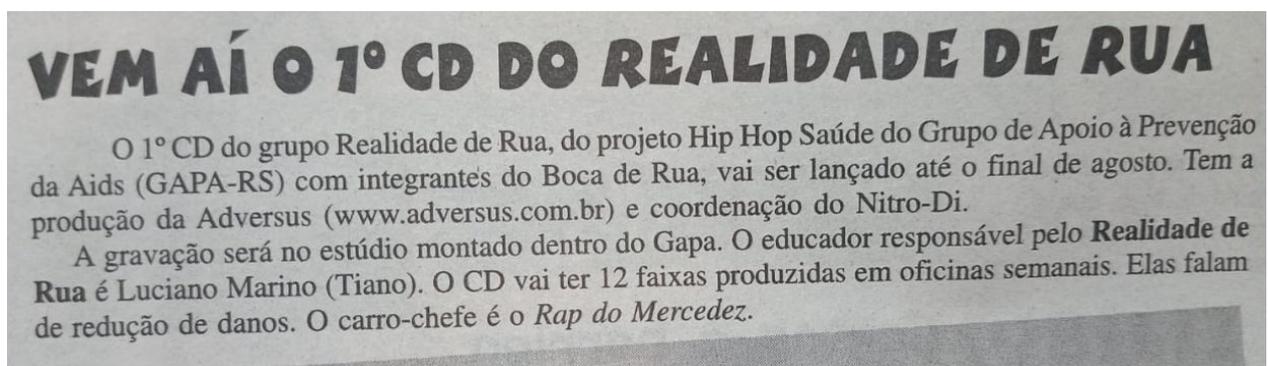
Diferentemente de todos os *street papers* filiados à INSP, muitos ligados a grandes empresas ou a igrejas, o Boca de Rua não exige que os vendedores deixem as drogas e se sujeitem a um código de conduta imposto. O Boca, como já vimos, tem suas próprias regras, que são construídas coletivamente, e entende-se como um redutor de danos. É contra as regras do grupo fazer uso de substâncias antes ou durante as reuniões, bem como antes ou durante as vendas. Longe de ser uma imposição, esta regra é um pacto entre todos, pois é do entendimento do coletivo que todos representam o Boca e, por isso, se comprometem a ser a imagem que querem

para o jornal. Mas, fora dos turnos de trabalho, os integrantes têm liberdade para fazer o que quiserem – assim como qualquer um de nós.

Além de não haver hierarquia, também não há funções pré-definidas: todos podem ser fotógrafos, repórteres, entrevistadores, pauteiros e/ou desempenhar qualquer função na construção do jornal. Mas também podem ser ilustradores, cartunistas, autores, poetas, rappers etc., pois o Boca também é um espaço aberto para mostrar os talentos de cada um.

A primeira publicação artística de um integrante foi no jornal nº 3, quando Luciano Felipe da Luz, o Mercedes, publicou o rap que serve de epígrafe desta dissertação. Este rap acompanhou o coletivo por muitos anos, tendo sido apresentado no teatro Túlio Piva e, como foi noticiado pelo Boca de Rua em 2007, foi até gravado pelo grupo Realidade de Rua, composto por integrantes do Boca em parceria com o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA-RS).

### Figura 27: Vem aí o 1º CD do Realidade de Rua



Fonte: Boca de Rua nº 24, 2007, p.8

Entre os trabalhos autorais dos integrantes, o Boca já publicou trechos de livros, folhetins, poemas, cartuns, pequenas crônicas, desenhos etc. Desde a edição nº 72 (julho, agosto e setembro de 2019), por exemplo, o jornal dedica um canto na contracapa para os desenhos e poesias de Diogo Macedo, e sempre deixa o espaço aberto para que todos possam compartilhar suas produções. Além disso, é comum que o jornal aborde os talentos de seus integrantes ao contar suas histórias de vida em reportagens que buscam quebrar os estereótipos sociais que cercam as pessoas em situação de rua.

Figura 28: Trabalhos artísticos produzidos por integrantes do jornal



Fonte: Boca de Rua. Diogo (nº 83), Rosângela (nº 62), Michel (nº 81) e Paulo Ricardo (nº 63)

### 3.2.2 Autoria

Com exceção dos trabalhos artísticos e das fotografias, que sempre têm sua autoria creditada, os textos de caráter jornalístico publicados no Boca de Rua não levam assinatura individual. Como o jornal busca ser um veículo de denúncia das violências sofridas por pessoas em situação de rua, o medo de represálias fez com que os primeiros integrantes optassem por não ser identificados.

Por estarem sempre nas ruas, expostos, tinham medo de ser reconhecidos e agredidos. Por isso, as fotos publicadas eram sempre de partes do corpo dos integrantes (como as bocas na capa da edição nº 0), ou então de suas costas. Ao contar a história de um deles, também se optava pelo uso do seu apelido. A exceção eram os obituários, quando o nome verdadeiro do integrante era revelado.

No entanto, conforme o jornal foi sendo conhecido na cidade e eles foram se sentindo mais confiantes e pertencentes ao coletivo, o Boca de Rua passou a ser percebido como uma rede de proteção. Não é raro ouvir nas reuniões relatos de que, ao ser vítima de alguma discriminação, o integrante responde afirmando que o fato será denunciado em uma notícia no jornal, como demonstra a reportagem abaixo.

**Figura 29: O Boca de Rua como uma rede de proteção**

## Sabe com quem está falando?

Tem uma frase muito comum que as pessoas costumam dizer para os mais humildes quando ocorre alguma discussão: “Sabe com quem está falando?”. Pois isso foi invertido em um dia do mês de maio, na frente do Supermercado Zaffari da Lima e Silva. Simoni e Emerson estavam vendendo na calçada e o guarda começou a se invocar. Os dois permaneceram no local porque não estavam fazendo nada de errado, ao contrário, estavam trabalhando. Lá pelas tantas, o segurança disse: “Vou dar um soco na cara deste negão”. Simoni se indignou e respondeu no ato: “Tu sabe com quem está falando? Sou jornalista do Boca de Rua e quero falar com o gerente!”. Falou e registrou ocorrência no Palácio da Polícia. É claro que também por lá teve discriminação, puxaram ficha, se invocaram. Por fim, fizeram a ocorrência e os dois entregaram para o gerente do Zaffari. Não dá em nada, mas pelo menos a gente busca os nossos direitos.

Quem vende nas proximidades do Zaffari da Lima vê muita coisa errada relacionada com racismo e preconceito.



**Emerson denunciou o preconceito e a discriminação**

Teve um dia que tinha um cara negro todo quebrado e do nada tiraram ele pelo pescoço. Também no super da Fernando Machado, os guardas não deixam ficar

perto. Já vão mandando todo mundo sair, mesmo que só estejam vendendo alguma coisa e não pedindo.

Carlos também foi discriminado e des-

respeitado. Ele entrou no supermercado Zaffari da Rua da Praia porque precisava ir ao banheiro. Deu uns 10 passos e o guarda perguntou: “O que é que tu tem dentro do moleton?” Ele ficou surpreso e furioso. Respondeu: “Eu não vou passar vergonha. Vou ligar para a Brigada”. O segurança fez cara de deboche: “Então, tá”. A BM veio rapidinho, revistaram e desconfiaram dos óculos de sol do Carlos. Nisso já tinham chamado o gerente. Mas tiveram que soltar ele porque nem vendiam óculos no local. Carlos fez ocorrência na polícia e falou com um defensor federal que normalmente atende casos parecidos.

### Shopping e Praça do Julinho

Brigadianos estão abordando direto quem fica ali pelas proximidades do Shopping João Pessoa, na praça em frente ao Colégio Julinho. Eles chegam e botam todo mundo no paredão, seja homem, seja mulher. Se a gente entrar dentro do Shopping, sempre vem um guardinha pilhado.

Fonte: Boca de Rua nº 84, 2023, p.6

A primeira vez que um conteúdo jornalístico teve sua autoria creditada foi na edição de nº 16, publicada em 2005, na reportagem “Diário de uma tragédia”. O texto apresenta a sequência de dois incêndios ocorridos em 19 de março de 2004 e 15 de fevereiro de 2005 na Vila dos Papeleiros, em Porto Alegre. O primeiro queimou cerca de 90% da vila, destruindo no mínimo 200 casas e deixando cerca de 600 pessoas desabrigadas. Menos de um ano depois, o segundo queimou cerca de 40 barracas.

Integrantes da Revista Ocas” que estavam em Porto Alegre para participar do Fórum Social Mundial, reuniram-se com o Boca de Rua para pensar em uma reportagem conjunta sobre como estava a situação da Vila dos Papeleiros um ano após o grande incêndio. Durante a apuração, veio a notícia do novo incêndio, e a equipe do Boca de Rua foi até lá para fotografar e entrevistar moradores e lideranças.

**Figura 30: Boca de Rua entrevista liderança da Vila dos Papeleiros**



Fonte: Acervo Boca de Rua, 2005

A cobertura foi publicada nos dois veículos, e o grupo de autores teve seu nome creditado. Ao final do texto, estava escrito: “Participaram das reportagens desta página: Michelle, Carlos, Diego, Alexsandro, Ceco, Luciano, Josiane, Joeci.” (Boca de Rua 16, 2005, p.8). Interessa também destacar que, mesmo sendo a primeira reportagem assinada, ela também foi feita em grupo e entre coletivos, numa partilha de autoria e num sistema de colaboração e horizontalidade que é marca das práticas jornalísticas do Boca.

**Figura 31: Primeiro texto jornalístico assinado, publicado em parceria com a Ocas”**



Fonte: Boca de Rua nº 16, 2005, p.8

Até a edição nº 21 (2006), apenas algumas matérias tinham os nomes dos autores creditados, seguindo o mesmo formato da edição 16, com o detalhamento do grupo que participou daquela página/matéria. A partir da edição nº 27 (2007), o crédito passou a aparecer ao final do jornal, junto ao expediente, com a seguinte frase: "Participaram desta edição" e a sequência de todos os nomes em ordem alfabética.

Esta decisão foi tomada porque, como as pautas são discutidas coletivamente durante as reuniões de pauta, todos os que estiveram presentes são igualmente autores do conteúdo. Durante o período de observação desta dissertação, 49 pessoas participaram de, no mínimo, uma reunião do Boca de Rua e tiveram seu nome publicado no expediente de pelo menos uma das oito edições. São elas: Alessandra Alves da Silva, Alex Sandro Pereira dos Santos Ferreira, Alexandre Português,

Alexandre Roberto Rocha da Silva, Alexsandro Freitas da Silva, Aline Gonçalves Leal, Ana Paula Santos da Silva, Anderson Ferreira, Anderson Luís Joaquim Corrêa, Andressa Carvalho, Carla Janaína dos Anjos Ferreira, Carlos Henrique Rosa da Silva, Cícero Adão Gomes de Almeida, Cláudio José Ribeiro, Danlei Escalante, David Mathias Becker, Diogo Macedo, Edisson José Souza Campos, Edson Costa, Elvis Adalberto Sant'Ana de Souza, Emerson Casagrande da Silva, Fábio Saraiva Corrêa, Felipe de Oliveira Rodrigues, Franciele Grati, Gabriela Souza da Silva, Glessias Santos Garcia, Jackson da Silva Ferreira, Jó Elias Barbosa Machado, Jones Rosa dos Santos Barbosa, Jorge Luís Lopes de Oliveira, José Luiz Straubichen, Josiane de Oliveira, Luciana da Silva Camargo Pias, Marcos Rodrigo da Silva Scher, Marcos Santos Alves, Maria Helena Morales de Lima, Maurício Almeida, Michel Vasconcelos dos Santos, Michelle Aparecida Marques dos Santos, Nara Gonçalves Canabarro, Nilson Lira Lopes, Paulo Águas, Paulo Ricardo da Silva, Raquel Naibert Moraes, Roberta dos Santos Fernandes, Rosângela Gomes, Simoni Gonçalves Machado, Tiago de Jesus Jacques da Silva e Tiago Ventura.

Também participaram da produção noticiosa do Boca de Rua, além de Rosina, Luiz Abreu e eu, os seguintes colaboradores: Amanda Porto de Porto, Arthur Viana, Caroline Sarmiento, Eduarda Vidal, Luiza Maia, Thaís Marques, Lawis Sfoggia, Talita Fernandes e Scarleth Nardes.

### 3.2.3 *Colaboradores*

Nas primeiras edições do Boca de Rua, o expediente afirmava que o jornal tinha sido “totalmente produzido (fotos, textos e ilustrações) por pessoas em situação de rua de Porto Alegre sob a supervisão da Agência Livre para Infância, Cidadania e Educação (Alice)”. O uso da palavra totalmente se dava pela ideia de que o que foi dito era de autoria dos integrantes. No entanto, a partir da edição nº 13, de junho, julho e agosto de 2004, o termo foi suprimido. Esse apagamento se deu pois o coletivo percebeu que, da mesma forma que entendiam que o conteúdo produzido era de autoria de todos os participantes, independentemente do nível de participação de cada um, era necessário considerar também o trabalho dos colaboradores.

O nome dado às pessoas que participam do jornal sem ter trajetória de rua foi mudando ao longo dos anos. Em Anselmo (2009), o termo usado pela autora é “monitora”. Já em Alles (2010) a principal ocorrência é a palavra “coordenadora”,

embora também sejam utilizadas “organizadora” e “colaboradora”. Embora não seja unanimidade, “colaborador” vem sendo empregado por não carregar uma noção de hierarquia, como nos termos citados anteriormente, mas sim uma ideia de alguém disposto a ajudar.

### *3.2.4 Repórter da rua*

A mesma dificuldade encontrada pelo grupo para achar um termo para os colaboradores, também aconteceu na busca de uma autodenominação. Durante muitos anos, os integrantes do Boca de Rua não souberam como se chamar. A forma mais frequente com a qual se apresentam é “repórter do jornal Boca de Rua”. Em raras ocasiões, normalmente ao reivindicar reconhecimento pelo trabalho, valem-se do termo “jornalista”, com um uso ancorado na ideia de serem sujeitos que trabalham em um jornal e praticam jornalismo. No entanto, ao refletir sobre suas práticas, os integrantes do Boca também buscaram um termo com o qual se sentissem representados. O uso da palavra repórter se manteve, pois a noção primeira é a de que o Boca de Rua é um veículo criado por eles para reportar a sua realidade, que não encontra espaço no jornalismo hegemônico sem ser reduzida ou estigmatizada.

Assim, partindo do conceito de repórter de rua, o jornalista profissional que atua na rua entrevistando pessoas e apurando os fatos diretamente no local, o coletivo propôs o termo “repórter da rua”. Afinal, eles cumprem o papel de reportar o que está acontecendo nas ruas a partir do próprio olhar de quem vive na rua.

### *3.2.5 Os textos do Boca*

No Boca de Rua, assim como em qualquer jornal, são publicados textos de diversas naturezas, desde editoriais, onde o coletivo se junta para produzir um texto que exprima a sua opinião, até longas reportagens. Nas reuniões de pauta, os termos mais ouvidos para falar da própria produção noticiosa são “nota”, “notícia” e “reportagem”. As notas são pequenos textos informativos que não tem teor factual, as notícias são textos médios onde se apresenta um fato, e as reportagens são textos de maior fôlego que obrigatoriamente exigem a presença de mais de uma fonte (que podem ser entrevistas, notícias de outros veículos, dados etc.). A diferença entre os textos publicados no Boca de Rua e em jornais tradicionais não se concentra tanto no entendimento do formato de cada tipologia dos textos jornalísticos, mas sim como eles

são construídos. Enquanto o jornalismo hegemônico busca a isenção e a objetividade, todo e qualquer texto publicado no Boca de Rua deixa explícito o seu olhar sobre os fatos.

## 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa tem início de um jeito diferente, pois não começa a partir da escolha de um objeto, mas sim a partir da decisão de um coletivo de pensar suas próprias práticas jornalísticas. Mobilizadas há 25 anos pelo Boca de Rua, estas práticas foram se desenvolvendo no dia a dia em uma experiência que é única no mundo, e que tem como base tanto práticas do jornalismo hegemônico, trazidas por Rosina e Clarinha, quanto a Ruaologia, saber compartilhado pelos integrantes do jornal. Assim, este estudo está inserido no campo das pesquisas em Comunicação, mais especificamente do Jornalismo.

Ficou claro que esta pesquisa precisava de um referencial teórico que embasasse as reflexões sobre práticas jornalísticas, aqui mobilizadas por Traquina (2005a e 2005b) e Silva (2005 e 2018), porque o Boca surge tendo suas práticas ancoradas no jornalismo hegemônico. O coletivo é regido pela ideia de uma busca pela verdade, o que faz com que sua produção noticiosa se construa tendo como base técnicas de apuração como a entrevista, a pesquisa documental e a checagem dos fatos. O formato jornal não foi escolhido por acaso pelo coletivo, mas sim justamente porque, ao aplicar procedimentos que asseguram a objetividade e a isenção, o jornalismo goza da confiança da população.

No entanto, apesar de seguir à risca práticas como a apuração, o comprometimento ético, ouvir todos os lados e prever direito de resposta, o Boca de Rua sempre deixou claro que falava a partir de um lado: o das pessoas em situação de rua. Portanto, apenas refletir sobre como um jornal feito por pessoas em situação/com trajetória de rua teve contato com práticas do jornalismo hegemônico e as mobilizou na construção de seu próprio veículo seria limitar o olhar sobre o que de mais rico sobreveio ao longo dos 25 anos em que este processo acontece: depois de se apropriar de metodologias jornalísticas, o coletivo, através do contato com a Ruaologia, as subverteu, propondo uma forma de fazer jornalismo que não esconde o olhar nem as vivências dos sujeitos que o produzem. Além disso, o Boca não reproduz em sua produção estruturas como a hierarquia das redações, onde cada um tem uma função específica, nem a ideia de autoria individual, vista como uma forma de criar competição entre os integrantes.

Não era meu objetivo discutir a produção do Boca de Rua por outros vieses, também possíveis, como por exemplo o da comunicação comunitária – como fizeram

Anselmo (2009) e Alles (2010) –, pois este estudo busca refletir sobre os processos de aproximação e rompimento das práticas jornalísticas do Boca com o jornalismo hegemônico, lembrando o desejo dos seus integrantes de terem a própria Zero Hora e partindo do ponto que o coletivo produz jornalismo. Como jornalista e colaboradora, eu conseguia perceber nas práticas do Boca os pontos comuns com o jornalismo hegemônico, mas faltava entender as subversões e rupturas. Nessa busca, encontrei os estudos de Veiga da Silva (2010 e 2015), minha orientadora nesta pesquisa, sobre gênero como categoria epistemológica na produção do jornalismo. Este conceito se tornou a chave de análise para que eu pudesse entender que o jornalismo hegemônico se constituiu situado em um paradigma moderno, positivista, racista, sexista, classicista, heteronormativista (Veiga da Silva, 2015), paradigma este que norteia o tipo de conhecimento produzido no campo do jornalismo, sobretudo na noção prevalente de objetividade. Segundo Veiga da Silva, tal noção de objetividade, inspirada no cientificismo moderno, ao buscar assegurar uma “possível” isenção e neutralidade nas práticas jornalísticas, acaba por negar a dimensão subjetiva dos profissionais – a bagagem de conhecimentos culturais que expressam as convenções sociais hegemônicas partícipes dos processos de socialização dos sujeitos – que atravessa a própria cultura profissional através dos processos cognitivos de dar significado à realidade observada. Norteados por um paradigma que se funda também interseccionado aos regimes de poder-saber (Foucault, 2012) que prevalecem tanto na sociedade quanto no campo do jornalismo como um todo, os jornalistas acabam não refletindo sobre o quanto estão, sim, presentes no conteúdo que produzem, e continuam a reproduzir sem perceber discursos hegemônicos que carregam por terem sido forjados numa sociedade ainda repleta de preconceitos.

#### 4.1 JORNALISMO HEGEMÔNICO E SUAS PRÁTICAS

Compreender como as práticas do jornalismo hegemônico se estabeleceram é fundamental para entender por que elas são como são. Segundo Traquina (2005a), o jornalismo como conhecemos hoje se constituiu em simbiose com a democracia. Com a comercialização da imprensa, o jornalismo torna-se mais independente dos laços políticos e transforma-se em uma indústria que começa a comercializar um novo produto como fonte de lucro: as notícias como informação. Esse novo jornalismo surge num contexto em que o cientificismo e o positivismo eram reinantes, o que se reflete

em um culto aos fatos. “A nova ideologia pregava que os jornais deveriam servir aos leitores e não aos políticos, pregava que traziam informação útil e interessante aos cidadãos, ao invés de argumentos tendenciosos em nome de partidos políticos, pregava fatos e não opiniões”. (Traquina, 2005a, p.50). É nesta época também que surge a figura do repórter, que se torna figura central no jornalismo e que faz

a respiga e a montagem dos fatos. E este esforço tentava transformar o jornalismo numa máquina fotográfica da realidade, ou seja, na sua ideologia profissional, o espelho da realidade. A caça hábil dos fatos dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador (Traquina, 2005a, p. 52).

Os jornais passaram a ter como conteúdo dominante os acontecimentos, e desenvolveu-se a ideia de eles deviam “correr atrás” das notícias, pois era preciso “encher os jornais com notícias que possam interessar aos leitores” (Traquina, 2005a, p.56). Como o espaço dos jornais impressos era limitado e interessava às novas empresas jornalísticas que um número cada vez maior de leitores comprasse o seu produto, os jornais começaram a tratar dos mais diversos temas, pois “era importante assegurar que o espaço usasse matéria que interessasse às pessoas” (Traquina, 2005a, p.55).

Junto com a diversificação de temas abordados, a figura do repórter foi se especializando em temáticas diversas, e surgiram figuras como o correspondente especial e o correspondente de guerra.

Com a expansão da imprensa, as empresas jornalísticas eram cada vez maiores, mais complexas, mais burocráticas, com uma crescente divisão do trabalho. A estrutura da indústria tomou forma a partir de uma divisão do trabalho entre departamentos e a emergência de numerosas posições jornalísticas. Como escreve Michael Schudson (1989), as funções de gestão, editoriais e de reportagem foram diferenciadas à medida que os repórteres eram empregados para não fazer mais nada, a não ser recolher e escrever notícias. [...] Os departamentos comercial e editorial ficam mais claramente marcados. Surgiu uma nova dependência da publicidade. (Traquina, 2005a, p.57)

Novas técnicas foram surgindo, como a entrevista, a utilização de testemunhas oculares, o desenvolvimento da reportagem e da técnica da descrição, a presença de fontes múltiplas e, no cerne de tudo isso, as noções de imparcialidade e objetividade. Mas,

à medida que as notícias começaram a ser tratadas como um produto, uma forma nascente de “empacotamento” apareceu. As notícias tornaram se crescentemente estandardizadas ao tomarem a forma a que chamamos hoje

“pirâmide invertida” enfatizando o parágrafo de abertura, o *lead*. (Traquina, 2005a, p.59).

Conforme estas técnicas foram se consolidando e se configurando como práticas, o jornalismo passou a ser uma ciência com um método de como fazer que poderia ser ensinado, e se consolidou como uma profissão. Ao retomar Greenwood (1957), Traquina (2005a) afirma que todas as profissões parecem ter os mesmos atributos: “1) a teoria sistemática; 2) o sentimento de autoridade por parte dos ‘agentes especializados’; 3) a ratificação da comunidade; 4) códigos éticos; e 5) a existência de uma cultura profissional” (Traquina, 2005a, p.102).

A “tribo” jornalística desenvolveu uma cultura profissional, que tem uma lente própria para ver o mundo que “privilegia uma visão bipolar – o mundo é estruturado em polos opostos: o bem e mal, o pró e o contra etc. As regras de objetividade, bem como a vontade de simplificar e/ou estruturar o acontecimento de forma dramática, explicam essa visão bipolar” (Traquina, 2005b, p.47-48). Além de sua forma única de olhar, o jornalismo também tem seu próprio tempo: o tempo do agora. O jornalismo busca sempre falar sobre o imediato, o que está acontecendo, sempre com pressa, pois o que ficou velho não é mais notícia.

Esta forma de fazer notícia é dominada por todos os que fazem parte da “tribo” jornalística. Segundo Traquina (2005b), ao citar Ericson, Baranek e Chan (1987), são competências profissionais específicas dos jornalistas o “saber de reconhecimento”, o “saber de procedimento” e o “saber de narração”. O “saber de reconhecimento” é a capacidade de reconhecer quais fatos têm valor como notícia. Nesta etapa, o jornalista mobiliza o seu conhecimento sobre valores-notícia e critérios de noticiabilidade para reconhecer o que é notícia. O “saber de procedimento” é a segunda etapa. Após reconhecer o que é notícia, o jornalista precisa saber quais passos seguir no processo de apuração, como a verificação dos fatos, a coleta de dados e o tratamento que dará. Também faz parte do “saber de procedimento” conhecer fontes e saber como contatá-las, como lidar com elas e como conduzir entrevistas. Por último, o “saber da narração”, que consiste em ser capaz de compilar todas estas informações e empacotá-las em uma narrativa jornalística, na forma e na linguagem. A forma de construção de notícias se estabelece a partir do modelo da pirâmide invertida, em que o primeiro parágrafo, o *lead*, se estrutura a partir da fórmula do “quem”, “o quê”, “quando”, “onde”, “como” e “por quê”. Na linguagem, “este saber também implica a

capacidade de mobilizar a linguagem jornalística, o chamado ‘jornalês’ (Phillips, 1976/1993), com suas regras estilísticas (uma sintaxe direta e concisa, as palavras concretas, a voz ativa, a descrição detalhada, a precisão do pormenor)” (Traquina, 2005b, p.43).

Faz parte ainda desta cultura a busca pela verdade e o compromisso total com a profissão. “Mas, para além da dedicação à verdade exaltada na sua ideologia profissional, a dinâmica da concorrência leva ao encanto de outros mitos que circulam na sua cultura profissional, como o mito do “*scoop*” (o “furo”) e o mito da “grande história” (Traquina, 2005b, p.55). Conseguir o “furo” é visto como uma conquista profissional, um elemento de prestígio que pode alavancar a carreira de um jornalista, enquanto a “grande história” é a cobertura de um “mega-acontecimento”, que marca o ponto alto da trajetória de um repórter.

O jornalista é o detentor do saber sobre o que é notícia. Num mundo em que milhões de coisas estão acontecendo a todo instante, é da competência dos jornalistas reconhecer o que é notícia. Quais fatos têm potencial para serem notícia? Como reconhecê-los? Segundo Gislene Silva (2005) a busca por estas respostas têm contribuído para a consolidação de fundamentos importantes no campo das teorias do jornalismo desde a década de 1960. No cerne destas questões, está o conceito de noticiabilidade. Para Silva (2005), noticiabilidade

pode ser entendida como uma combinação complexa de forças ou fatores potencialmente capazes de agir no processo da produção da notícia, desde características do acontecimento, julgamentos pessoais e habilidades do jornalista, relação dos repórteres com as fontes, qualidade do material apurado e tratado (imagem, som e texto), prazo e linha editorial, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia no mercado (econômicas, tecnológicas e políticas editoriais), relação do veículo noticioso com a publicidade, negociações com públicos e audiências (circulação e recepção), questões éticas e ideológicas das decisões editoriais, cultura profissional da categoria e ainda circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas de uma determinada sociedade. (Silva, 2018, p. 10).

Nessa perspectiva, uma imensa variedade de fatores pode influenciar em qualquer etapa do processo no qual o noticiável se torna noticiado. Estes fatores são os critérios de noticiabilidade, que, conforme Silva (2005), não atuam de modo isolado, mas sim concomitantemente durante a produção de notícias e podem ser localizados em três instâncias:

(a) na origem dos fatos (seleção primária dos fatos / valores-notícia), considerando atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos da imprensa; (b) no

tratamento dos fatos, centrando-se na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infraestrutura, tecnologia etc, como também fatores extra-organizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do repórter com fontes e públicos; (c) na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores (Silva, 2005, p.96)

A autora reflete sobre a diferença entre os conceitos de critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Como vimos acima, o valor-notícia é um dos critérios de noticiabilidade, localizado na origem dos fatos e que pode ser demarcado no território do acontecimento em si, na qualidade do evento, e nas suas características em sua origem.

No que diz respeito especificamente aos valores-notícias, o conceito poderia ser demarcado sistematizando-se aspectos apontados de forma ligeira por vários autores. Chamados também de valores informativos ou fatores de notícia, esse grupo de critérios cerca a noticiabilidade do acontecimento considerando origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do acontecimento (Silva, 2005, p.96).

Silva (2005) propõe ainda a tabela de valores-notícia reproduzida abaixo como uma forma de contribuir e operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados. Para análise, é preciso primeiro separar os macro-valores-notícia como atualidade (novidade), importância, interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão, porque, como pré-requisitos para qualquer seleção jornalística, sem eles não há notícia.

**Tabela 1 – Proposta de tabela elaborada por Gislene Silva**

<b>Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis / noticiados</b>	
<b>IMPACTO</b> Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	<b>PROEMINÊNCIA</b> Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
<b>CONFLITO</b> Guerra Rivalidade Disputa Briga	<b>ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE</b> Aventura Divertimento Esporte Comemoração

Greve Reivindicação	
<b>POLÊMICA</b> Controvérsia Escândalo	<b>CONHECIMENTO/CULTURA</b> Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
<b>RARIDADE</b> Incomum Original Inusitado	<b>PROXIMIDADE</b> Geográfica Cultural
<b>SURPRESA</b> Inesperado	<b>GOVERNO</b> Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
<b>TRAGÉDIA/DRAMA</b> Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	<b>JUSTIÇA</b> Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: Silva (2005, p. 104-105)

Os valores-notícia evoluem com o tempo, embora alguns tendam a ser mais persistentes e outros mais mutáveis. Para ilustrar, segundo Traquina, nas primeiras décadas do século XVII não havia jornalismo como conhecemos hoje, mas uma forma pré-moderna de jornal chamada folha-volante. Um dos valores-notícia que era importante na época era o insólito, “isto é, os acontecimentos que produzem o maior espanto, a mais profunda maravilha, a maior surpresa” (Traquina, 2005b, p.65). Os valores-notícia são, de acordo com Traquina (2005b), os “óculos” através do qual o jornalista observa o mundo, e estão sujeitos a mudanças de acordo com a cultura, o sistema político, a economia e demais características de uma região, como também podem variar de um veículo para o outro.

Esta pesquisa busca refletir sobre as práticas jornalísticas do jornal Boca de Rua na busca por entender quais são os seus critérios éticos, de noticiabilidade e valores-notícia, tanto pelo olhar sobre suas aproximações com o jornalismo hegemônico quanto pelo seu distanciamento. O que é notícia para o Boca de Rua, um jornal impresso feito por pessoas em situação/com trajetória de rua, é diferente do que é notícia para os grandes jornais do Rio Grande do Sul, como a Zero Hora, o Diário

Gaúcho, o Correio do Povo e o Jornal do Comércio. A partir do contato com a Ruaologia, o coletivo subverteu algumas dessas práticas na busca de construir um jornalismo próprio, que tem um lado claro, o das pessoas em situação de rua. Para olhar para essa outra forma de fazer notícia, foi necessário procurar outras teorias, que propõem novos olhares para as teorias do jornalismo.

#### 4.2 OUTROS OLHARES SOBRE O JORNALISMO

As teorias tradicionais do jornalismo explicam por que ele é como é, mas não propõem leituras críticas sobre suas práticas nem refletem como elas podem ser excludentes e contribuir para a reprodução de ideologias como as do machismo, do racismo, do classismo e do cisheterossexismo (Veiga da Silva, 2015), ideologias estas intrínsecas aos regimes de poder e de saber regentes dos processos de colonização, bem como do capitalismo e do próprio jornalismo. Nesta dissertação, como chave para pensar o rompimento do Boca de Rua com algumas práticas do jornalismo hegemônico está a concepção de gênero como categoria analítica, teórico-epistemológica para pensar os tipos de conhecimento produzidos pelo jornalismo, proposta por Veiga da Silva (2015). Aqui, gênero não é entendido como uma categoria descritiva, como sinônimo de mulheres ou das relações entre homens e mulheres, mas sim como uma categoria analítica

que remete à produção simbólica, no plano dos valores, das convenções de feminilidades e de masculinidades de determinadas configurações sócio-históricas (Scott, 1989). Assim, assume-se que “gênero, em todos os grupos humanos, deve ser entendido em termos políticos e sociais, com referência não a limitações biológicas, mas sim às formas locais e específicas de relações sociais e particularmente de desigualdade social” (Rosaldo, 1995: 22). Tais formas locais podem ser compreendidas como “convenções de gênero”, ou seja, o conjunto de valores e ideais relativos ao imaginário sexual disponíveis na cultura e compartilhados, a partir dos quais os seres sociais pautam as suas ações e concepções de mundo, reproduzem e recriam estas mesmas convenções e as suas práticas. No mundo ocidental, tais convenções são informadas pela matriz falocêntrica, a centralidade do masculino como parâmetro positivo do qual se origina a assimetria de gênero (Bonetti, 2012, sp)

Ao tomar gênero como categoria teórico-epistemológica, Veiga da Silva acompanha as correntes feministas pós-estruturalistas que vão utilizar essa categoria para compreender como se dão as relações de poder e de saber que organizam a sociedade, produzindo desigualdades, entendendo que todas as coisas do mundo possuem um valor relativo a gênero e poder:

tomar gênero como categoria teórico-epistemológica é compreendê-la como um princípio fundante e constitutivo do social, impregnado pelo conceito de poder - este, por sua vez, concebido a partir da tradição foucaultiana que o compreende como uma força que circula, que se produz e é produzida nas relações (Foucault, 1997). Ou seja, gênero diz respeito a uma forma de conceber e de produzir conhecimento sobre o mundo social. Essa concepção de gênero, portanto, não se restringe à relação corpo biológico-sexo-gênero, apesar de partir da imagética sexual (Strathern, 1990). Antes, ela abarca e dota de sentido a organização da vida social (Moore, 1988) e implica na evidência de uma trama de gênero e poder mais ampla e profunda, anterior às convenções e às práticas de gênero. Traduz-se, portanto, num princípio basilar e constitutivo do social, impregnado pelo conceito de poder, o que significa dizer que todas as coisas do mundo têm um atributo relativo a gênero e poder. Quando se fala em perspectiva de gênero, é desta abordagem que se parte. E é por meio dela que aqui se analisa como as formações sociais refletem assimetrias de gênero e desigualdades (Bonetti, 2012, sp).

### Essa percepção de gênero como categoria epistemológica

contribui para refletir sobre por que o jornalismo, em suas diferentes formas de produzir conhecimento, está enredado epistemológica e politicamente em valores sociais hegemônicos, como o masculinismo, o que, em alguma medida, pode ser percebido desde os atributos dos sujeitos que privilegia (forma e seleciona) até os saberes de profissão (teóricos, práticos e metodológicos) que reproduz em diferentes âmbitos. (Veiga da Silva, 2015, p.61)

Forjado tendo como base a racionalidade moderno-positivista, onde são estabelecidos métodos e regras para validação de um conhecimento que se propõe verdadeiro (Veiga da Silva, 2015), o jornalismo, segundo a pesquisadora, buscou no cientificismo uma forma de ser reconhecido pela sociedade como um produto credível e isento, onde o foco não eram mais as opiniões, mas sim as informações:

Os modos de produção das notícias – em especial as práticas, a cultura profissional – entram em confluência com os modos de produção da ciência, sobretudo, como diz Ijuim (2013), pela inspiração nos modos de captar e “discursivisar” a realidade com o intuito de agregar valor de verdade aos saberes construídos. (Veiga da Silva; Marocco, 2018, p. 33)

Ao traçar um paralelo entre as teorias feministas e as teorias do jornalismo, Veiga da Silva (2015) mostra como essa lógica masculinista se constitui, embasada na racionalidade moderna-positivista, que delinea as noções de objetividade e “verdade” (universal baseada no referente) que regem tanto o cientificismo quanto o jornalismo, delimitando os tipos de saberes e funcionamentos do poder dominantes no campo, crivados de ideologias excludentes, e que obedecem uma lógica hierárquica, individualista, competitiva que se reflete tanto na hierarquia das notícias quanto dos profissionais, bem como nas condições de inteligibilidade sobre a

realidade por parte dos jornalistas. Segundo a pesquisadora, a base paradigmática e epistemológica sobre a qual o Jornalismo se constitui como um conhecimento social (Genro Filho, 1987) também está fundada nos sistemas de valores e convenções sociais hegemônicos e se sustenta num ideário supostamente passível de neutralidade e isenção que não apenas subsume a condição de agência dos sujeitos e a intervenção de suas bagagens culturais dos processos cognitivos de dar sentido à realidade: também impede que os mesmos se percebam enquanto agentes produtores simbólicos cujas representações e estereótipos dominantes na cultura são parte do acervo de conhecimentos sociais nos quais, inconscientemente, se apoiam e que acabam por reproduzir em suas práticas profissionais. Pode-se observar, por essa perspectiva, que as racionalidades dominantes no Jornalismo se dão em consonância com os regimes de poder-saber vigentes nas sociedades capitalistas, criando condições para que os sistemas de valores hegemônicos se reproduzam na forma de conhecimentos sociais produzidos em forma de notícias, num sistema que se retroalimenta na Cultura.

Como contraponto, a partir deste paralelo, Veiga da Silva propõe um novo paradigma para a objetividade jornalística, uma objetividade localizada, que se aproxima da objetividade feminista defendida por Donna Haraway (1995).

Com a perspectiva da objetividade feminista, Haraway trata da “localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto”, e indica os modos como podemos nos tornar responsáveis por aquilo que aprendemos a ver” (Haraway, 1995, p. 21). Ou seja, sinaliza os significados possíveis a partir de uma visão que se constitui a partir de sistemas de percepção ativos que constroem traduções, interpretações e modos específicos de ver. Deste modo, Donna Haraway sugere como afastarmo-nos das perspectivas da totalização e do pleno relativismo, considerados por ela como “truques de Deus”, por serem entendidos como perspectivas que igual e inteiramente prometem uma visão de toda a parte e de lugar nenhum, comuns na ciência (Haraway, 1995) e no jornalismo. Por essa perspectiva, “a objetividade não diz respeito a desengajamento, trata de assumir riscos num mundo no qual nós somos permanentemente mortais, isto é, não detemos o controle final. Por último, não temos ideias claras e precisas” (Haraway, 1995, p. 41). (Veiga da Silva; Marocco, 2018, p. 38-39)

Por este olhar, a necessidade da objetividade não é negada, mas deixa transparecer que existe um sujeito por trás daquela notícia, um sujeito que carrega seus próprios olhares sobre o mundo. Ao invés de prometida visão total e isenta sobre os acontecimentos, a objetividade localizada revela que o noticiável, antes de se tornar noticiado, foi observado, classificado, hierarquizado, apurado, tratado e transformado em notícia por um sujeito jornalista. No decorrer deste processo, o

jornalista mobiliza saberes e práticas que são, como vimos, naturalmente excludentes, pois foram constituídas tendo como pressuposto uma epistemologia que é racista, sexista, classicista, heteronormativa e positivista e por isso acaba, mesmo sem perceber, reproduzindo discursos hegemônicos ainda carregados de preconceitos.

A crítica a esse jornalismo hegemônico é, em certa medida, a força motriz que gerou o Boca de Rua. Como afirma Alles (2010), as pessoas em situação de rua são excluídas dos meios de comunicação, e, quando raramente são retratados, é pelo viés estigmatizante, que os apresenta como seres que “como coloca Erving Goffman (1988), não são ou não estão aptos para serem totalmente aceitos na sociedade: são seres considerados violentos, desonestos, sujos, entre outras características depreciativas utilizadas para definir quem vive na rua (MATTOS; FERREIRA, 2004)” (Alles, 2010, p. 13).

Por não se sentirem representados no jornalismo hegemônico, ao serem procurados pelas jornalistas da Alice para participarem de um projeto de comunicação para circular no FSM, fizeram a contraproposta de que, juntos, construíssem uma nova forma de fazer jornalismo, que fosse construída, pautada e pensada pelo olhar das pessoas em situação de rua. Desde a sua fundação, o Boca de Rua já deixa claro de onde parte, e por quem fala. Além do rompimento com a noção de objetividade, outras práticas do jornalismo tradicional foram subvertidas na prática do coletivo: a noção de autoria individual, a hierarquia entre os integrantes e a busca pelo “furo”, entendidas por Veiga da Silva (2015) como práticas masculinistas. Estas práticas do Boca de Rua, que acontecem na produção noticiosa do jornal tendo como base e em contraponto ao jornalismo hegemônico, serão analisadas no capítulo 6.

## 5. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa começou antes mesmo do meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Eu já fazia parte do coletivo como colaboradora e observava as reuniões desde o início de 2022, após ter a proposta de fazer um livro-reportagem sobre o Boca de Rua aprovada pelo coletivo. Dentre os colaboradores que frequentavam as reuniões na época, apenas Rosina era jornalista, situação que mudou em meados de 2023, quando Arthur Viana, então doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, também começou a participar das reuniões do coletivo.

Apesar de o Boca ser um jornal e já ter sido tema de diversas reportagens produzidas por alunos matriculados em cursos de jornalismo e trabalhos acadêmicos, sejam de graduação, TCCs, teses e dissertações, uma fatia pequena desses estudos eram na área da Comunicação. Uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes apontou apenas três trabalhos sobre o Boca de Rua em Comunicação, três dissertações realizadas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. No entanto, apesar de serem estudos da área da Comunicação, nenhuma das três pesquisas, intituladas *A representação das práticas socioculturais de crianças e adolescentes do jornal Boca de Rua: a experiência do Boquinha* (Anselmo, 2009), *Boca de Rua: representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário* (Alles, 2010) e *Múltiplos singulares: as inscrições de si da população de rua no jornal Boca de Rua* (Viana, 2019) tinha como foco pensar a produção noticiosa do Boca de Rua em si. Faltava, portanto, um estudo de maior fôlego sobre como o jornalismo era mobilizado no coletivo e sobre suas práticas jornalísticas.

Além da pesquisa bibliográfica, foi feita uma pesquisa documental, que incluiu a leitura e o fichamento de todas as 89 edições já publicadas que compõem o acervo do jornal e uma saída de campo na sede da Alice para a seleção das fotografias que ilustram esta dissertação. Esta leitura foi necessária pois o presente estudo tem como objetivo descrever e analisar como as práticas jornalísticas do Boca de Rua foram se consolidando conforme o tempo e as experiências dos integrantes do coletivo, tendo como base e em contraponto ao jornalismo hegemônico.

Para isso, considerei como corpus as reuniões de pauta ocorridas entre outubro de 2022 e abril de 2025, das quais participei como colaboradora (tendo meu nome

creditado no expediente das oito edições produzidas no período) e como observadora, documentando estas práticas e discussões sobre elas no meu diário de campo. Também considerei como corpus as oito edições produto destas reuniões, pois, para complementar a análise das práticas, de natureza qualitativa, também busquei categorizar quais seriam os principais tipos de pauta/editoriais para ilustrar quais são mais recorrentes no jornal.

## 5.1 ESCOLHA METODOLÓGICA

Ao iniciar este estudo, não poderia ignorar a minha inserção prévia no Boca como colaboradora do jornal. Portanto, a minha participação no coletivo interferiu diretamente na opção metodológica pela pesquisa participante. Segundo Peruzzo (2009), a pesquisa participante tem como estratégia a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado com a finalidade de investigar, pois a partir dela ele compartilha com o grupo as situações vivenciadas. Esta participação do pesquisador nas atividades desenvolvidas pelo grupo estudado é importante pois é a partir delas que ele pode co-vivenciar os fatos e os interesses. Ainda de acordo com Peruzzo (2009), a pesquisa participante passa a ser uma metodologia aplicada na área da Comunicação Social a partir de motivações como a realização de pesquisas de caráter qualitativo inovadoras que permitem elevado grau de profundidade e pesquisas que buscam ultrapassar a constatação crítica sobre o poder de influência da mídia e suas manipulações, contribuindo assim para o avanço das pesquisas em Comunicação e para a transformação social.

No Boca de Rua, para que pesquisadores possam desenvolver suas pesquisas com o coletivo, há algumas regras que devem ser seguidas, entre elas a de que qualquer interessado deve, antes de tudo, fazer parte do grupo. Essas orientações foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos, conforme as demandas acadêmicas foram surgindo e o grupo foi tendo experiências, algumas positivas, mas outras muito ruins. Entre os integrantes, é comum o relato de terem se sentido usados pelos pesquisadores, que se inseriam no coletivo apenas durante suas observações e depois iam embora assim que terminavam, muitas vezes sem nem voltar para compartilhar o resultado. Apesar de antigas, estas regras eram transmitidas apenas informalmente para os solicitantes, até que foram sintetizadas e escritas em 2023 como parte da tese de doutoramento em Geografia de Talita Fernandes, colaboradora

do jornal, e publicadas no formato de um *Pequeno Manual para Pesquisadores* na edição de número 84:

**Figura 32: Pequeno manual para pesquisadores**

## PEQUENO MANUAL PARA PESQUISADORES

Que nós somos doutores em Rua-ologia, nossos leitores já sabem. Por isso, muita gente da universidade gosta de fazer trabalhos sobre a nossa realidade, querendo aprender com a gente.

Pensando nisso, a gente se reuniu com uma das nossas colaboradoras, Talita Fernandes, que está fazendo uma tese de doutorado sobre o Boca, que vai ser defendida em breve na Geografia da UFRGS, e nele vai discutir sobre ética nesse tipo de pesquisa acadêmica. Ela nos perguntou: o que nós achamos importante que as pessoas saibam quando quiserem fazer trabalhos aqui? Que comportamentos são bons e quais a gente não acha legais? Aqui estão nossas respostas:

Pra fazer pesquisa no Boca, a pessoa:

- 1) Tem que entender que os integrantes do Jornal não são ratos de laboratório.
- 2) Tem que ter uma troca com o grupo.
- 3) Precisa frequentar o grupo para criar vínculo com os integrantes – mesmo que o trabalho analise só as matérias impressas. Quem mora longe ou trabalha fora na hora da reunião pode

conversar com a gente para combinar como se aproximar do grupo.

- 4) Antes de apresentar o trabalho na universidade é preciso mostrar o trabalho final para o Boca.
- 5) Cada trabalho é um, então tem que vir falar com o grupo e ver se o grupo aprova a proposta de pesquisa, porque o trabalho acadêmico sobre o Boca pode ajudar a desfazer preconceitos sobre a gente, mas contém informações que podem ser usadas contra nós.
- 6) Por isso, não dá pra escrever sobre nós do jeito que quer. Não dá pra falar sobre nós sem nós, porque aí é a mesma coisa que não falar nada.
- 7) Não dá pra nos chamar no trabalho de mendigo, usuário, marginal, miserável ou coisas assim.
- 8) O certo é “pessoa em situação de rua”, “com trajetória de rua” ou “em situação de vulnerabilidade social”.
- 9) O grupo quer uma cópia do trabalho publicado, impressa, pra ter na nossa sede, a Casa Alice.

**A gente não acha legal:**

- Quando a pessoa faz um trabalho sobre o Boca sem nunca vir no Boca
- Quem vem uma vez, faz o trabalho e nunca mais volta pra mostrar pra gente como ficou

**IMPORTANTE:**

Quem nos convidar para dar palestras ou participar de eventos, solicitamos como contrapartida:

1. Transporte para os participantes
2. Lanche para os participantes
3. Compra de pelo menos 50 exemplares para ajudar na impressão do nosso jornal ou de 30 exemplares e mais liberação com venda livre no local.

**CONTATOS:**

Para agendar visitas, entrevistas ou lives, entre em contato com rosinadeduarte@gmail.com ou pelo (51) 984044563. Como temos muitas solicitações, precisa ser com uma certa antecedência. O número máximo de visitantes nas reuniões – que acontecem nas terças-feiras, das 14h30 min às 16h30min, na Casa Alice (Olavo Bilac, 188), é de cinco pessoas, a não ser em casos muito especiais (a combinar).

Fonte: Boca de Rua nº 84, 2023, p.14

Para que esta pesquisa pudesse se desenvolver com o comprometimento ético necessário à produção acadêmica, foi necessário que ele se assentasse em uma metodologia que contemplasse a minha inserção prévia no jornal e a consequente intervenção mútua da presença do coletivo na construção das bases desta pesquisa e desta pesquisa na prática do coletivo. Dentre as modalidades de pesquisa participante, foi escolhida a técnica da pesquisa-intervenção, pois ela possibilita o envolvimento do pesquisador justamente através do conceito de implicação. Segundo Chassot e Silva,

a noção de implicação é outro conceito-ferramenta importante, pois sinaliza que os lugares designados ou ocupados pela pesquisadora não são isentos de efeitos sobre o processo de pesquisa-intervenção. Pesquisar significa

estar implicado em um campo, ou seja, ocupar um determinado lugar na dinâmica das correlações de força sobre as quais se busca pesquisar e intervir. Nesse sentido, a análise de implicação apresenta-se como o constante olhar para essa dinâmica, como uma reflexividade permanente a respeito dos lugares que a pesquisadora ou pesquisador é convocada(o) a ocupar nas relações de saber-poder. Trata-se, portanto, de uma recusa radical à neutralidade de quem pesquisa, produzindo também uma ruptura com a fronteira entre sujeito e objeto que geralmente caracteriza as pesquisas científicas. (Chassot; Silva, 2018, p.2)

Na pesquisa-intervenção, “não se trata apenas de ‘articular’ sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa, mas de entender que ambos se produzem mutuamente, em relação” (Chassot; Silva 2018, p.2). Assim, este estudo busca romper os limites sujeito-objeto ao se constituir como um estudo feito *com* o Boca de Rua, e não *sobre* ele, em que eu, como colaboradora e pesquisadora, estava inserida e participei da produção noticiosa do coletivo, e o coletivo, por sua vez, também participou ativamente da construção desta pesquisa.

Como o objetivo deste estudo é descrever e analisar como as práticas jornalísticas do Boca de Rua foram se consolidando conforme o tempo e as experiências dos integrantes do coletivo tendo como base e em contraponto ao jornalismo hegemônico, iniciei a etapa da análise através da observação das reuniões de pauta. É durante as reuniões de pauta que a produção noticiosa do coletivo acontece, através da mobilização de práticas jornalísticas próprias que já são consolidadas e de conhecimento dos integrantes. Portanto, é lógico entender o Boca de Rua como coautor deste estudo. Isto é possibilitado pois a pesquisa-intervenção

caracteriza-se, nesta perspectiva da transversalidade, como uma metodologia de investigação que procura envolver os saberes de todos que compõem o campo de pesquisa, pensados como coautores de uma prática de produção de conhecimento que nunca se separa do próprio processo de intervenção. (Chassot; Silva, 2018, p.3)

Na pesquisa-intervenção, a análise e a participação são inseparáveis, pois são partes de uma coparticipação com interferências mútuas. Além da minha participação ativa como colaboradora do jornal desde 2022, esta pesquisa provocou a reflexão do próprio coletivo sobre a sua forma de fazer jornalismo. Motivados por este estudo, os integrantes aproveitaram a reunião de pauta do dia 12 de abril de 2025 para discutir sobre questões como o que é notícia, o que é notícia para o Boca de Rua, como elas são construídas pelo coletivo e quais são seus critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Com autorização do grupo, além de observar a reunião e fazer anotações no

meu diário de campo, como faço todas as terças-feiras, também gravei a discussão e depois a transcrevi.

Como minhas fontes de análise são de diferentes naturezas (observações, diário de campo, categorização das principais pautas/editorias e a reflexão do coletivo sobre a sua prática), também precisei adotar diferentes critérios para o tratamento e a divulgação dos dados. Assim, os nomes dos integrantes serão citados quando se tratar de uma cobertura em que eles sejam mencionados no jornal, visto que as edições são documentos públicos, e anonimizados nas observações das reuniões de pauta. Este conjunto de fontes, junto com a fundamentação teórica, guiam a análise que será apresentada no capítulo 6.

## 5.2 CAMINHOS DE ANÁLISE

Como esta pesquisa tem por objetivo descrever e analisar as práticas jornalísticas do Boca de Rua, entendendo-o como um ponto de encontro entre práticas oriundas do jornalismo hegemônico e o saber de pessoas em situação de rua, ficou claro que a opção por uma pesquisa de natureza qualitativa era inevitável. Também ficou claro que era impossível distanciar-me da narrativa apresentada neste estudo, pois estou inserida no Boca de Rua e o Boca de Rua faz parte da construção desta dissertação. Como forma de completar a análise qualitativa das práticas do Boca de Rua, que parte da observação das reuniões de pauta, das anotações no meu diário de campo e da reflexão do coletivo sobre a sua prática, inspirada pela metodologia da análise de conteúdo, também categorizei as oito edições produzidas ao longo do período observado, como forma de ilustrar quais seriam os principais tipos de pauta/editorias do jornal Boca de Rua.

### 5.2.1 *Análise de Conteúdo*

Apesar de não ser o objeto principal de análise desta dissertação, o método da análise de conteúdo (Bardin, 1977) serviu como base para a categorização dos principais tipos de pautas/editorias do Boca de Rua, como um complemento quantitativo a uma análise qualitativa. Segundo Bardin (1977), isso é possível pois a análise qualitativa não rejeita totalmente a quantificação, e testes quantitativos podem ser usados nessas análises.

A análise de conteúdo não é uma técnica propriamente dita, mas um conjunto de procedimentos que foram sistematizados por Bardin em 1977. Neste conjunto de procedimentos, estão previstas três etapas de análise:

a) a pré-análise – nesta etapa, foi delimitado o *corpus*, neste caso as oito edições (82-89) do Boca de Rua produzidas durante as reuniões de pauta observadas para esta pesquisa. Após esta definição, foi realizada uma leitura flutuante, com a intenção de fazer “falar” o objeto da pesquisa (BARDIN, 1977), levantar hipóteses e identificar o objetivo da análise;

b) a exploração do material – nesta etapa, o pesquisador realiza a codificação, ou seja, a transformação dos dados brutos do texto em uma representação de conteúdo, que permite identificar características que serão utilizadas na definição das categorias. Nesta pesquisa, ficou definido que a unidade básica do registro seriam as pautas/editorias, pois o objetivo da análise de conteúdo era ilustrar quais tipos de pauta foram mobilizados nas oito edições do jornal Boca de Rua que compõem o *corpus*;

c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação – esta etapa é onde os dados obtidos se tornam válidos e os resultados se tornam “falantes”. Neste estudo, buscou-se identificar quais os principais tipos de pauta/editorias foram mais presentes nas edições do Boca de Rua como forma de complementar a análise de suas práticas.

### 5.2.2 O *corpus* e as categorias

O *corpus* deste estudo foi delimitado nas oito edições produzidas durante os meses de outubro de 2022 e abril de 2025. No seu projeto, o Boca de Rua não se setoriza por editorias, como acontece no jornalismo hegemônico. Mas, neste estudo, foi feito este exercício de categorização das pautas/editorias do Boca como forma de entender quais são mais frequentes no jornal.

Normalmente, as edições do Boca de Rua apresentam cerca de três ou quatro reportagens principais, que demandam uma apuração mais longa, ocupam mais de uma página do jornal e são fragmentadas em subtítulos e boxes, pequenas notícias menores com manchetes próprias e notas. As reportagens costumam funcionar como um “guarda-chuva”, onde um tema geral é apresentado e, a partir dele, várias histórias são apresentadas, recortadas por pequenas manchetes. Para um leitor que não está familiarizado com a prática do jornal Boca de Rua, pode parecer que se trata de

pequenas reportagens diversas, mas, na verdade, estes textos foram produzidos pelo mesmo grupo e estão ligadas pelo tema comum.

Como exemplo ilustrativo, destacamos a matéria de capa edição nº 86, “Cadê meu filho?”, de março, abril e maio de 2024 (anexo V). Ocupando o intervalo entre as páginas 7 e 13, a reportagem parte da dor das mulheres em situação de rua que têm seus filhos sequestrados pelo Estado e traça paralelos com mães de outras comunidades que também passaram por esta experiência, como as mulheres escravizadas, as mães argentinas durante a ditadura militar no país e as mulheres segregadas em Leprosários. A reportagem foi construída com várias manchetes, e conta com entrevistas, depoimentos, boxes, trechos de livros e recortes de jornais. Nesta pesquisa, esta e outras reportagens construídas de forma similar foram consideradas como um texto só, como foram pensadas pelo coletivo.

Compuseram este corpus as seguintes edições: nº 82 – Garoa pega fogo? (outubro, novembro e dezembro de 2022); nº 83 – Não somos pombos (janeiro, fevereiro e março de 2023); nº 84 – Harmonia tem preço (abril, maio, junho e julho de 2023); nº 85 – Resistência já! (agosto, setembro, outubro e novembro de 2023); nº 86 – Cadê meu filho? (março, abril e maio de 2024); nº87 – Tragédia em dose dupla (junho, julho e agosto de 2024); nº 88 – Um Porto que não queremos (setembro, outubro, novembro e dezembro de 2024) e nº 89 – Flagra nas remoções (janeiro, fevereiro, março e abril de 2025).

Foram estabelecidas as seguintes categorias: cobrança/demanda, comunicações do Boca, denúncia, enchente, eventos, geral, histórias de vida, Pousada Garoa, interesses/serviços, obituário, parceiros, saúde e semana de luta. Embora algumas pautas estejam interconectadas, como, por exemplo, uma denúncia sobre a falta de atendimento de saúde para pessoas em situação de rua, textos desta natureza foram classificados como “denúncia”, e não como “saúde”. Conforme discriminado abaixo, textos categorizados como “saúde” possuem valor informativo, como uma reportagem sobre a varíola dos macacos (nº 82) e outra sobre a tuberculose (nº 88), doença que cresce entre as pessoas em situação de rua e que é comum entre os integrantes do coletivo.

- a) cobrança/demanda – textos em que é apresentada uma necessidade das pessoas em situação de rua e em seguida é solicitada uma solução, normalmente por parte do poder público. Apesar de partirem de solicitações diretas, não chegam a se configurar como denúncia. Um exemplo é a nota

publicada na página 4 da edição 83, que comenta a posse do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e faz um balanço das ações nos primeiros meses de seu governo: “O presidente garantiu que o combate à fome é a sua prioridade número 1, mas cadê as prometidas políticas públicas deste governo para quem vive sem um teto? Presidente, vamos cobrar sua promessa”;

- b) comunicações do Boca – textos em que o Boca compartilha com os leitores algo sobre si, como a divulgação da sua campanha de assinaturas, ou se comunica diretamente com eles, como a nota “Queridos leitores”, publicada na página 16 da edição 83, em que o coletivo apresenta os motivos e se desculpa pelo atraso na edição;
- c) denúncia – textos com teor denunciativo em qualquer área, como por exemplo a falta de políticas públicas para pessoas em situação de rua, a violência policial ou a falta de atendimento em serviços de saúde;
- d) enchente – aqui foram categorizados todos os textos que tratam sobre as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Estes textos poderiam ser enquadrados em outras categorias, como denúncia ou histórias de vida, mas como têm em comum o tema central da enchente e considerada a relevância da pauta no estado, foram sistematizados em uma mesma categoria;
- e) eventos – textos em que são compartilhadas informações de eventos que são de interesse das pessoas em situação de rua, tanto como convite pré-evento como um balanço sobre como foi;
- f) geral – textos em que os assuntos abordados são de interesse geral e que não se enquadram em nenhuma das outras categorias;
- g) histórias de vida – reportagens em que o foco é contar histórias de pessoas, suas vivências e opiniões;
- h) Pousada Garoa – similar à enchente. Considerada a relevância dos incêndios das pousadas Garoa em 2022 e 2024 para as pessoas em situação de rua e para o Boca de Rua (nas duas ocasiões as edições já estavam quase prontas e o coletivo decidiu recomeçar do zero devido à importância da pauta), textos como a denúncia péssimas das condições das instalações, o incêndio, a coletiva do prefeito Sebastião Melo, o enterro das

vítimas e tudo que se refere às pousadas Garoa foi sistematizado nesta categoria;

- i) interesses/serviços – serviços e pautas que são do interesse da população de rua, como notícias sobre as cozinhas populares;
- j) obituário – textos que comunicam o falecimento de algum integrante ou ex-integrante do coletivo. Pode ser uma nota pequenas ou uma extensa reportagem;
- k) parceiros – divulgação de ações de parceiros do Boca de Rua, como a Escola Porto Alegre (EPA), uma das duas únicas escolas no Brasil especializada no atendimento de jovens e adultos em situação de rua; a Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD) Sul; e a Amada Massa, clube de pães que tem buscado colaborar com a construção de autonomia por meio de um sistema de apoio e de geração de renda para pessoas em vulnerabilidade social;
- l) saúde – pautas informativas sobre saúde;
- m) Semana de Luta – assim como as categorias enchente e Pousada Garoa, esta se justifica pela relevância que tem para o jornal. Todos os anos, na semana do dia 19 de agosto, diversas programações acontecem como forma de lembrar o massacre da Praça da Sé, ocorrido na cidade de São Paulo. A Semana de Luta da População em Situação de Rua em Porto Alegre sempre conta com a participação dos integrantes do Boca de Rua, que desempenham tanto a função de repórteres como militantes.

“A gente não tem faculdade,  
 a gente não tem escolaridade,  
 a gente não tem diploma,  
 a gente mal e porcamente  
 tem ali um certificado.  
 Mas a gente faz coisa que muito gravatinha  
 que está sentado numa cadeira não faz.  
 Eu comecei a ser visível  
 pela sociedade, entendeu?  
 Porque antes de eu entrar para o jornal  
 eu era invisível para a sociedade.”

(José Ramires / Ceco In: Boca de Rua –  
 Vozes de uma Gente Invisível, 2013)

## **6. BOCA DE RUA: UM JORNAL QUE DENUNCIA SUA REALIDADE E CONTA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA**

A primeira reflexão desta dissertação foi a busca de identificar nas práticas jornalísticas atuais do Boca de Rua quais ainda eram similares às do jornalismo hegemônico. Este exercício surgiu motivado pelo desejo do coletivo de ser reconhecido como um produtor de jornalismo, sem adjetivos como cidadão, ativista ou comunitário, e como um jornal, não como um projeto assistencial.

Há 25 anos, quando Rosina Duarte e Clarinha Glock se encontraram com os rapazes na praça do Cachorrinho, nenhum deles sabia fazer o Boca de Rua. As jornalistas conheciam as técnicas ensinadas na faculdade, tinham experiência em grandes veículos e dominavam os três saberes que são competências profissionais específicas dos jornalistas: o “saber de reconhecimento”, o “saber de procedimento” e o “saber de narração” (Ericson, Baranek e Chan *apud* Traquina, 2005b), o que significa que elas eram capazes reconhecer o que é notícia, quais procedimentos seguir no tratamento dos fatos e como sintetizar tudo isso em um texto de formato jornalístico. Os rapazes, por sua vez, conheciam uma cidade que, apesar de geograficamente ser a mesma, era outra – totalmente diferente da que elas viviam. A partir deste encontro, tendo uma praça como ambiente de redação e um gravador e uma câmera fotográfica analógica como equipamentos, o Boca conseguiu desenvolver uma forma de trabalhar que é única, que agrega práticas do jornalismo hegemônico – como o comprometimento com a ética, ouvir todos os lados e apurar os fatos com rigor – com a Ruaologia.

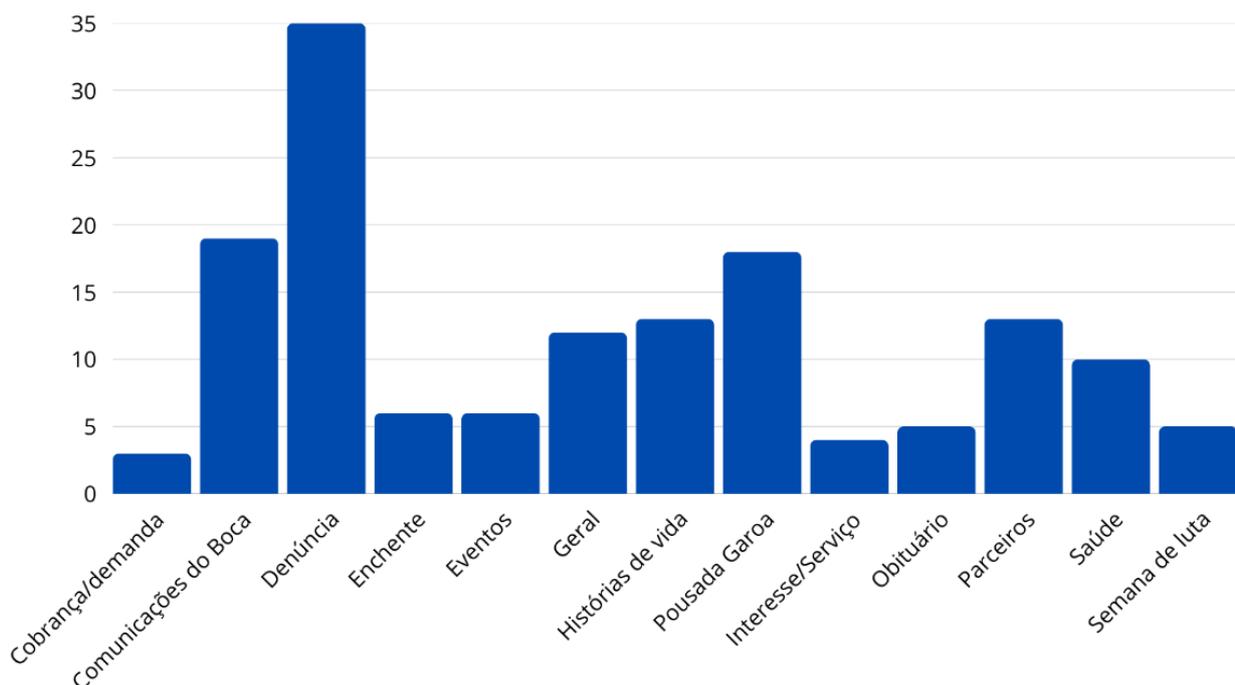
Cansados de não se verem representados nos meios de comunicação de massa, o Boca de Rua surge como uma força de resistência. Como no jornalismo hegemônico não havia espaço para suas vivências, eles decidiram criar o seu próprio espaço. A opção pelo jornal impresso se deu pois este é um formato que tem como premissa a noção de real e goza da confiança da sociedade, o que faz como que ele consiga alcançar lugares que outras formas de expressão não conseguiriam chegar.

### 6.1 As principais pautas/editorias

Como forma de complementar a análise das práticas do jornal, de caráter qualitativo, esta pesquisa se propôs a caracterizar as principais pautas/editorias das oito edições que foram publicadas durante o período observado. Este processo teve como objetivo ilustrar quais foram as principais pautas/editorias produzidas pelo jornal durante a pesquisa.

Após uma primeira etapa de leitura das oito edições, foram propostas 13 categorias de análise, cuja descrição de cada uma foi apresentada no capítulo 5. Os resultados obtidos geraram o seguinte gráfico:

**Figura 33: Principais pautas/editorias do Boca nas edições analisadas**



Fonte: elaborado pela autora

O principal tema abordado nas edições do Boca de Rua é a denúncia. Denúncia de violências, de privatização de parques, de desmatamento, de negligência na saúde. A segunda maior categoria, comunicações do Boca, contou com 19 textos em que o Boca de Rua fala de si, compartilhando diretamente com os leitores suas novidades e projetos. Os incêndios da pousada Garoa, o enterro das vítimas, a situação dos sobreviventes e a cobrança por respostas foram tema de 18 reportagens. As histórias de vida das pessoas em situação de rua, integrantes ou não do coletivo, foram o centro de 13 textos, mesmo número de vezes que os parceiros do Boca. De todos os 148 textos publicados, apenas 12 foram enquadrados como categoria geral. Foram escritas 10 pautas informativas sobre a saúde, com temas como a tuberculose e transtornos mentais. A enchente e eventos apareceram 6 vezes cada. Ao longo dos 27 meses observados para esta pesquisa, cinco integrantes do coletivo faleceram e foram lembrados no jornal. Todos os anos, a Semana de Luta da População em Situação de Rua é pauta no Boca, e foi o tema central de 5 reportagens. Como interesses/serviços e cobrança/demanda foram categorizados 4 e 2 textos, respectivamente.

## 6.2 De onde olha e por quem o Boca fala

O Boca de Rua se constitui como um veículo de comunicação a partir de um encontro. As jornalistas da Alice, Rosina e Clarinha, levavam consigo o domínio de práticas do jornalismo hegemônico – formato que goza da confiança do público leitor. Os jovens habitantes da praça do Cachorrinho traziam na bagagem o conhecimento sobre a vida nas ruas e tudo o que ele envolve. É a partir do contato destes saberes que o Boca de Rua se constrói, desse espaço onde o outro – acostumado a ser marginalizado e apagado dos meios de comunicação de massa – assume o lugar de protagonista na construção da realidade que busca revelar.

Com a proposta de ser um veículo – ou a boca – que conta as vivências da população da rua sem as espetacularizar nem reduzir, o Boca surge como um espaço de troca, onde o jornalismo surge como uma possibilidade de transformar a vida das pessoas em situação de rua e o conhecimento do povo da rua transforma o jornalismo praticado pelo coletivo.

### 6.2.1 Ruaologia: a lente Boca

Segundo Traquina (2005b), os jornalistas são membros de uma “tribo” que compartilham saberes básicos que “servem de ‘óculos’ para ver o mundo e para o construir” (Traquina, 2005b, p.95). Mas estes saberes, tidos como inerentes à prática profissional, “também se constituem a partir dos pressupostos de uma epistemologia que é [...] racista, sexista e classicista, além de positivista” (Veiga da Silva, 2015). Ou seja, os jornalistas reproduzem de forma inconsciente discursos hegemônicos mascarados pelo cientificismo da objetividade, sem perceber que, enquanto sujeitos, trazem as marcas de terem sido forjados por uma sociedade ainda carregada de preconceitos. Na prática jornalística do Boca de Rua, os óculos através do quais se enxerga o mundo tem como lente um saber chamado Ruaologia. Este conhecimento, que é compartilhado entre pessoas com trajetória de rua, é lente do Boca desde a sua fundação, pois o jornal parte do olhar de quem conhece a realidade da vida nas ruas não só na escolha de suas pautas como em todo o tratamento que dá a elas.

Ter o espaço público como casa faz com que a população de rua construa uma relação muito mais profunda com a cidade. Assim como nós nos apropriamos do espaço privado de nossas casas, eles aprendem a sobreviver nas ruas a partir da observação dos movimentos da população. É importante saber onde é seguro dormir. Onde é possível usar o banheiro e até mesmo tomar um banho quando não se tem dinheiro. Onde há restaurantes populares ou entrega de marmitas gratuitas. Quem são as madrinhas que deixam macaquinhos (nome dado aos pacotes com comida que são amarrados em árvores ou portões) e/ou apoiam com algum dinheiro. Onde há distribuição de roupas e agasalhos em dias frios. Esse conhecimento não pode ser ensinado, só vivido. É empírico, surge da vivência e da observação diária do espaço público e só é dominado por quem já necessitou viver na rua. Por precisarem sobreviver no espaço público, as pessoas em situação de rua são doutoras em Ruaologia.

A Ruaologia conta com um vocabulário próprio, que é compartilhado com presidiários e ex-presidiários, prostitutas, travestis e todas as populações marginalizadas que cercam a vida nas ruas. A primeira vez que um minidicionário foi publicado no Boca foi na edição número 4 (2001), em que o jornal compartilhou uma lista de termos e seus significados sob o título “Gírias da Rua e da Prisão”.

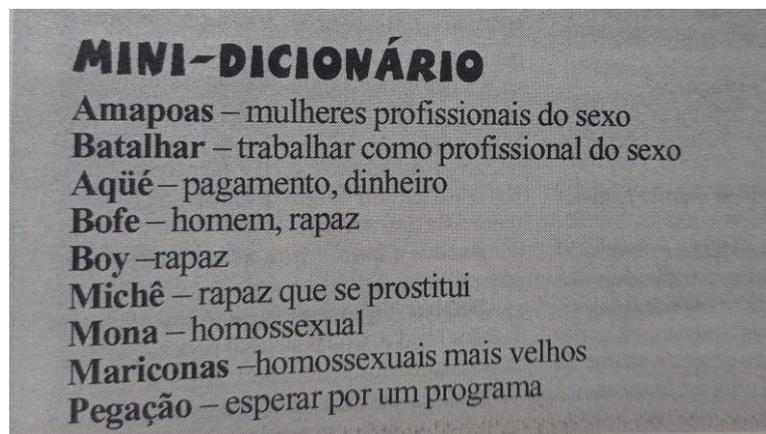
Figura 34: Gírias da rua e da prisão



Fonte: Boca de Rua nº 4, 2001, P.4

Algumas edições depois, foi a vez dos termos usados por travestis e profissionais do sexo, em um minidicionário publicado no pé da reportagem intitulada Sexo Sociedade Anônima, da edição número 15 (2004).

Figura 35: Minidicionário de termos usados por prostitutas e travestis



Fonte: Boca de Rua nº 15, 2004, p.4

Apesar de ser mobilizado todos os dias por quem vive nas ruas, ainda demorou para que o conceito de Ruaologia fosse parar no jornal. Mesmo o termo tendo sido cunhado por Carlos Henrique em 2015, ele só apareceu no jornal na reportagem *Pequeno Dicionário de Ruaologia* (anexo III), publicada na edição nº 66 (2018):

Psicologia, Geologia, Geografia, Museologia e... Ruaologia. Sim, essa ciência existe. Não há escola nem faculdade que ensine e todas as provas são orais. Tem que saber a matéria de cor. Quem vive em casa, têm um emprego e um diploma seria reprovado neste curso. Os moradores de rua mais antigos viram professores e ensinam quem está chegando onde buscar comida e abrigo, quais os lugares mais seguros, como se proteger da polícia e das milícias, como se aquecer no inverno, como curar as doenças mais simples. Mau aluno não sobrevive. Ruaologia é a ciência da vida na rua. Existe desde que surgiram os moradores de rua, mas a primeira pessoa a falar nela foi Carlos Henrique, protético, músico e integrante do jornal Boca de Rua. Em 2015 ele trabalhava como facilitador da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) e participava de um encontro com pessoas de vários cantos do Brasil. Cada um tinha um título: eram pesquisadores, professores, doutores. Foi quando Carlos falou: “Eu também sou doutor. Sou doutor em Ruaologia”. (Boca de Rua, nº 66, 2018, p.4)

Alguns anos mais tarde, em 2023, a frase “Doutores em Ruaologia” se tornou o slogan de uma campanha de assinaturas do jornal, feita pela agência Shoot em parceria com o Boca.

**Figura 36: Campanha de assinaturas Doutores em Ruaologia**

Fonte: redes sociais do Boca de Rua

### 6.3 Reportar e vender: uma relação de igualdade

Para os integrantes do Boca de Rua, a Ruaologia exige a habilidade de saber vender jornais. É da venda que eles tiram suas remunerações, sendo ela, portanto, parte fundamental do ciclo do jornal. Além de produzir o Boca, eles precisam saber apresentá-lo durante as vendas, o que faz com que desempenhem não só o papel de repórter e nem só de vendedor, mas o de repórter-vendedor.

Vender o Boca de Rua é vender um mergulho a uma dimensão desconhecida da cidade, e os repórteres-vendedores se tornaram especialistas nisso. Como o jornal é feito por eles, a partir de pautas propostas e escritas pelo olhar deles – pautados pela Ruaologia – eles sabem apresentar cada edição, contando detalhes das reportagens – o que acaba sendo fundamental numa sociedade que desconhece a realidade da vida nas ruas e marginaliza as pessoas em situação de rua.

No Boca de Rua, a relação vendedor-comprador é muito mais complexa do que em qualquer outro veículo, pois excede a dimensão de produto. Os vendedores são os próprios repórteres, que divulgam o jornal – o seu olhar sobre o mundo – diretamente aos leitores. Cada repórter-vendedor tem suas estratégias: assim como as práticas jornalísticas do Boca foram se constituindo a partir do encontro e de erro e acerto, as formas de vender também. Ao homenagear a integrante Rita na edição subsequente ao seu falecimento (nº 62), o coletivo destaca que ela gostava de vender jornais recitando os versos que abrem a introdução desta dissertação. Da mesma forma que Rita gostava de abordar os clientes recitando um poema, cada um foi desenvolvendo a sua estratégia. Bocão, um dos fundadores do Boca, preferia vender os jornais nas sinaleiras: “quando alguém novo chegava na sinaleira que ele costumava ficar, ele não deixava: ‘sai daí! Essa sinaleira é minha!’” (Boca de Rua nº 56, 2015, p.4)

Quando o Boca de Rua surgiu, no começo dos anos 2000, ainda era comum a profissão de jornaleiro, pessoas especialistas em vender jornais nas ruas. Como o jornal contava com apoio da FMSS, foi oferecida uma oficina na sede do jornal Zero Hora com estratégias sobre como abordar pessoas e trabalhar em equipe, que aconteceu no dia 26 de junho de 2001. Alemão e Magro, dois repórteres-vendedores do Boca, participaram de um curso para aprender a vender o jornal, que foi ministrado por Welter Arduini, gerente de Produto e Venda Avulsa do DG/ZH, e Fernando Marques, coordenador da equipe de jornaleiros.

Figura 37: Aprendendo a vender nosso jornal

# APRENDENDO A VENDER NOSSO JORNAL

No dia 26 de junho, Alemão e Magro, dois integrantes do *Boca de Rua*, estiveram na sede de *Zero Hora* fazendo um curso para aprender a vender jornal. A aula durou uma tarde inteira e foi dada por Welter Arduini, gerente de Produto de Venda Avulsa do *Diário Gaúcho/ZH*, e Fernando Marques, coordenador da equipe de jornaleiros.

Primeiro, Alemão e Magro olharam as máquinas automáticas que imprimem *ZH*, *Diário Gaúcho* e *o Boca*. Num momento do curso, Fernando botou uma venda nos olhos de Magro e uma atadura nas mãos de Alemão. O professor disse para eles montarem uma caixa. Os dois tinham de fazer de conta que estavam numa ilha e precisavam pegar água limpa. Lá não tinha água, nem comida. Só se chovesse. Se não fizessem a caixa, eles não teriam água. Um não tinha condições de ver e o outro não podia mexer as mãos.

Eles conseguiram montar, mas a água vazou porque a caixa não estava bem fechada. Faltou comunicação. "Nós tínhamos de ajudar um ao outro, senão a gente morria", concluiu Alemão. Trabalhar juntos é importante também na hora de fazer e de vender o jornal nas ruas.

Depois, criaram um produto para o professor comprar, mostrando como faziam com o *Boca de Rua*. Enquanto Fernando fingia estar atrasado, esperando um ônibus, Alemão demorou muito conversando e não conseguiu vender. Magro vendeu mais fácil, porque Fernando fez que estava passeando na rua e teve mais tempo para ouvir o que ele tinha para falar.

Os dois gostaram da experiência porque, além da aula, ganharam coletes para trabalhar. Isso ajuda a identificar a equipe do *Boca* na hora de abordar as pessoas na rua, sem que elas tenham medo. "Nós só queremos vender o nosso jornal", disse Magro.

Exercício ensina a trabalhar em grupo

Foto: Aline



Fonte: Boca de Rua, nº 1, 2001, p.4

Cada integrante pode receber, em média, 50 ou 60 exemplares por semana. Se vender toda a sua cota, isso representa entre R\$ 150 a R\$ 180. Não há nenhum tipo de prestação de contas – todo o dinheiro obtido fica imediatamente com o repórter-vendedor. Em algumas ocasiões, também especiais, são entregues pôsteres, cartões-postais, adesivos e outros materiais gráficos do jornal para serem comercializados.

Como ilustra a imagem abaixo, trecho de uma reportagem publicada na edição nº 6 (2002), é comum que os repórteres-vendedores sejam questionados sobre a autoria do jornal, dúvida que segue incomodando e que motivou esta pesquisa.

**Figura 38: Dúvida sobre autoria do jornal**

Quando o grupo sai para vender o *Boca de Rua*, é comum dizerem que o jornal é caro, que é pequeno ou que não é feito pelos próprios moradores de rua. “Este jornal é diferente porque fala da nossa vida, da violência, da droga. Eu gosto de trabalhar nele e o dinheiro da venda me ajuda a comprar o que eu preciso para viver”, respondeu Alemão, um dia. O cara mudou de idéia e comprou.

Fonte: Boca de Rua nº 6, p.4

Muito já falou sobre como ser o produtor do conteúdo do jornal impacta positivamente nas vendas pois, “ao vender, as pessoas estabelecem uma comunicação direta com seus leitores e podem explicar, pessoalmente, o trabalho que realizam, elevando a autoestima e o comprometimento de cada um com o projeto” (Alice, no prelo, s.p.). Conforme reportagem publicada na edição nº 57, de janeiro, fevereiro e março de 2021, 90% dos integrantes tinham no jornal a sua principal fonte de renda.

Quando o Boca de Rua foi fundado, todos os integrantes viviam nas ruas. Acostumados a observar o mundo pela linha do meio fio, já não sabiam mais ver nem serem vistos de maneira horizontal. Além de o jornal se propor a ser um veículo onde eles poderiam se ressignificar como sujeitos ao recriar suas realidades, a etapa da venda também contribuiu nesse processo, elevando-os da altura da calçada para conversar de igual para igual com quem passasse.

O conceito de repórter-vendedor foi proposto aqui devido ao caráter indissolúvel estabelecido entre o trabalho de reportar e o de vender. Se no jornalismo hegemônico, onde as hierarquias de gênero e as relações de poder se entrelaçam (Veiga da Silva, 2015), o vendedor é quem está mais abaixo na hierarquia, à margem de toda e qualquer decisão, produção e lucro, no Boca de Ruas ambas as etapas são fundamentais e se complementam. Não é diretamente do trabalho de reportagem que o repórter-vendedor tira o seu sustento, mas sim da venda. Ser um bom vendedor e ter uma boa relação com os apoiadores (como eles costumam chamar as pessoas

que sempre compram o jornal) facilita as vendas, mas elas só se concretizam porque, antes, houve a produção do jornal.

Dada a natureza uma destes processos e que, como já vimos, é sabido que a produção interfere diretamente na etapa de venda, é lógico supor que a venda também interfira na prática do jornal. Esta relação simbiótica se revelou como um critério de noticiabilidade na prática do coletivo, mostrando que o comprador também faz parte do processo noticioso. Assim como os membros de uma “tribo” jornalística são dotados de um “faro” para o que é notícia (Traquina, 2005b), o contato direto com os compradores dota os integrantes do Boca com a capacidade de reconhecer o que é de interesse dos leitores e baliza a hierarquização das notícias.

Entre dezembro de 2022 e dezembro de 2023, após a eleição do presidente Lula, o coletivo preparou uma carta com diversas perguntas destinadas a ele (anexo VIII) sobre as políticas voltadas às pessoas em situação de rua que seriam implementadas neste terceiro mandato. A primeira tentativa de entregá-la foi ainda durante a cerimônia de posse, em Brasília. Eu tinha viajado com a carta e diversos exemplares do jornal na mala, e a Alice estava tentando me credenciar como repórter do Boca de Rua para fazer a cobertura do evento. O credenciamento não foi possível pois exigia a comprovação do vínculo empregatício pela cópia do contrato ou pela carteira de trabalho.

**Figura 39: Discurso de posse do presidente Lula em 2023**



Fonte: Acervo da autora

Alguns meses depois, foi anunciada uma visita de Lula a Porto Alegre e a sua presença na 20ª Festa da Colheita do Arroz Agroecológico do MST, realizada no Assentamento Filhos de Sepé, em Águas Claras, Viamão. Quatro integrantes do Boca de Rua foram cadastrados como imprensa para fazer a cobertura do evento, mas o presidente não apareceu.

**Figura 40: Boca de Rua na 20ª Festa da Colheita do Arroz Agroecológico**



Fonte: Acervo Boca de Rua, 2023

O envelope endereçado a ele ficou com os assessores de uma deputada federal, que se comprometeram a entregá-lo – mas nunca deram retorno. Um ano depois da primeira tentativa, três integrantes do coletivo, Nilson, Beiço e Dentinho, viajaram a Brasília para o lançamento do *Plano Nacional Ruas Visíveis – pelo direito ao futuro da população em situação de rua*, no dia 11 de dezembro de 2023. Nilson tentou alcançar um jornal para o presidente, mas não conseguiu. Desta vez, o envelope foi entregue diretamente para a deputada federal Daiana Santos, que prometeu que o entregaria – e cumpriu. No dia 12 de dezembro, uma foto da autoridade máxima do país segurando o único jornal do mundo produzido por pessoas

em situação de rua foi publicada nas redes sociais da deputada. Todos ficaram muito felizes e emocionados ao verem seu trabalho chegando tão longe.

No entanto, contrariando a expectativa das colaboradoras e a lógica do jornalismo hegemônico – em que a proeminência é um valor-notícia –, o coletivo optou por não colocar a foto na capa da edição. Os principais argumentos eram que Lula não tinha respondido às perguntas enviadas pelo grupo e que a sua foto na capa do jornal dificultaria as vendas. Depois de muita discussão, decidiram publicar a histórica foto em um retângulo de 5,5cm x 6,5cm em uma notícia sobre os 24 anos do jornal.

Figura 41: Contracapa da edição 86

**16 BOCA DE RUA** março, abril e maio de 2024

# O Brasil e o mundo nos conhecem

**Queridos leitores**

Estamos nos desculcando por não termos apontado esta última edição no tempo certo, que é de três em três meses. Foi a primeira vez em toda a história do Boca. Até agora a gente só tinha falhado o jornal impresso durante a pandemia de Covid 19, mas saiu online e inclusive nesta ocasião inauguramos as assinaturas. Mas desta vez não deu, por causa de uma série de infelicitades como doença dos colaboradores, feriados, férias de quem nos apoiou, morte de um companheiro (com dificuldade enorme para o sepultamento) e, também, que o nosso principal computador – já bem velho – estragou justamente durante a edição.

Agradecemos sua compreensão e apoio, sempre!  
Sigam acreditando em nós!

Este é o 24º ano que o Boca circula por Porto Alegre e ate o Lula e o Padre Júlio Lancelotti já foram apresentados no nosso jornal. Somos conhecidos também no exterior por causa do documentário "De olhos abertos", feito por nossa colaboradora Charlotte Dafol, com vários prêmios em festivais internacionais. No último dia 21 de fevereiro, inclusive, o filme encerrou a exposição fotográfica "Viver e Morrer na Cidade Grande" - no Goethe-Institut - que teve a nossa participação inclusive no nome. Como as pessoas, nascemos pequenos, mas durante um grande evento: o I Fórum Social Mundial, em 2001. A gente já trabalhava há seis meses para fazer o primeiro número. Eram só meia dúzia, reunidos na varca do Cachorrinho, em frente ao colégio Rosário. Durante 22 anos o projeto não teve teto, como os seus integrantes. Hoje somos muitos e temos uma sede própria (Casa Alice, na Olavo Bilac, 188), depois de nos reunirmos em praças, viadutos e prédios emprestados. Durante a pandemia inauguramos nossa assinatura virtual, mas seguimos vendendo na rua, onde boa parte das pessoas nos representam e compram nosso jornal. A maioria dos vendedores, inclusive, hoje têm pix para facilitar a vida dos leitores. Parabéns para nós, que construímos o único jornal do mundo feito, gerido e vendido por pessoas com trajetória de rua. Ele não é um conto de fadas, mas é nossa história e também, a história da cidade onde vivemos.

**Mulheres catarinenses lançam revista inspirada no Boca**

O projeto Rede Viva de Mulheres – ligado ao Instituto Arco-Iris, da Santa Catarina – lançou uma revista. Nossa parceira Carolína Pommer participou e disse que a ideia teve inspiração no Boca. Que orgulho! Vida longa a nossa "filhada"!

Participaram desta edição: Anderson Luiz Joaquim Corrêa, Alexandre Português, Alex Sandro Pereira dos Santos Ferreira, Aline Gonçalves Leal, Ana Paula Santos da Silva, Carlos Henrique Rosa da Silva, Cláudio José Ribeiro, David Mathias Becker, Diego Macedo, Emerson Canagrande da Silva, Edisson José Souza Campos, Felipe de Oliveira Rodrigues, Fábio Saravia Corrêa, João Elias Barbosa Machado, Jones Rosa dos Santos Barbosa, José Luiz Straubichen, Joice de Oliveira (em licença saúde), Marcos Rodrigo da Silva Scher, Michelle Aparecida Marques dos Santos, Michel Vasconcelos dos Santos, Maria Helena Moraes de Lima, Maurício Almeida, Nara Gonçalves Canabarro, Nilson Lara Lopes, Paulo Águas, Roberta dos Santos Fernandes, Simoni Gonçalves Machado.

**Alice**  
AGÊNCIA LIVRE  
PARA INFORMAÇÃO, CIDADANIA E EDUCAÇÃO

A Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice) tem o objetivo de promover a discussão da imprensa de forma crítica e consciente e de incentivar projetos sociais ligados à comunicação.

Endereço para correspondência:  
alice@alice.org.br | www.alice.org.br

© jornal Boca de Rua é filiado à International Network of Street Papers (INSP)

**@jornalbocaderua**  
Siga, curta e compartilhe a página do Boca de Rua

O impacto do contato com as ruas na produção do Boca é reconhecido pelos integrantes, como demonstra o trecho a seguir, extraído de um diálogo que ocorreu na reunião de pauta em que o coletivo buscou refletir sobre suas práticas:

A pessoa que para pra prestar atenção, pra mim já é uma ótima forma de pagamento, porque parou para prestar atenção. Pode não comprar e tal, mas parou para prestar atenção e dizer fica pra uma próxima vez, talvez na próxima o passo pode ser completo. E essa pessoa comprar um jornal meu, ou de qualquer outro de nós, é o primeiro passo para entrar para dentro do nosso contexto de jornal Boca de Rua e virar uma espécie de colaborador, porque, para mim, as pessoas que compram jornal não são simplesmente pessoas que estão comprando jornal, estão sendo colaboradores do nosso jornal, quer dizer, estão fazendo parte da nostra história, mesmo que de uma forma, digamos que invisível. (DC, 15 de abril de 2025)

Para os repórteres-vendedores do Boca de Rua, a troca com os leitores também é vista como uma colaboração. Nestes encontros eles são reconhecidos como sujeitos detentores de um saber e como cidadãos produtores de conhecimento. Não é raro que das vendas surjam novas pautas, pois eles estão sempre abertos a ouvir sugestões. Afinal, o jornal só existe porque tem leitores que o compram.

#### 6.4 A ética na produção do Boca de Rua

Dentre todos os formatos possíveis de transmissão de informação, os integrantes do Boca de Rua escolheram, desde o primeiro encontro na Praça do Cachorrinho, o jornal impresso, pois este goza da confiança dos leitores e consegue romper barreiras e circular entre a população domiciliada. Esta confiança foi se estabelecendo ao longo dos anos, a partir do surgimento de técnicas e práticas que buscavam garantir que as notícias publicadas narravam apenas os fatos, o real, e não opiniões. Como afirma Traquina (2006), “há no jornalismo toda uma série de responsabilidades e comportamentos que devem ser associados ao profissional do campo jornalístico”.

Como lembrou Rosina em entrevista ao jornal Grifo em 2022, o jornalismo do Boca de Rua já se estabeleceu tendo como base

dois pilares: a questão ética e a questão da clareza. Ou seja, tu não podes atribuir a alguém aquele fato se tu não ouvires a pessoa. E também tem que ser claro. Aí entra o quê, quem, quando... e tem também uma construção muito singular, que é a mistura da linguagem oral com a escrita. Não é o Português perfeito, mas não é também aquele falso linguajar carregado de gírias difíceis de entender. É uma narrativa híbrida. (Duarte, 2006)

Nas primeiras edições, os conceitos de ética e clareza eram trazidos por Rosina e Clarinha, mas, com o tempo, foram sendo absorvidos pelos integrantes do coletivo de forma natural, a partir da prática. Apesar de nunca terem sido escritos, são repassados aos novos integrantes oralmente conforme as questões surgem no dia a dia do Boca.

Logo no começo das minhas observações, durante a produção da edição nº 82, pude presenciar dois momentos de debates sobre a ética do Boca de Rua. A primeira discussão ocorreu após o dono de um comércio no bairro Cidade Baixa, incomodado com a presença de moradores de rua na região, jogar um rojão dentro de uma pensão onde eles viviam. Vários integrantes do Boca estavam presentes, e um deles inclusive foi agredido ao tentar deter o homem, que fugiu do local. Todos sabiam a identidade do agressor e onde ele trabalhava. Enquanto os mais novos no coletivo defenderam que o jornal deveria revelar a identidade do comerciante, os mais antigos explicaram que o jornal não poderia fazer isso a não ser que o acusado fosse ouvido.

Tem que botar! Tem que botar que a gente sabe que foi ele!

Não, meu. A gente não pode botar que foi ele! Se a gente botar depois ele vem e processa!

Mas se a gente viu! Foi ele! Tem que botar que foi ele! É crime!

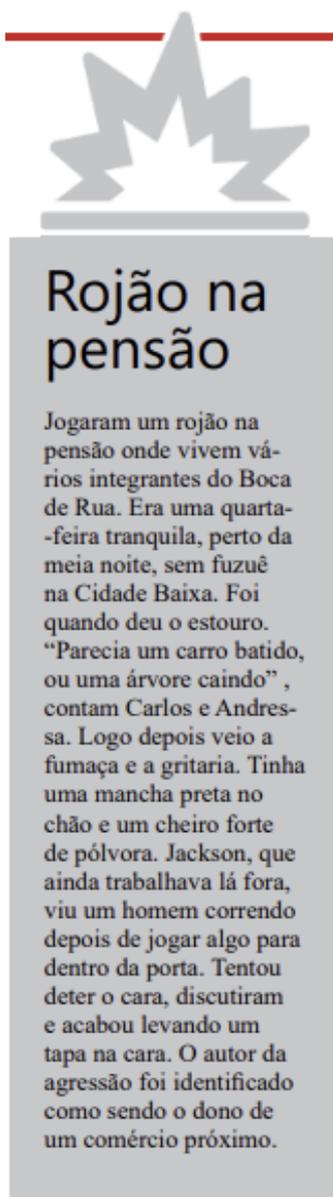
Pra botar só se a gente for falar com ele e fazer um B.O. E eu não vou falar com ele! Pra que?

Que falar o quê? Pra ele jogar mais bomba em nós? Tem que botar! Dizer que foi ele!

Não dá, meu! Não dá pra botar o nome dele que daí ele vai processar o jornal! Tu não vê que a gente não pode acusar ele se a gente não pode provar? Aí não dá, meu! E (DC, 2022)

Como todos estavam com medo de sofrer novas agressões caso fossem conversar com o homem, o grupo decidiu publicar uma nota narrando o que aconteceu e afirmando que o agressor era dono de um comércio próximo, porém sem citar o seu nome nem o do seu negócio.

**Figura 42: Notícia Rojão na pensão**



Fonte: Boca de Rua nº 82, 2022, p.15

A segunda discussão sobre ética que presenciei no coletivo aconteceu poucos dias depois, quando um dos integrantes foi agredido pelo segurança de um bar na Travessa dos Venezianos enquanto vendia os jornais. Além da agressão física, três tapas na cara, o repórter do Boca teve os seus jornais rasgados. Desta vez, o coletivo optou por citar nominalmente o bar e, por isso, procurou a dona do estabelecimento para uma entrevista.

Quando Carlos Henrique chegou para a conversa, descobriu que na noite da agressão o local estava sediando um aniversário, um evento privado. Como receberia

um público grande em meio ao primeiro turno das eleições de 2022, o aniversariante contratou um segurança particular. Portanto, as agressões não partiram de um funcionário e nem por orientação do restaurante.

A partir da entrevista, o coletivo estabeleceu uma relação com o bar, e a proprietária inclusive se propôs a pensar em projetos e parcerias e a conversar com outros estabelecimentos para que o bairro seja mais acolhedor. No jornal impresso, a denúncia da agressão foi publicada na mesma página que a entrevista, porém a entrevista ocupa um espaço bem maior, com foto, e aparece antes mesmo da denúncia.

Figura 43: Direito de resposta e denúncia de agressão

### Travessa também é lugar de cultura

Para nós, a Travessa é um lugar de cultura e não de violência. Por isso, o repórter Carlos Henrique foi entrevistar a Vivi (Viviane de Azevedo), uma das proprietárias do estabelecimento Pizza Bar, onde seguranças agrediram integrantes do Boca sem o seu conhecimento.

**Você já teve alguma outra complicação com morador de rua? O que tu tem pra nos dizer da cena que houve aquela noite?**

O Butcher já tá há bastante tempo aqui no Centro e Cidade Baixa. Nós, proprietárias, somos moradoras do bairro, então a gente tá muito adaptada à diversidade que o bairro traz. Justamente porque a gente tem uma ideologia e viés mais voltado a colaborar com a comunidade. Tanto é que nunca teve problema com moradores de rua ou pessoal vendendo, como vocês com o jornal ou diversas outras pessoas que vêm aqui com sua arte, seu rap. Nunca tivemos um momento triste como esse. Na verdade, também com erro nosso, porque não instruímos os seguranças de forma adequada. (...) Como foi a primeira vez, eu não vi o início do problema porque estava operando o caixa. Estava acontecendo uma festa de aniversário de um cliente, a gente comentou com ele que seria interessante ter uma segurança, porque ia vir um número grande de pessoas, e, também, por ser o primeiro turno das eleições. Ele (o aniversariante) é envolvido em diversas cenas culturais de Porto Alegre, nunca imaginou que os seguranças fariam aquilo. Então todo mundo ficou chateado. Tinha ali uma galera de uma classe mais privilegiada, mas independente da classe, temos nossa ideologia de sempre agregar, de fortalecer os movimentos culturais, sejam de qualquer classe, gênero ou raça. A gente, inclusive, fez algumas reparações do jornal e alguns convidados do aniversariante também fizeram um pix, porque se sensibilizam. Erros acontecem, mas não devem ser repetidos, a gente tem que aprender com eles. Eu fico extremamente desolada quando dá algum problema de discriminação ou de algum preconceito porque, apesar de não ter vindo de uma classe periférica, o que eu faço é pegar meus privilégios e fazer algo de bom com eles, repartir com a comunidade. Tanto que a gente fornece lanche às vezes, e sem sempre os queridos, adotados aqui na rua. A gente tá sempre ajudando, porque vocês também nos ajudam. Às vezes, na hora de ir embora - com a rua vazia e tudo fechado - encontramos um de vocês na esquina e já se realiza uma troca de segurança, de harmonia em comunidade. Uma troca de vizinhos mesmo, sabe? (...)

Isso que aconteceu foi um incidente muito desagradável, mas vocês podem ter certeza que também foi um desconforto pra nós. Como foi a primeira vez, a gente nem sabia o que fazer (...) Acho que com esta entrevista podemos fortalecer outros bares da CB que são mais acolhedores e também levar essas informações para aqueles que ainda não são tão inclusivos assim. Eu me coloco à disposição para, junto com vocês, pensar em algum projeto e apresentar em alguns bares. Daqui a pouco, um vendedor abraça um bar, daí deixa os jornais ali. Em contrapartida, ele pode fazer algo para o bar, também. Se eu estender a mão e outra pessoa estender junto, vou ter mais força. Eu peço desculpa mesmo. A gente ficou morta de vergonha e triste. Eu sou gay e esta é a primeira hamburgueria voltada pro público LGBTQIA+ em Porto Alegre. Por isso, dou muita palestra sobre privilégios, sobre locais acolhedores e empreendedorismo LGBTQIA+. Então, eu posso não ter sentido um preconceito igual ao seu, mas eu já passei por algum tipo de preconceito. Por isso sou muito empática com a dor e sentimento do outro. Não tem porque a gente não se apoiar. Pelo menos nós que já sentimos isso.

### Jornais rasgados e tapa na cara

Existem locais na cidade (poucos) onde a gente é bem acolhido. A Travessa dos Venezianos é um destes lugares. Os donos dos bares nos apoiam e nos deixam vender o jornal sem problemas. De noite, aos fins de semana tem bastante gente e normalmente ninguém nos discrimina. Porém, toda a regra tem exceção. Em outubro, quando terminou o primeiro turno das eleições, ocorreu uma agressão bem grave por parte de seguranças de uma festa. Eles agrediram e rasgaram o jornal de um dos vendedores, o Maurício.

Nesta noite, estava acontecendo uma festa de aniversário em um dos bares - Butcher Pizza Bar - e a rua estava cheia de gente, boa para a venda. Al vieram os seguranças para expulsar o vendedor, dizendo que ele não podia estar ali. Detalhe: um deles era um homem negro que, possivelmente também é discriminado pela sociedade.

Nosso colega protestou, indignado, e então levou três tapas na cara, foi empurrado, derrubado e teve seu material rasgado. "Sou trabalhador!", gritou, mas sua vontade era avançar no cara. Eles também destruíram a carteira de identidade do nosso colega e o dinheiro das vendas se perdeu na confusão. Mesmo assim, a maioria das pessoas só ficou olhando, sem reagir. Alguns até viraram a cara. Muitos ainda tinham bandeirinhas vermelhas e, quase certo, iam nas passeatas pedindo um governo que respeitasse os direitos humanos. Só umas gurias xingaram os caras.

Neste meio tempo outros integrantes do jornal foram avisados e vieram proteger o colega. No meio de tudo, chegaram os responsáveis pela festa dizendo que não iam chamar a Brigada e oferecendo ressarcimento pelos jornais rasgados. Mas a gente não queria dinheiro. Levamos três meses para fazer o jornal, é o nosso trabalho, queremos respeito.

### Violência nossa de cada dia

A Brigada Militar e a Guarda Municipal estão cada dia mais agressivas. O abuso de autoridade faz parte da rotina. Dá para colecionar histórias e os repórteres do Boca estão sempre atentos. Uma delas foi fotografada por um repórter do Boca. Aconteceu na Esquina Democrática, num dia de manifestação pelas eleições. Por sorte, o pessoal da passeata cercou e defendeu. O PM gritava: "Podem me filmar". Não se importam porque não são punidos.

Todas estas decisões editoriais são tomadas de forma coletiva a partir da discussão do grande grupo. É comum nestes momentos de debate ouvir algum integrante explicando que “isso aqui é um jornal”, ao lembrar a necessidade de que todos os lados devem ser ouvidos e do comprometimento do grupo com a ética e a clareza. Neste processo, o Boca vai sempre formando seus novos repórteres, que vão aprendendo, de forma coletiva, as práticas do jornal.

### 6.5 As notícias do Boca: uma prática coletiva

Como forma de entender qual é o espaço que o jornalismo hegemônico e a Ruaologia ocupam na produção noticiosa do Boca de Rua, uma boa alusão talvez seja imaginá-lo como um filho que, invariavelmente, nasce carregando traços de seus pais. Para além da opção pelo formato jornal, o Boca busca no jornalismo a base para a sua prática. Assim como em qualquer redação, a produção do grupo é estruturada em reuniões de pauta, todas as informações são checadas, os textos são elaborados tendo como base a tipologia textual jornalística e há uma preocupação grande com a ética do coletivo. Todos eles dominam a forma do jornal de produzir notícia, embora nunca tivessem parado para refletir coletivamente sobre ela.

Na reunião do dia 12 de abril de 2025, motivados por este estudo, os integrantes do Boca de Rua se propuseram a, pela primeira vez em 25 anos, sentar em roda no grande grupo não para *praticar* jornalismo, mas sim para *pensar sobre como* eles o praticam. Apesar de nunca terem cursado nenhuma cadeira de teorias do jornalismo, algumas proposições do grupo na busca de formular um conceito sobre “o que é notícia” remetem a noções propostas por Traquina (2005b) – o que revela que, pela prática, os integrantes do Boca já reconhecem alguns valores-notícia, saber específico cujo monopólio é reivindicado pelos jornalistas (Traquina, 2005b).

Uma notícia é quando é um absurdo.

Uma notícia muito absurda. Uma notícia de descaso. 24 horas no ar.

É a realidade.

Quando a gente vê que está alguma coisa errada. Por exemplo, quando a gente vê uma remoção que eles estão fazendo, agredindo as pessoas. Vamo tirar foto, vamo botar na matéria, aí a gente faz uma denúncia.

É real. A realidade é uma só. (DC, 15 de abril de 2025)

Nas manifestações acima, é possível enxergarmos elementos como o imediatismo, o culto à profissão e a noção de realidade, conceitos que são base no jornalismo hegemônico:

- o imediatismo em **vê uma remoção que eles estão fazendo [...] vamos tirar foto, vamos botar na matéria** –, “não há tempo para pensar, porque é preciso agir” (Traquina, 2005b, p.44);
- o culto à profissão, em **24 horas no ar** – “o jornalista casa-se com a profissão; o jornalismo exige dedicação total; o jornalista trabalha 24 horas por dia” (Traquina, 2005b, p.53, grifo meu);
- o ineditismo e a violação daquilo que se espera (Traquina, 2005b), em **é um absurdo / muito absurda**;
- a noção de realidade/verdade, em **É a realidade / É real. A realidade é uma só.**

Em síntese, podemos afirmar que, como no jornalismo hegemônico, o conceito de notícia entre os integrantes do coletivo também parte da ideia de que as notícias se estabelecem no agora (a “Novoslândia” de Traquina, 2005b), e são o registro do que aconteceu de inesperado no mundo. No entanto, como o Boca de Rua é um jornal trimestral, o coletivo não faz a cobertura diária, pontual, mas sim se aprofunda na apuração dos fatos de modo que as notícias não envelheçam de um dia para outro. Conforme refletido pelo grupo na reunião de 15 de abril, o conteúdo produzido pelo Boca “vai além da notícia diária. Porque a notícia diária sai no jornal. Mas aí a gente entra nela de um outro jeito, né. Tanto que o jornal é... É um jornal trimestral. Então, ela não é pontual. Quando ela deixa de ser pontual, aí ela toma uma importância maior” (DC, 15 de abril de 2025).

Como vimos no capítulo de fundamentação teórica e vamos retomar brevemente aqui, conforme Silva (2005) os valores-notícia são mutáveis, uns mais e outros menos, sujeitos a

mudanças de uma época histórica para outra, sensibilidades diversas de uma localidade para outra, destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais. As definições de o que é notícia estão inseridas historicamente, e a definição de noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional. (Traquina, 2002, p. 203)

Embora o Boca não seja uma empresa jornalística, e sim um coletivo que produz jornalismo, seus valores-notícia também estão sujeitos a se adaptarem de acordo com o que é notícia dentro daquele contexto de produção. Assim, a reflexão do grupo sobre suas práticas partiu para um segundo momento, a partir da formulação da noção do conceito “o que é notícia *para* o Boca de Rua”. E foi aí que começaram os rompimentos.

O jornalismo hegemônico tem no centro de sua produção a ideia de objetividade, de que, a partir de práticas dominada pelos jornalistas, seria possível separar os fatos das interpretações. Estas práticas foram se estabelecendo conforme a informação foi se constituindo enquanto produto. No entanto, esta noção dominante sob a qual a objetividade jornalística se assenta

têm servido como um dispositivo restritivo nas lentes de leitura da realidade na prática jornalística. O conhecimento social produzido pelo jornalismo (GENRO FILHO, 1987) dá pistas de que as condições de pensamento sob as quais opera, fundadas no ideário de uma objetividade baseada na neutralidade e na noção de sujeito universal (o homem, branco, heterossexual, ocidental) contribuem para a manutenção dos sistemas classificatórios (HALL, 1995) que transformam diferenças em desigualdades [...] e que historicamente retirou a condição de humanidade e relegou às margens parcelas gigantescas das populações, muito especialmente as mulheres, os negros, os indígenas – considerados o Outro do sujeito universal (Moraes; Veiga da Silva, 2019, p.2,3).

Apesar de ser um jornal impresso comercializado, de onde os integrantes tiram a maior parte do seu sustento, a proposta do Boca de Rua não é vender “apenas” a informação. O objetivo do jornal é justamente o oposto: revelar o que eles pensam e como vivem. E é isso que espera quem compra os jornais, não apenas a descrição do fato em si, mas a leitura que as pessoas em situação de rua fazem dele.

É esse o jornalismo proposto pelo Boca de Rua: um jornalismo que se vale de procedimentos oriundos do jornalismo hegemônico durante a apuração dos fatos, mas que rompe com ele ao explicitar de onde parte e qual é a sua interpretação sobre os fatos apurados. Uma objetividade localizada, conforme propõe Veiga da Silva (2015) ao aproximar as teorias do jornalismo e aos estudos feministas, mais especificamente à objetividade feminista defendida por Donna Haraway (1995). Segundo Veiga da Silva (2015), a objetividade localizada não nega a necessidade da objetividade, mas deixa transparecer que existe um sujeito por trás das notícias, um sujeito que carrega seus próprios olhares sobre o mundo. Ao invés da falaciosa ideia de visão total e isenta sobre os acontecimentos, buscada pelo jornalismo hegemônico, a objetividade

localizada revela que o noticiável, antes de se tornar noticiado, foi observado, classificado, hierarquizado, apurado, tratado e transformado em notícia por um ou mais sujeitos corporificado(s) e situado(s) em determinado período e contexto histórico e social. Mais do que explicitar de “onde” se enxerga, o jornalismo do Boca também cumpre o ideário proposto pela objetividade feminista de Haraway no sentido de responsabilizar-se por aquilo que vê.

Conforme refletido por eles na reunião de pauta de 15 de abril de 2025, é notícia *para* o Boca de Rua

A realidade que acontece com os moradores de rua. Que não é a vista por outros.

É mostrar a cidade dos moradores de rua, o lugar onde eu moro, que é o mesmo, mas não é o mesmo que eles moram.

Para mim, uma notícia para o Boca de Rua seria ver a cidade de Porto Alegre dos moradores de rua.

O jornal Boca de Rua fala a verdade dos moradores de rua.

É jornalismo, é aonde muita gente pode pegar a visão do que é as ruas.

É o que está faltando as pessoas saber, coisas sobre a sua cidade, o seu bairro. O foco é nós, porque o meu CPF e a minha história podem dizer o que está acontecendo na rua e que interfere também trajetória delas.

Se rolar no meio dos peregrinos um torneio de futebol, é claro que o jornal Boca de Rua vai noticiar, sabe?

Se a gente fosse focar nos famosos e nos artistas do jornal Boca de Rua, a gente também noticia. A gente tem várias pessoas famosas de artistas, mas só que só entre o nosso meio, que para essa visão lá de fora, na moral, nós continuamos não sendo nada. (DC, 12 de abril de 2025)

Os trechos acima demonstram que o coletivo incorporou entre os seus macro-valores-notícia – aqueles que sem os quais os micro-valores-notícia nem se efetuam como questão (Silva, 2005) – a Ruaologia. Se uma pauta não é de interesse das pessoas em situação de rua, não é notícia *para* o Boca de Rua. Entendendo a Ruaologia como um macro-valor-notícia, é possível perceber – conforme ilustram as reflexões dos integrantes acima citadas –, que valores-notícia como proeminência-celebridade e entretenimento-esporte (Silva, 2005) podem ser valores-notícia para o Boca de Rua se forem de interesse do povo da rua.

Assim, grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol, podem ser pautas no Boca, como demonstra a edição nº 21, de agosto, setembro e outubro de 2006. Naquele ano, o Brasil não venceu a Copa do Mundo, mas três integrantes

do Boca de Rua, Juari, Paulo Ricardo e Jeferson, integraram o time que venceu a Copa dos Albergues, torneio de futebol de salão que reuniu moradores de rua e de albergues e abrigos. O evento aconteceu no dia 29 de junho no Pão dos Pobres e foi disputado por cinco equipes. O time da Casa de Convivência I saiu vencedor. Além de participar da equipe vencedora, o Boca também estava presente fazendo a cobertura do evento.

Figura 44: Cobertura da Copa dos Albergues

**4 BOCA DE RUA** agosto, setembro e outubro 2006

# O BRASIL PERDEU A COPA DO MUNDO...

Durante meses, só se falou em Copa do Mundo, não se falou em pobreza. Porque, quando o Brasil está jogando futebol, não tem classe social, não tem nada. O Brasil perdeu a Copa, mas não precisa chorar. Continuamos sendo brasileiros. A felicidade do pobre era torcer pelo time brasileiro. A gente não ia ganhar nada, mas eles, com certeza, uns quantos euros por cada gol. Chinezinha disse: "O sonho de vencer a Copa terminou, mas eu ainda acredito e busco com sofrimento uma vida, uma habitação e um emprego dignos, esse é meu sonho de vitória".

Quando acabam os jogos e cada um vai para seu canto, é hora de voltar para a realidade e se toma até cachaça para esquecer. Aí a angústia vai para a droga, para esquecer.

Só os crentes não viram os jogos. Janaína leu no jornal a história de um senhor de 96 anos que nunca ouviu os jogos da Copa do Mundo. Deu também uma reportagem de uma mulher na Alemanha que estava em coma desde os 70 anos. Acordou com 90 anos e disse que não ia morrer enquanto a Alemanha não ganhasse a Copa. Em 20 anos, apareceram times novos, celular, a Medicina avançou, carros, não existia tanto apartamento, a polícia ficou mais violenta, e tem mais pedra (crack) na rua.

Futebol é união. Para ganhar um jogo, tem que ter uma equipe, todos têm que participar. A maior parte dos jogadores eram pobres antes de serem famosos. Ser jogador é o sonho de várias crianças. Roberto jogava futebol de pé descalço, desde os cinco anos de idade, com bola de meia-calça, como o Pelé começou. Entrou na escolinha do Inter. Saiu por causa das drogas. Ele tinha 15 anos. Continua jogando, mas não muito, porque tomou um tiro na perna em 2002, numa briga com gremistas, depois de um Gre-Nal. Agora fica mais no gol, porque não consegue correr muito.

Muita gente queria ser jogador profissional. Luís só não foi porque a avó não tinha dinheiro para pagar a mensalidade da escola. José Edmilson também gostaria muito de jogar. Depois que saiu do abrigo, ele parou um pouco.

Briga entre gremistas e colorados é normal. J. viu os gremistas quebrarem uns colorados na Praça Garibaldi. "Mas jogo é para dar alegria, não para se matar", defende Janaína. Luís lembra que tem de saber ganhar e perder. O maior jogo da vida é saber viver.



**...MAS A CONVIVÊNCIA GANHOU A COPA EM PORTO ALEGRE**

No dia 29 de junho, no Pão dos Pobres, aconteceu o torneio de futebol de salão de moradores de rua de albergues e abrigos. Participaram cinco times: abrigo Marlene, Bom Jesus, Casa de Convivência I e Albergue Municipal. Um grupo de moradores de rua fez um pagode para animar. Chamou a atenção a alegria e a união.

O time da Casa de Convivência I ganhou o torneio. Esse time treinou todas as sextas-feiras durante dois meses. O técnico Jânio dizia que não era para brigar, tinha que ir com fé e força para ganhar a medalha. "Não dava para faltar aos treinos, senão ficava sem jogar, na reserva. Valeu o esforço."

**TRÊS ATLETAS VENCEDORES SÃO INTEGRANTES DO BOCA**

**Juari Oliveira de Oliveira**, 26 anos: "É importante estar jogando. Moro na rua há 10 anos e frequento o albergue de vez em quando. Meu sonho no esporte é jogar em salão".

**Paulo Ricardo da Silva**, 40 anos: "Este torneio é bom, porque a gente tá jogando futebol e deixando das drogas. Acho que todo mundo que tá jogando aqui queria ser um jogador na vida real. Só que nós não tivemos a oportunidade de entrar num clube e ser um atleta de verdade".

**Jeferson André**, 21 anos: "Eu jogava futebol de salão no Inter, mas fui suspenso por uso de droga. Não tinha fôlego para correr. Achei bom a Copa dos Albergues porque as pessoas que vivem nas ruas, tendo uma atividade para fazer, não usam droga".

Fonte: Boca de Rua nº 21, de agosto, setembro e outubro de 2006, p.4

Mas mais do que um valor-notícia, a Ruaologia ultrapassa a origem dos fatos e perpassa todas as etapas de produção noticiosa do Boca, sendo o seu principal critério de noticiabilidade. Como um jornal impresso trimestral de 16 páginas, o Boca de Rua precisa definir o que é mais ou menos importante, e a Ruaologia rege este processo de hierarquização.

Em 10 de novembro de 2022, uma unidade da Pousada Garoa na Rua Jerônimo Coelho pegou fogo e uma pessoa morreu. A edição nº 82 já estava quase pronta, mas o coletivo decidiu “parar as máquinas” e trazer a notícia como sua reportagem de capa. Enquanto os principais veículos de comunicação do estado, Zero Hora, Diário Gaúcho, Correio do Povo e Jornal do Comércio, se limitaram a noticiar o incêndio em uma pousada no Centro e a compartilhar a nota da FASC afirmando que a vítima não ocupava uma das vagas subsidiadas pela Prefeitura, o Boca de Rua retomou as denúncias que já tinha feito anteriormente sobre as péssimas condições do local e foi o único jornal que responsabilizou a Prefeitura e cobrou o alvará de funcionamento e a fiscalização dos bombeiros.

Importante: a Prefeitura tem responsabilidade porque a rede de pousadas Garoa é conveniada com o poder público e recebe o dinheiro direto dos órgãos públicos sem passar pelas mãos dos moradores. Tem alvará dos bombeiros? Tem acompanhamento? Cadê a prevenção e a fiscalização? (Boca de Rua 82, 2022, p.4)

Um ano e meio depois, quando um novo incêndio em outra unidade da mesma rede de pousadas causou a morte de onze pessoas, o Boca de Rua foi o único jornal a ser barrado da coletiva de imprensa do prefeito Sebastião Melo, sob a alegação de que não era um “jornal tradicional” (anexo VI). A entrada não foi permitida nem mesmo após a chegada de Rosina, que é jornalista profissional. Durante todo o tempo da coletiva, assessores e guardas municipais estiveram posicionados em frente à porta impedindo o acesso. A ação foi gravada e compartilhada em redes sociais<sup>9</sup> pelo jornalista alternativo Alass Derivas, parceiro do Boca, que também não trabalha em um veículo tradicional – mas que não foi impedido de entrar. No entanto, em solidariedade ao Boca de Rua, Alass ficou o tempo todo com os repórteres do coletivo documentando a discriminação.

---

<sup>9</sup> O vídeo está disponível no Instagram @derivajornalismo, e pode ser acessado pelo link: <https://www.instagram.com/p/C6PaU72uM4L/>

**Figura 45: Boca de Rua é barrado na coletiva de Sebastião Melo**



Fonte: Instagram Alass Derivas (@derivajornalismo), 2024

O Boca de Rua denunciou o caso na edição nº 87 e fez um Boletim de Ocorrência registrando a discriminação sofrida como racismo e impedimento do trabalho profissional. Na saída da coletiva, alguns repórteres pararam para conversar com os integrantes do Boca. Após a tragédia, cobertura jornalística e as denúncias das péssimas condições das instalações da rede de posadas feitas pelo Boca de Rua logo após o primeiro incêndio, em 2022, viraram notícia em dois veículos, no Jornal do Comércio (Barrado na coletiva, jornal Boca de Rua já havia denunciado pousadas Garoa, 26 de abril de 2024) e no Sul21 (Jornal 'Boca de Rua' denunciou em 2022 as péssimas condições da pousada Garoa, 30 de abril de 2024).

**Figura 46: Após a tragédia, denúncia feita pelo Boca de Rua vira notícia**

## Jornal 'Boca de Rua' denunciou em 2022 as péssimas condições da pousada Garoa

Reportagem do jornal feito por pessoas em situação de rua alertou para os riscos da pousada cujo incêndio recente matou 10 pessoas



Por  
Luciano Velleda  
lucianovelleda@sul21.com.br

Assine o Sul21

Doe qualquer valor para a  
chave:  
pix@sul21.com.br

Siga no Google News



Compartilhe

### Matérias relacionadas

Internacional > Lula reafirma que guerra em Gaza é genocídio e que judeus são contra

## Barrado na coletiva, jornal Boca de Rua já havia denunciado pousadas Garoa



Líder do Movimento Nacional da População de Rua, Nilson Lima Lopes (e) condenou postura da prefeitura

TESSANA WEISSBACH/JC

Barbara Lima  
Repórter

COMPARTILHE



Integrantes do Jornal Boca de Rua, elaborado pela população em situação de rua, não puderam participar da coletiva de imprensa realizada pela prefeitura de Porto Alegre, na tarde deste sexta-feira (26), após incêndio que matou 10 pessoas e deixou 15 feridas na Pousada Garoa, no centro da cidade. A imprensa responsável pelo atendimento tem convênio com a prefeitura para atingir indivíduos em vulnerabilidade

Fonte: Sul21 e Jornal do Comércio

A edição nº 87 traz ainda um depoimento de Carlos Henrique (anexo VII) dado durante o enterro das vítimas, onde ele cobra a mídia tradicional por não ter feito jornalismo quando ocorreu o primeiro incêndio, o que poderia ter evitado o segundo. No Brasil, o incêndio da Pousada Garoa é a maior tragédia em número de mortes envolvendo pessoas em situação de rua, com 11 vítimas, superando a Chacina da Candelária (Rio de Janeiro, 1993), onde oito jovens foram assassinados, e a Chacina da Praça da Sé (São Paulo, 2004), com 7 mortes.

“O sentimento é de revolta porque se as autoridades tivessem pelo menos visto ou ouvido as denúncias ou tomassem alguma providência sobre o que aconteceu, hoje a gente não estaria com todas estas vítimas”, declarou Carlos em uma entrevista feita no local por um repórter da chamada “mídia tradicional”. E acrescentou: “Eles tiveram a chance de poder mudar a história dessas pessoas que hoje estão sendo enterradas aqui. Como não quiseram, aconteceu isso. Não conseguiram mudar a história deles, nem vão conseguir mais, porque de agora em diante, partiram. É triste, é triste”. (Boca de Rua 82, 2004, p.8)

Estes casos ilustram como as lentes do jornalismo hegemônico, fundadas na ideia da objetividade, contribuem para a manutenção das desigualdades e, muitas vezes, acabam o impedindo de cumprir o que seria o seu papel: fazer jornalismo.

Na contramão deste jornalismo míope que não os enxerga, o Boca de Rua já surge como uma proposta de ruptura paradigmática ao jornalismo hegemônico, que

os relega à condição de Outro, ao negar a ideia de isenção e propor um jornalismo guiado pelo Nós. Essa ruptura com a isenção perpassa todas as etapas das práticas jornalísticas do grupo, e pode ser percebida na opção pela autoria coletiva, na ausência de hierarquia nas funções do jornal e nas suas notícias em si.

### 6.5.1 O jornalismo do Nós

Como descrito no capítulo 3, a produção de notícias do Boca de Rua acontece de forma coletiva, e consiste na transposição do que foi dito para o escrito a partir da metodologia de trabalho sintetizada pela Alice no livro *Incomuns Mortais* (no prelo, s.p.). Os textos publicados no Boca não são assinados individualmente porque são considerados uma construção coletiva, e toda a participação, por menor que seja, é valorizada. Não há a competição por quem vai assinar a matéria de capa ou a reportagem principal.

Pelo prisma do gênero, esta prática também representa uma ruptura ao jornalismo hegemônico, pois todos os repórteres trabalham juntos para a construção do jornal, sem estímulo à competitividade e a busca pelo “furo”. Segundo Veiga da Silva (2010)

o furo, por um prisma de gênero, demonstra a reunião de atributos associados ao masculino, pois prevê preferencialmente a busca ativa de um fato novo, para torná-lo público, vencer a competição cotidiana e dar status a todos os envolvidos na produção da notícia, em especial ao jornalista “caçador” e à empresa “furadora”. “Furo” está relacionado à pró-atividade, e é um dos principais elementos que permeiam os mitos que cercam os jornalistas: heróis, detetives, testemunha ocular, investigadores, perseguidores da verdade, caçadores de furo (Traquina, 2005). (Veiga da Silva, 2010, p.159-160)

Como o Boca de Rua tem como proposta primeira ser um espaço que rompa os estigmas que sempre os coloca no lugar do Outro, o jornal é construído pela ótica do Nós, onde os sujeitos que o produzem aparecem nas matérias, nas fotos, nas opiniões e na forma como o jornal é escrito. Eles *são* o jornal, que majoritariamente usa o pronome nós na construção de seus textos.

Na sexta-feira, dia 19 de agosto – último dia da Semana de Luta - foi o Dia Latinoamericano de Luto e Luta da População em Situação de Rua. Aconteceram manifestações em todo o Brasil e em outros lugares da América Latina em memória do Massacre da Praça da Sé, dos nossos irmãos da rua que já morreram e da luta do povo da rua. [...] Caminhamos até a Prefeitura, com cartazes e palavras que lembravam nossos irmãos que já morreram e

os nossos direitos. Lá na frente da Prefeitura, falamos o que o Prefeito precisava ouvir. (BOCA DE RUA 82, 2022, p.3)

Morador de rua é sempre vigiado e olhado com desconfiança. Afinal, quem tem o direito de ir e vir? Pela lei, qualquer cidadão. Então, por que o povo da rua é barrado em tantos lugares? É pela roupa, pela cara, pelo cheiro? Estamos marcados? Por que precisamos sofrer abordagem de polícia e da segurança sem termos feito nada, quando estamos tomando sol na praça ou, simplesmente, caminhando? Isso é ilegal, porque somos cidadãos como qualquer outro desta cidade. Pagamos imposto, sim, quando compramos nossos alimentos e outras coisas que necessitamos. Temos direito de ir e vir sem sermos importunados. (BOCA DE RUA 84, 2023, p.2)

A maioria das famílias – principalmente as mães – que perde o direito de criar seus filhos é julgada sem processo. Simplesmente alguém chega à conclusão que somos pobres, drogadas, irresponsáveis, sem oferecer apoio de verdade, tratamento ou oportunidade de recuperação. E pronto. Nossos filhos são roubados de nós. Aqui reunimos depoimentos de várias situações, mas eles são apenas um pedacinho da história. As mulheres optaram por usar nome de flores para não correrem o risco de serem processadas por difamação pelos órgãos oficiais ou diminuírem as poucas chances de terem seus filhos de volta. A escolha foi pelo motivo de que “toda a flor sempre dá um botão”. (BOCA DE RUA 86, 2024, p.8)

Tudo começou assim: vai e vem, o assunto dos filhos sempre volta ao nosso pensamento. Os bebês tirados de nós, os filhos que foram para as instituições e nunca mais vimos, os filhos que tivemos que deixar com algum parente por causa das nossas dificuldades, os filhos que criamos do jeito que deu, os filhos que re encontramos, os filhos que nos rejeitaram, os filhos e filhas perdidos no mundo, as filhas que fomos, as mães que somos. (BOCA DE RUA 89, 2005, p.8)

O uso do pronome Nós na escrita é comum em comunidades marginalizadas, como os povos indígenas, que têm refletido e produzido muito sobre autoria coletiva. Tanto a literatura indígena quanto jornalismo do Boca têm seu princípio na oralidade e passam pelo exercício de transpor falas para o papel. Segundo Julie Dorrico, em *Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária*, a autoria coletiva

pode ser compreendida em dois sentidos: coletiva na forma, uma vez que envolve um conjunto de pessoas no processo de edição; e coletiva no conteúdo, posto que as narrativas publicadas possuem matriz oral, étnica e pertencem à antropologia-ontologia daquele povo. [...] A autoria coletiva, desse modo, ainda que não seja exclusivamente dos sujeitos indígenas, já indica que a representação realizada sobre os indígenas agora se dá desde o seu *lugar de fala*, por eles mesmos. (DORRICO, 2018, P.241)

O jornalismo produzido pelo Boca de Rua é, portanto, coletivo no conteúdo e na forma. É jornalismo pois sua produção é pautada pelo real; é guiado pela busca pela notícia; seus integrantes são capazes de reconhecer valores-notícia; é estruturado a partir do uso de fontes como documentos e entrevistas; cumpre com os

procedimentos de checagem das informações; seus conteúdos são de interesse público (embora essencialmente sejam das pessoas em situação de rua); o formato é o jornal impresso; os textos são construídos pela tipologia jornalística, como notas, notícias e reportagens e porque há uma há uma objetividade localizada pautada pela Ruaologia. Mas tudo isso é aplicado num jornal que fala de si e dos seus. É um jornalismo do Nós.

Tendo como base a análise das práticas do jornal e a predominância de suas editoriais, é possível perceber que o Boca de Rua é um jornal que denuncia sua realidade, conta sua própria história e a dos seus. Mas ao contar a sua história, o Boca conta também uma parte da história de Porto Alegre, das ruas e de parte de sua população – especialmente da população mais excluída da (e pela) sociedade e do (e pelo) próprio jornalismo. Produz um tipo de conhecimento social (Genro Filho, 1987) sobre a realidade que contribui para complexificar as narrativas hegemônicas em circulação nos veículos de imprensa tradicionais oferecendo novos prismas.

“Quem se forma aqui no Boca vai ser um jornalista diferente.”  
Diogo Macedo

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Boca de Rua é uma experiência transformadora para todos os que se conectam com ele. Em maior ou menor grau, é impossível não sair transformado da leitura de suas páginas. Relembro aqui um diálogo com uma amiga do mestrado que, ao folhear as páginas da edição 84, ficou chocada ao perceber que o ajardinamento das fachadas dos prédios também pode ser uma forma de arquitetura da exclusão. Enquanto uns optam por transformar seus edifícios em fortes protegidos com pedras e grades, outros, mais sutis, removem o concreto debaixo de suas marquises e constroem lindos jardins onde antes ficavam moradores de rua.

Assim como ela, a maioria de nós passa por esses lugares e acha lindo, afinal, numa cidade que transforma seus parques antes arborizados em praças cinzas, qualquer respiro verde é celebrado. Mas estes respiros têm um impacto: vão transformando a cidade em um ambiente cada vez mais hostil para as pessoas em situação de rua, que são segregadas e empurradas para lugares cada vez mais longe do centro. Se não fosse pela leitura do Boca, ela jamais perceberia a verdadeira intenção das marquises floridas. Eu também não.

Ao abrir a boca, o Boca nos faz abrir os olhos para o nosso entorno. Nos faz perceber que Porto Alegre não é singular. Nos transforma. Em 25 anos, o Boca de Rua já foi espaço de trabalho, de aprendizado do jornalismo, de desenvolvimento de habilidades, de acolhimento, de reconstrução da cidadania e de falar de si para pelo menos 600 pessoas em situação de rua. Atualmente, a maior parte do coletivo não está mais na rua, pois seus integrantes já conseguem pagar o aluguel de um quarto ou de uma pensão, mas todos têm amigos ou familiares nas ruas e carregam em si os ensinamentos da Ruaologia.

O Boca de Rua transforma o jornalismo. O único jornal no mundo que, segundo a INSP, é feito e vendido por pessoas em situação de rua nunca tinha tido uma pesquisa de fôlego que refletisse sobre suas práticas. Dos poucos estudos sobre ele na área da Comunicação, nenhum tinha se dedicado a pensar nele enquanto jornal,

um espaço onde se faz o jornalismo. Esta pesquisa partiu, antes de tudo, localizando-o neste lugar. No lugar de quem prática e reflete sobre o jornalismo.

No percurso de construção deste estudo, além do meu compromisso semanal com reuniões de terça durante os 27 meses de observação, foi preciso estar aberta para dispor de inúmeras horas de leitura, categorização e fichamento de dados. Quando comecei a frequentar as reuniões do coletivo, em 2022, era natural perceber os pontos de aproximação de suas práticas com o que tinha estudado na faculdade. Assim, fui traçando estes paralelos percebendo que o Boca tinha um senso de comprometimento ético muito forte. Tinha o “faro” da notícia (Traquina, 2005b). Dominava o uso de fontes documentais e a realização de entrevistas. Buscava a realidade. Mas faltava ainda entender por que o movimento de aproximação com o jornalismo hegemônico não foi total. As diferenças tinham um propósito? Poderiam ser consideradas subversões?

Com a chegada da minha orientadora nesta pesquisa, pude acrescentar como chave de leitura o gênero como categoria epistemológica (Veiga da Silva, 2015), perpassada pelo conceito de poder (Scott, 1990; Bonetti, 2011). A partir da aproximação da crítica feminista às teorias do jornalismo, a autora propõe a observação da prática jornalística pelo prisma do gênero. A descoberta dos estudos de Veiga da Silva (2010, 2015) foi um ponto de virada para que este estudo encontrasse um norte e percebesse o que de mais rico acontece há 25 anos no Boca de Rua. Que os rompimentos do Boca com o jornalismo hegemônico não eram por acaso. Cansados de serem relegados à margem, de serem sempre o Outro, os integrantes do Boca de Rua buscaram no jornalismo tradicional o formato, a credibilidade e alguns aspectos do método para a construção de um jornal impresso. No entanto, romperam deliberadamente com os ideais da objetividade e da isenção.

Seu objetivo não era fazer um jornal isento nem vender a informação como um produto. Era terem um espaço onde pudessem falar de si, das suas vidas, mostrar o seu mundo e romper a barreira do silenciamento que separa a população domiciliada das pessoas em situação de rua. O Boca de Rua é também um espaço de memória. Ao contar a sua história e a de seus integrantes, o jornal documenta existências que passaram a vida sendo invisibilizadas. É um jornal que fala de si.

Pelo viés do gênero (Veiga da Silva, 2015), foi possível perceber que o jornalismo hegemônico, forjado pelas relações de poder e de saber, é marcado por ideologias dominantes machistas, racistas e classicistas, e que os procedimentos e

técnicas que se estabeleceram como forma de garantir uma suposta isenção apagam sujeitos e subjetividades.

Logo, não faria sentido reproduzir estratégias que desconsideram suas existências em um espaço que forjaram com muita luta para poderem falar e serem percebidos. Assim, o Boca foi se estabelecendo coletivamente, num exercício que desafia a lógica de quem não está acostumado a trabalhar com projetos horizontais. Não há hierarquia em sua prática, todos são iguais e podem desempenhar qualquer função. Os textos são produzidos em grupos e a edição é assinada coletivamente. Não há briga para ver quem vai assinar a manchete de capa nem produzir a reportagem principal. Esta coletividade transparece nas páginas do jornal, que é narrado majoritariamente na primeira pessoa do plural: é o jornalismo do Nós.

A partir da análise, ficou claro que o Boca de Rua é um espaço onde práticas do jornalismo hegemônico, a partir do contato com a Ruaologia, foram subvertidas e ressignificadas para que seus sujeitos, suas vivências e histórias também coubessem nas notícias e reportagens produzidas por eles. Pelo prisma do gênero, estas novas práticas propostas pelo Boca de Rua ressoam como atributos historicamente convencionados como femininos.

A categorização das principais pautas/editoriais dos jornais serviu como base para percebermos o que é mais recorrente nas páginas do jornal. Junto com a análise das práticas, foi possível concluir que o Boca de Rua é um jornal que denuncia sua realidade, conta sua própria história e a dos seus. E revela para todos uma realidade que não estamos acostumados a ver.

## 8. REFERÊNCIAS

ALICE – Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação. **Incomuns mortais**. No prelo, sem paginação.

ALICE. **Quem somos**. Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação (Alice). Porto Alegre, não paginado, 1999. Disponível em: <http://www.Alice.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 20/03/2025.

ALLES, Natália Ledur. **Boca de Rua: representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário**. Dissertação (mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/23018>.

ANSELMO, Marcia Almeida. **A representação das práticas socioculturais de crianças e adolescentes do jornal Boca de Rua: a experiência do “Boquinha”**. Dissertação (mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. 226 p.

BOCA DE RUA - VOZES DE UMA GENTE INVISÍVEL. Direção: Marcelo Andrighetti Youtube, 06 de novembro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5TtoMSiRn0w>. Acesso em: 17 mar. 2025.

BOCA DE RUA, edição nº 0, 2000.

BOCA DE RUA, edição nº 1, 2001.

BOCA DE RUA, edição nº 3, 2001.

BOCA DE RUA, edição nº 4, 2001.

BOCA DE RUA, edição nº 6, 2002.

BOCA DE RUA, edição nº 9, 2003.

BOCA DE RUA, edição nº 15, 2004.

BOCA DE RUA, edição nº 16, 2005.

BOCA DE RUA, edição nº 21, 2006.

BOCA DE RUA, edição nº 24, 2007.

BOCA DE RUA, edição nº 25, 2007.

BOCA DE RUA, edição nº 27, 2007.

BOCA DE RUA, edição nº 28, 2008.

BOCA DE RUA, edição nº 30, 2008.

BOCA DE RUA, edição nº 35, 2010.

BOCA DE RUA, edição nº 39, 2011.

BOCA DE RUA, edição nº 52, 2014.

BOCA DE RUA, edição nº 53, 2014.

BOCA DE RUA, edição nº 55, 2015.

BOCA DE RUA, edição nº 56, 2015.

BOCA DE RUA, edição nº 62, 2017.

BOCA DE RUA, edição nº 63, 2017.

BOCA DE RUA, edição nº 66, 2018.

BOCA DE RUA, edição nº 75, 2020.

BOCA DE RUA, edição nº 76, 2020.

BOCA DE RUA, edição nº 77, 2021.

BOCA DE RUA, edição nº 82, 2022.

BOCA DE RUA, edição nº 83, 2023.

BOCA DE RUA, edição nº 84, 2023.

BOCA DE RUA, edição nº 85, 2023.

BOCA DE RUA, edição nº 86, 2024.

BOCA DE RUA, edição nº 87, 2024.

BOCA DE RUA, edição nº 88 2024.

BOCA DE RUA, edição nº 89, 2025.

BONETTI, Alinne de Lima. **Gênero, poder e feminismos: as arapiracas pernambucanas e os sentidos de gênero da política feminista**. labrys, études féministes/ estudos feministas juillet/décembre 2011 - janvier /juin 2012 - julho /dezembro 2011 -janeiro /junho 2012 Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/aline.htm>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BRASIL. **Constituição (1988)**. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 abr. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 2009. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm). Acesso em: 10 mar. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **População em situação de rua: diagnóstico com base nos dados e informações disponíveis em registro administrativo e sistemas do Governo Federal**. Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat\\_pop\\_rua\\_digital.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_rua_digital.pdf) Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Pessoas em Situação de Rua – ObservaDH**. Disponível em: <https://observadh.mdh.gov.br/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

CHASSOT, Carolina Seibel; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica**: relato de uma pesquisa em associação. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, p. e181737, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30181737>. Acesso em: 24 jul. 2023.

CNMP - Conselho Nacional do Ministério Público. **Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua / Conselho Nacional do Ministério Público**. – Brasília: CNMP, 2015. Disponível em: [https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/Guia\\_Ministerial\\_CNMP\\_WEB\\_2015.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/Guia_Ministerial_CNMP_WEB_2015.pdf). Acesso em 02 de jul. 2023.

DE OLHOS ABERTOS. Direção: Charlotte Dafol. Youtube, 19 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zUSr-oM4HHQ> Acesso em: 12 nov 2022.

DERIVAS, Alass (@derivajornalismo). **Jornal Boca de Rua (@jornalbocaderua) é censurado por Sebastião Melo em uma ação racista**. Instagram, 26 abr 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C6PaU72uM4L/>

DORRICO, Julie. **A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea**. *Revista Igarapé, Porto Velho (RO)*, v.5, n.2, p. 107-137, 2018.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando (orgs.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em: 20 mar. 2025.

DUARTE, Rosina. **Rosina Duarte: O que está nos jornais não é o real**. Entrevista concedida a Caco Bisol, Celso Schröder, Fifa Quintana, Marco Antonio Schuster, Paulo de Tarso Riccardi e Santiago. *Jornal Grifo, Porto Alegre*, Nº 16+1, 01-15 fev. 2022, p. 12-19.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Comitê de Estatísticas Sociais**. Censo Demográfico [Online]. Disponível em: <https://ces.ibge.gov.br/apresentacao/portarias/200-comite-de-estatisticas-sociais/base-de-dados/1146-censo-demografico.html>. Acesso em: 9 nov. 23.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama do Censo 2022**. Censo Demográfico 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 9 nov. 23.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Quem é contado no Censo 2022**. Censo Demográfico 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/quem-e-contado.html>. Acesso em: 9 nov. 23.

INSP - International Network of Street Papers. **About us**. Disponível em: <https://www.insp.ngo/about-us>. Acesso em: 28 jun. 2023.

INSP - International Network of Street Papers. **Guide to starting & growing a street paper**, 2022. Disponível em: <https://cdn.sanity.io/files/tts7bxkk/production/0184e1209602a0923fb21a9cbd4ad49e53c56263.pdf> Acesso em 12 nov. 2024.

INSP - International Network of Street Papers. **International Network of Street Papers – Português**. Vimeo, 2023. Disponível em: <https://vimeo.com/764046714>. Acesso em: 28 jun. 2023.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Nota Técnica Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil**. Repositório Institucional [Online]. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11604>. Acesso em: 9 nov. 23.

LIMA, Bárbara. **Barrado na coletiva, jornal Boca de Rua já havia denunciado pousadas Garoa**. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 26 abr. 2024. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/geral/2024/04/1152235-barrado-da-coletiva-jornal-boca-de-rua-ja-havia-denunciado-pousada-garoa.html>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MAROCCO, Beatriz; SILVA, Marcia Veiga da. O feminino no "livro de repórter": uma mirada epistemológica de gênero sobre as práticas jornalísticas". *Brazilian Journalism Research*, v.14, n.1, p.30-53, abril 2018. ISSN 1981-9854. Disponível em: [https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1029/pdf\\_1](https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1029/pdf_1) Acesso em: 20 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v14n1.2018.1029>.

MNPR/SP - Movimento Nacional da População de Rua – São Paulo. **História do MNPR**. Disponível em: <https://popruasp.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 26 jan 2024.

MONTIPÓ, Criselli; ROZENDO, Suzana. **Boquinha de rua: voz a quem não tem mídia**. s.d. Disponível em: <https://Alice.org.br/boquinha-de-rua-voz-a-quem-nao-tem-midia/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MORAES, F. O nascimento de Joicy: jornalismo, transexualidade e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Márcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: Encontro Anual da COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 20 mar. 2025.

OLIVEIRA, Vinícius Andrade de. **Intervir na história: modos de participação das imagens documentais em lutas urbanas no Brasil**. Tese (doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, UFMG, orientadora Cláudia Cardoso Mesquita, 2019.

PASSA e Repassa. **Monitoramento da População em Situação de Rua** [Online]. Disponível em: <https://www.passarepassa.org/monitor>. Acesso em: 9 nov. 23.

PERUZZO, Cicilia Maria K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PORTO ALEGRE. **Cadastro e Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre - RS (2016)** [Online]. Disponível em: [https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu\\_doc/cadastro\\_e\\_mundo\\_da\\_populacao\\_adulta\\_em\\_situacao\\_de\\_rua\\_de\\_porto\\_alegre\\_rs\\_2016.pdf](https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/cadastro_e_mundo_da_populacao_adulta_em_situacao_de_rua_de_porto_alegre_rs_2016.pdf). Acesso em: 9 nov. 23.

PORTO ALEGRE. **Porto Alegre registra 12,7 mil pessoas atendidas em 124 abrigos**. Prefeitura de Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/defesa-civil/noticias/porto-alegre-registra-127-mil-pessoas-atendidas-em-124-abrigos>. Acesso em: 8 jan. 2025.

ROZENDO BORTOLI, S. Pessoas em situação de rua. O que dizem sobre elas e o que mais poderiam dizer?. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 130–143, 2017. DOI: 10.25200/SLJ.v6.n1.2017.295. Disponível em: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/295>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. UFSC, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em 14 abr. 2025.

SILVA, Gislene. **A engrenagem da noticiabilidade no meio do redemoinho**. Revista Observatório, Universidade Federal do Tocantins, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5502/13309>. Acesso em 08 abr. 2025.

THE BIG ISSUE. **A hand-up, not a hand-out.** Disponível em: <https://web.archi202ve.org/web/20160107064309/http://www.bigissue.com/sites/bigissue/files/TheBigIssuePresentation.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

THE BIG ISSUE. **Big Issue Group Impact.** Disponível em: <https://www.bigissue.com/big-issue-group-impact/> Acesso em: 16 dez. 2024.

THE PAPER THAT HELPED THE HOMELESS, BBC UK. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/av/stories-55751369>. Acesso em: 16 dez. 2024

TRAÇOS. **A revista.** Disponível em: <https://tracosbrasil.com.br/pages/a-revista> Acesso em: 18 mar. 2025.

TRAQUINA, Nelson. Os valores notícia segundo Traquina. In:Jornalismo. Lisboa: Quimera, 2002. P 186-208

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Volume II. Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2005b.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Porque as notícias são como são. Volume I. Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2005a.

TRAQUINA, Nelson. Entrevista concedida para a Revista IHU-Online, publicada em outubro de 2006. O jornalismo como um espaço de luta política. Disponível em: [https://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=533&secao](https://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=533&secao)

VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias.** 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VEIGA DA SILVA, M. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade.** 2015. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VELLEDA, Luciano. **Jornal ‘Boca de Rua’ denunciou em 2022 as péssimas condições da pousada Garoa.** *Sul21*, Porto Alegre, 30 abr. 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/geral/2024/04/jornal-boca-de-rua-denunciou-em-2022-as-pessimas-condicoes-da-pousada-garoa/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

## **Anexos**

Anexo I  
Regras e Combinações de Convivência do Jornal Boca de Rua 2025

## **Regras e Combinações de Convivência do Jornal Boca de Rua vigentes em 2025**

### **DIREITOS**

1. Todo o integrante do Boca tem direito ao RESPEITO por parte de todo o grupo, seja qual for a sua escolaridade, condição física ou mental, tempo de vinculação à equipe, gênero e sexualidade. E uma das primeiras formas de respeito é dizer a verdade.

2. O ingresso e a vinculação ao grupo dependem apenas da vontade da pessoa, do número de vagas, do respeito às regras do grupo, não sendo necessária entrevista coletiva inicial ou outros pré-requisitos. Os novos integrantes passarão apenas por uma entrevista coletiva para esclarecerem suas motivações para participarem do grupo e também para serem informados de como o Boca funciona. Deverão frequentar três reuniões como ouvintes, passando a receber sua cota semanal de jornal a partir da quarta semana de frequência (sem faltas).

3. Mães, pais, avós ou responsáveis pelas crianças e adolescentes do Boquinha têm direito a receber e a vender jornais

4. Mães de bebês têm direito à licença maternidade de quatro meses (companheiros, irmãos ou amigos autorizados podem receber a cota de jornais por elas desde que participe da reunião) e uma cota extra de 10 jornais durante os três primeiros meses, se houver números de jornais suficientes para isso.

5. Toda a equipe deverá seguir os princípios da Solidariedade e da Democracia

6. Todes têm direito à palavra, ao voto e a representarem o Boca, desde que escolhidos por votação ou consenso durante a reunião

7. Todes têm direito à defesa e a uma segunda chance desde que admita sua falha diante do grupo, que tomará a decisão.

8. Todes os integrantes que se ausentarem por estarem trabalhando, internados no hospital, na prisão, na escola ou em visita à família ou em viagem urgente/emergencial, podem retornar imediatamente ao jornal sem necessidade de frequentar três reuniões. Caso seja solicitada previamente ao grupo uma licença não remunerada de até três reuniões, o/a integrante também pode retornar imediatamente após a volta. No caso dos estudantes, a frequência será uma reunião sim, outra não.

9. No caso de estudantes, a pessoa deve alternar uma reunião, uma aula.

## **DEVERES**

Na reunião e nos locais ou eventos de qualquer natureza onde o Boca seja representado, **não pode**:

### **1. Cometer desrespeito, agressão, comparecer chapado ou alcoolizado ao ponto de perturbar a reunião.**

Suspensa entrega de jornais por duas reuniões, porém mesmo não recebendo, deve comparecer. Também não poderá se candidatar a representar o jornal nos dois próximos eventos e nem receber apoio dos colegas

No caso de falta grave (agressão física ou ofensa verbal, não parar de gritar/falar, impedindo a reunião de continuar ou comprometendo a imagem do grupo) – 1 mês

No caso da mesma pessoa cometer a mesma falta pela segunda vez – 2 meses, pela terceira vez – 3 meses e pela quarta vez – suspensão por tempo indeterminado (frequentando as reuniões sem receber jornais nem apoio) sendo que o grupo decide como e quando deve voltar.

### **2. Dormir, deitar, comer e fumar**

Suspensão da reunião se persistir após ser chamado a atenção três vezes.

### **3. Faltar mais de três vezes sem justificativa (escrita ou aprovada em reunião)**

Comparecer a duas reuniões sem receber jornal. Obs: no dia de distribuição da edição nova, a pessoa só pega se tiver comparecido na reunião anterior (mas pode receber uma cota da edição antiga).

### **4. Atrasar mais de 15 minutos**

Se não trouxer comprovante, deve apresentar uma justificativa para aprovação ou não dos colegas. Caso isso não aconteça não receberá jornal ao final da reunião, mas os colegas podem apoiar.

### **5. Sair sem conferir e/ou assinar os jornais**

Na próxima reunião, não recebe jornais. Obs: A assinatura deve ser legível com pelo menos o primeiro nome da pessoa. Pode colocar o apelido entre parênteses.

## **6. Chinelear (roubar)**

Se não houver provas de quem foi toda a equipe não recebe jornal durante uma reunião, caso todos ainda estejam presentes quando o roubo for descoberto. Se parte do grupo já estiver ausente, a reunião da próxima semana acontecerá, da mesma forma, tendo como objetivo debater o ocorrido e, caso não apareça o responsável, os jornais não serão distribuídos.

Se o responsável pelo roubo for identificado será suspenso por tempo indeterminado, devendo comparecer na reunião para assumir sua falta perante o grupo, que ficará encarregado de decidir o tempo de suspensão. Caso a pessoa aceite e queira permanecer no Boca, precisará comparecer a todas as reuniões mesmo durante o tempo em que estiver suspenso. Durante a suspensão ele(a) não poderá vender jornais e seus colegas não poderão apoiá-lo(a).

Se não houver nenhuma prova, serão aceitas provas testemunhais (três colegas no mínimo) e o grupo não irá considerar como delação (caguetagem) por se tratar de uma medida de proteção ao jornal. Se a chinelagem for vista por alguém, durante a reunião, a testemunha deve relatar o fato para não prejudicar os demais integrantes e debater o assunto na hora. Se a pessoa não estiver presente no dia da chinelagem, deve receber jornais na próxima reunião, mesmo que o restante do grupo esteja suspenso. Se a pessoa não compareceu na reunião em que houve a suspensão, mas estava presente no dia da chinelagem, não receberá jornais no primeiro dia em que comparecer, mesmo que o resto dos participantes já tenham voltado a ganhar suas cotas normalmente.

A pessoa roubada merece ser ressarcida. Isso será feito da seguinte maneira:

a) Caso o autor do roubo seja identificado, será afastado por um período decidido pelo grupo, conforme a gravidade do objeto roubado. Também deverá pagar ou negociar o pagamento, podendo ser definitivamente afastado do Boca caso recuse a colaborar e/ou a acatar a decisão do grupo.

b) Se o pagamento não acontecer, a cota de quem roubou vai para quem for roubado durante 30 dias ou mais, conforme o valor do objeto roubado. Dependendo do caso, também poderá ser negociado o ressarcimento total ou parcial com os valores da caixinha ou por meio de vendas coletivas, conforme decisão do grupo.

Se a chinelagem acontecer em um evento

a) O ressarcimento deverá ser assumido por quem foi ao evento representando o Boca. Antes, porém, um responsável por esse evento e pela acusação, deverá

comparecer à reunião e explicar a situação em que se deu o roubo com clareza, pois é bem comum acusarem moradores de rua em ocasiões assim. Dependendo do caso, também serão aceitas explicações por escrito por parte dos organizadores do evento, relatando o caso com provas e/ou evidências que relacionem o roubo com os integrantes do Boca de Rua.

b) Se o autor do roubo for identificado, valem as regras anteriores.

### **7. Vender jornais individualmente durante as reuniões**

Os visitantes poderão comprar jornais, mas a venda será coletiva, ou seja, revertida para o Fundo do Boca (Caixinha).

#### **Na rua (venda) não pode:**

##### **1. Xingar/constranger o cliente ou ser agressivo de outra maneira**

Suspensão por tempo indeterminado. Para reverter pessoa tem que ir à reunião e conversar com o grupo da mesma forma que acontece com a chinelagem.

##### **2. Pegar o dinheiro e não dar o jornal**

##### **3. Passar jornal para quem não faz parte do Boca**

Nos dois casos: primeira vez – 1 mês, sendo que precisa frequentar as reuniões neste período, porém sem receber jornais nem apoios. Segunda vez – 3 meses (com frequência). Terceira vez – suspensão por tempo indeterminado.

Se houver reclamação do cliente, deve se tentar investigar qual o nome estava escrito no jornal e/ou o local onde foi vendido e/ou a descrição física da pessoa. No caso de identificação, a pessoa será suspensa por tempo decidido pelo coletivo, durante a reunião.

#### **Nas vendas coletivas/representação em eventos/entrevistas:**

1. Caso se comprometa e falte ao evento ou venda individualmente no local  
Suspensão de três semanas, comparecendo à reunião sem receber jornais. Não pode se candidatar a representar o Boca nos três próximos eventos.

Anexo II  
Fichamento das edições do Boca de Rua

## Fichamento das edições do Boca de Rua

### Ano I

#### Nº 0

Capa: Vozes de uma gente invisível  
Dezembro de 2000 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

#### Nº 1

Capa: Drogas, apenas um pedaço da história  
Abril de 2001 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

#### Nº 2

Capa: O inverno é o inferno  
Julho de 2001 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

#### Nº 3

Capa: A História de uma Boca de Rua – Capítulo final  
Outubro de 2001 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

### Ano II

#### Nº 4

Capa: Memórias do Cárcere – “Lá é o silêncio de noite e de dia. O que os olhos não vêem, a Boca não fala nada”  
Janeiro de 2002 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

#### Nº 5

Capa: Os sem-infância – “às vezes fico brigando com Deus porque não queria nascer no mundo, eu não queria ser isso”  
Maio de 2002 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

#### Nº 6

Capa: Cobertor curto  
Agosto de 2022 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

#### Nº 7

Capa: Você não sabe o que é fome  
Novembro/dezembro de 2002 e janeiro de 2023 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

### Ano III

#### Nº 8 (na edição consta ano II)

Capa: Profissões – perigo  
Fevereiro, março e abril de 2023 | Valor: R\$1,00 | 4 páginas | Preto e branco

#### Nº 8 / Boquinha 1 (nº 9, numeração repetida, na edição consta ano II)

Capas: Doente nada imaginário / Nasce o Boquinha  
Março, abril e maio de 2003 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

#### Nº 10 / Boquinha 2 (na edição, consta ano II)

Capas: A vida é a escola / O trabalho apaga a infância  
Setembro, outubro e novembro de 2003 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

#### Nº 11 / Boquinha 3

Capas: Gente-caracol / Brinquedos Invisíveis  
Dezembro de 2003, janeiro e fevereiro de 2004 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

#### **Ano IV**

##### **Nº 12 / Boquinha 4** (na edição consta ano III)

Capas: Cidade Partida / Carta ao prefeito  
Março, abril e maio 2004 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº13 / Boquinha 5** (na edição consta ano III)

Capas: Apesar de tudo, a vida / O céu e o inferno dentro do peito  
Junho, julho e agosto de 2004 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº 14 / Boquinha 6** (na edição consta ano III)

Capas: Não à violência / A teia  
Setembro, outubro e novembro de 2004 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº 15 / Boquinha 7**

Capas: Os riscos da batalha / Super-herói de carne e osso ou a vida do moleque de rua no dia seguinte  
Dezembro de 2004, janeiro e fevereiro de 2005 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

#### **Ano V**

##### **Nº 16 / Boquinha 8**

Capas: Malabarismo da sobrevivência / Olha o passarinho  
Março, abril, maio e junho de 2005 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº 17 / Boquinha 9**

Capas: Feijão com arroz e cacos de vidros / Saudade  
Julho, agosto e setembro de 2005 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº 18 / Boquinha 10**

Capas: A rua é o maior estádio / Histórias de bolso  
Outubro, novembro e dezembro de 2005 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

#### **Ano VI**

##### **Nº 19 / Boquinha 11**

Capas: Despejados / Universo paralelo  
Janeiro, fevereiro e março de 2006 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº 20 / Boquinha 12** (na edição consta ano V)

Capas: Rompa o silêncio contra a violência que mata, estupra, discrimina, agride, ameaça / Planeta dos macacos  
Maio, junho e julho de 2006 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº 21 / Boquinha 13** (na edição consta ano V)

Capas: Faces da noite / Vó natureza  
Agosto, setembro e outubro de 2006 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

##### **Nº 22 / Boquinha 14**

Capas: Para onde ir? / A cara de Porto Alegre  
Novembro e dezembro de 2006, janeiro e fevereiro 2007 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

**Ano VII****Nº 23 / Boquinha 15**

Capas: Tem solução / Porto de ideias

Março, abril e maio de 2007 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

**Nº 24 / Boquinha 16**

Capas: Canto e dança na cultura das ruas / “Eu sei como tu te sentes”

Junho, julho e agosto de 2007 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

**Nº 25 / Boquinha 17**

Capas: Você acredita na cura pela fé? / O medo

Setembro, outubro e novembro 2007 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

**Nº 26 / Boquinha 18**

Capa: O Natal é para todos / Natal sem grana

Dezembro de 2017 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

**Ano VIII****Nº 27 / Boquinha 19**

Capas: Em busca da liberdade / Férias

Janeiro, fevereiro e março de 2008 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Preto e branco

**Nº 28 / Boquinha 20**

Capas: Camelôs: barraca ou teto? / A melhor escola do mundo

Abril, maio e junho de 2008 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 29 / Boquinha 21**

Capas: Falam em constrangimento, é? / Asas para que te quero

Julho, agosto e setembro de 2008 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 30 / Boquinha 22**

Capas: A saúde anda mal / Guerra e paz

Outubro, novembro e dezembro de 2008 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Ano IX****Nº 31 / Boquinha 23**

Capas: Um lugar à sombra / Um mundo sem TV

Janeiro, fevereiro e março de 2009 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 32 / Boquinha 24**

Capas: Um dia a casa cai / Amores (im)possíveis

Abril, maio e junho de 2009 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 33 / Boquinha 25**

Capas: O que a sociedade não vê / Zoológico de gente

Julho, agosto e setembro de 2009 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 34 / Boquinha 26**

Capas: Barrados da Copa / Quem conta um conto aumenta um ponto

Outubro, novembro e dezembro de 2009 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

## Ano X

### Nº 35 / Boquinha 27

Capas: Direito de ter direitos / Únicos, diferentes, especiais  
Janeiro, fevereiro e março de 2010 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 36 / Boquinha 28

Capas: União Faz a força / Passe de mágica  
Julho, agosto e setembro de 2010 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 37 / Boquinha 29

Capas: 10 anos luz sobre a realidade das ruas  
Setembro de 2010 – Edição Especial 10 anos | Valor: R\$4,00 | 24 páginas | Colorido

## Ano XI

### Nº 38 / Boquinha 30 (na edição consta ano IX)

Capas: Sobra Comida / A ilha enfeitada  
Janeiro, fevereiro e março de 2011 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 39 / Boquinha 31

Capas: Nosso teto é o céu / sonho e pesadelo  
Abril, maio e junho de 2011 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 40 / Boquinha 32

Capas: Bocão vive, viva Bocão! / Luz e sombra  
Julho, agosto e setembro de 2011 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 41 / Boquinha 33

Capas: Moradores de rua são seres ecológicos / Lua azul  
Outubro, novembro e dezembro de 2011 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

## Ano XII

### Nº 42 / Boquinha 34

Capas: Frente à frente com Dilma / Oráculo 2012  
Janeiro, fevereiro e março de 2012 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 43 / Boquinha 35

Capas: Trabalhadores vão para rua / Nas costas do Titã  
Abril, maio e junho 2012 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 44 / Boquinha 36

Capas: Não chegue perto de mim / Colcha de retalhos  
Julho, agosto e setembro de 2012 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

### Nº 45 / Boquinha 37

Capas: Somos todos desiguais / Carta para portugueses  
Outubro, novembro e dezembro de 2012 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

## Ano XIII

### Nº 46 / Boquinha 38

Capas: Medo da Copa / Era uma vez uma cidade que matou um bosque  
Janeiro, fevereiro e março de 2013 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 47 / Boquinha 39**

Capas: Fogo na liberdade / Nomes feios podem ser bonitos  
Abril, maio e junho de 2013 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 48 (numeração pulada)****Nº 49 / Boquinha 40**

Capas: Camisa de força / A árvore da vida  
Julho, agosto e setembro de 2013 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 50 / Boquinha 41**

Capas: A arte imita a vida / Quinto elemento  
Outubro, novembro e dezembro de 2013 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Ano XIV****Nº 51 / Boquinha 42**

Capas: Paraíso não é perfeito / Livro feito à mão  
Janeiro, fevereiro e março de 2014 | Valor: R\$1,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 52 / Boquinha 43**

Capas: A verdade nua e crua dos albergues e abrigos / Outono  
Abril, maio e junho de 2014 | Valor: R\$2,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 53 / Boquinha 44**

Capas: Quem perdeu com a Copa? / Querido Senhor Sebastião  
Julho, agosto e setembro de 2014 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

**Nº 53 / Boquinha 45 (numeração repetida)**

Capa: Garrafas ao mar (edição especial Boquinha)  
Dezembro de 2014, janeiro de 2015 | Valor: R\$2,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 54 / Boquinha 46**

Capas: Povo da rua pede passagem / Mario Borboleta  
Outubro, novembro e dezembro de 2014 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

**Ano XV****Nº 54/ Boquinha 47 (numeração repetida)**

Capas: A resposta que não quer calar / Humanos e dinossauros  
Janeiro, fevereiro e março de 2015 | Valor: R\$2,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 55 / Boquinha 48**

Capas: Racismo e preconceito na Casa de Cultura Mario Quintana / Nós também somos brasileiros  
Abril, maio e junho de 2015 | Valor: R\$2,00 | 8 páginas | Colorido

**Nº 56 / Boquinha 49**

Capas: Mudamos a história / Redenção encantada  
Julho, agosto e setembro de 2015 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

**Nº 57 / Boquinha 50**

Capas: Abaixo as grades / O mundo sem pé nem cabeça  
Outubro, novembro e dezembro de 2015 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

**Ano XVI****Nº 58 / Boquinha 51**

Capas: Água verde vira lama / Alice no espelho  
Janeiro, fevereiro e março de 2016 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

Nº 59 / Boquinha 52 (Falta a edição no acervo)

**Nº 60 / Boquinha 53**

Capas: O Povo quer democracia / Liberdade  
Julho, agosto e setembro de 2016 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

**Nº 61 / Boquinha 54**

Capas: Nós ocupamos / Einstein e Bokuda  
Outubro, novembro e dezembro de 2016 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

**Ano XVII****Nº 62 / Boquinha 55**

Capas: Rita no coração / Família dragão  
Janeiro, fevereiro e março de 2017 | Valor: R\$2,00 | 12 páginas | Colorido

**Nº 63 / Boquinha 56**

Capas: Luto e luta / A cidade das crianças  
Abril, maio e junho de 2017 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

**Nº 64 / Boquinha 57**

Capas: Massacre se repete / Ao alcance da mão  
Julho, agosto e setembro de 2017 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

**Nº 65 / Boquinha 58**

Capas: Por que não podemos ser mães? / Campo e cidade  
Outubro, novembro e dezembro de 2017 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

**Ano XVIII****Nº 66 / Boquinha 59**

Capas: Limpeza urbana "limpeza humana" / Lição de escritor  
Janeiro, fevereiro e março de 2018 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

**Nº 67 / Boquinha 60**

Capas: Ocupa, povo da rua / Menos violência, mais flores  
Abril, maio e junho de 2018 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

Nº 68 / Boquinha 61 (falta a edição no acervo)

**Nº 69 / Boquinha 62**

Capas: Exilados na própria cidade / Boca no trombone  
Outubro, novembro e dezembro de 2018 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

**Ano XIX****Nº 70 / Boquinha 63**

Capas: Todos os sentidos / Quinze! (edição comemorativa de 18 anos do Boca e 15 do Boquinha)

Janeiro, fevereiro e março de 2019 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

Nº 71 / Boquinha 64 (falta a edição no acervo)

### **Nº 72**

Capa: Dois homens negros

Julho, agosto e setembro de 2019 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

### **Nº 73**

Capas: Como será o amanhã?

Outubro, novembro e dezembro de 2019 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

## **Ano XX**

### **Nº 74**

Capa: O esqueleto tá vivo (edição apenas digital pela pandemia)

Janeiro, fevereiro e março de 2020 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

### **Nº 75**

Capa: Por trás da máscara (edição apenas digital pela pandemia)

Abril, maio e junho de 2020 | Valor: 2,00 | 16 páginas | Colorido

### **Nº 76** (edição apenas digital pela pandemia)

Capa: Força na peruca

Julho, agosto e setembro de 2020 | Valor: R\$2,00 | 16 páginas | Colorido

## **Ano XXI**

### **Nº 77**

Capa: Boca no mundo

Janeiro, fevereiro e março de 2021 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

### **Nº 78**

Capa: Vacinadxs!

Julho, agosto e setembro de 2021 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

### **Nº 79**

Capa: Prefeitura multa quem trabalha

Outubro, novembro e dezembro de 2021 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

## **Ano XXII**

### **Nº 80**

Capa: Abra os olhos!

Abril, maio e junho de 2022 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

### **Nº 81**

Capa: Descaso social

Julho, agosto e setembro de 2022 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

### **Nº 82**

Capa: Garoa pega fogo?

Outubro, novembro e dezembro de 2022 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

**Ano XXIII****Nº 83**

Capa: Não somos pombos

Janeiro, fevereiro e março de 2023 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

**Nº 84**

Capa: Harmonia tem preço

Abril, maio, junho e julho de 2023 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

**Nº 85**

Capa: Resistência já!

Agosto, setembro, outubro e novembro de 2023 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

**Ano XXIV****Nº 86**

Capa: Cadê meu filho?

Março, abril e maio de 2024 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

**Nº 87**

Capa: Tragédia em dose dupla

Junho, julho e agosto de 2024 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

**Nº 88**

Capa: Um Porto que não queremos

Setembro, outubro, novembro e dezembro de 2024 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

**Ano XXV****Nº 89**

Capa: Flagra nas remoções

Janeiro, fevereiro e março de 2024 | Valor: R\$3,00 | 16 páginas | Colorido

Anexo III  
Reportagem Pequeno dicionário de Ruaologia  
(Boca de Rua nº 66, p. 4, 5 e 6)



4 BOCA DE RUA janeiro, fevereiro, março 2018

# PEQUENO DICIONÁRIO DE RUAOLOGIA

*Psicologia, Geologia, Geografia, Museologia e... Ruaologia. Sim, essa ciência existe. Não há escola nem faculdade que ensine e todas as provas são orais. Tem que saber a matéria de cor. Quem vive em casa, têm um emprego e um diploma seria reprovado neste curso. Os moradores de rua mais antigos viram professores e ensinam quem está chegando onde buscar comida e abrigo, quais os lugares mais seguros, como se proteger da polícia e das milícias, como se aquecer no inverno, como curar as doenças mais simples. Mau aluno não sobrevive. Ruaologia é a ciência da vida na rua. Existe desde que surgiram os moradores de rua, mas a primeira pessoa a falar nela foi Carlos Henrique, protético, músico e integrante do jornal Boca de Rua. Em 2015 ele trabalhava como facilitador da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fase) e participava de um encontro com pessoas de vários cantos do Brasil. Cada um tinha um título: eram pesquisadores, professores, doutores. Foi quando Carlos falou: "Eu também sou doutor. Sou doutor em Ruaologia".*



Foto Boca de Rua Agência Alice

Povo da rua forma comunidade onde convive e se protege

**ABA** – É a marquise ou o viaduto que protege do sol e da chuva. Debaxo dela, o morador de rua arma a sua cama.

**APELIDO** – Quase todo mundo na rua tem apelido. É como se ele fosse batizado de novo na rua. A sociedade também tem os seus "apelidos" para os moradores de rua e a maioria deles é para esculachar. São palavras como chinelo, craqueiro, ladrão, traficante, vagabundo, estuprador. Também nos chamam de mendigo. Mas, para nós "mendingo" são as pessoas com problemas mentais que não conseguem se cuidar, que andam sujas e rasgadas porque são doentes ou acabaram ficando doentes na rua. Gostamos de ser chamados de "pessoas em situação de rua" ou "moradores de rua" ou de "povo da rua". Entre nós, também nos chamamos de "pelegrinos", se bem que esta palavra é mais usada para aqueles que não têm paradeiro fixo, que são meio andarilhos.

**AMIGO** – Amigo de verdade é raro na rua. A gente até brinca de "amigos são os dentes e, mesmo assim, eles vão embora". Mas existem muitos camaradas entre nós. A gente

chama de "irmão" porque existem as "famílias de rua". A gente se ajuda e reparte o pouco que tem. Mas, ao mesmo tempo, tem uma coisa de ficar alerta porque a pessoa não pode dar lado. Tem que sobreviver.

**CHINELAGEM** – É quando irmão rouba de irmão. Embora isso aconteça, a maior parte dos moradores de rua não são ladrões nem bandidos. São pessoas que, por alguma razão foram levados para a rua. Geralmente por quebra do vínculo familiar. Alguns já foram presos, mas a maior parte não está mais devendo para a lei. É claro que tem pessoa que não é legal. Em todos os grupos existem: nos médicos, nos professores, nos advogados, nos juizes e nem vamos falar dos políticos. Há casos de criminosos e traficantes que se escondem no meio do povo da rua. Mas a maioria é do bem e não desrespeita se não for desrespeitado.

**BARRACA** – Muitos moradores de rua costumam montar barracas para viver. Ali eles dormem, guardam seus pertences e até decoram. Tem barraca com tapete e, no Natal, um pinheirinho enfeitado. Quase sempre existem várias barracas

juntas. Elas formam um tipo de condomínio e tem muitas em Porto Alegre. As pessoas olham de cara feia para essas barracas sem se dar conta que elas são uma casa e um lar. Antigamente o povo da rua ficava mais escondido, debaixo das pontes, principalmente as do Dilúvio na avenida Ipiranga. Mas fecharam todos esses locais onde havia mocós. Nem todos montam barracas, porém. Alguns colocam só o colchão no chão mesmo e dormem debaixo das abas. Às vezes acordam com alguém jogando água neles. Ou chutando.

**CRIANÇAS** – Há 15 anos, quando o Boca começou, existiam muitas crianças vivendo na rua. Na Rodoviária, por exemplo, tinha umas 30. Em cada "bafo-quente" (respiradouro dos restaurantes) a gente via sempre uma gurizadinha embolada. Era comum ver guris pedindo ou revirando o lixo. Tinha guris também e elas necessitavam de proteção mais do que ninguém, por isso precisavam andar junto com algum grupo. Agora, com a redução dos projetos sociais do governo (Bolsa família, Minha Casa Minha Vida, e aluguel social) as crianças estão começando a aparecer

de novo. E, se as autoridades pegam uma mãe com um filho na rua, tiram a guarda dela. Em vez de ajudar a família a sair da rua, levam as crianças para uma instituição.

**DIVERSÃO** – O povo da rua não vive só de dificuldade, de tristeza e de violência. A gente também se diverte. Não precisa muito: uma comida feita junto com os amigos, um som. Na rua tem gente que canta e toca instrumento e, na falta de um violão, serve uma batucada mesmo.

**DROGA** – Tem de tudo na rua – maconha, crack e álcool – mas nem todo o morador de rua é drogado ou traficante. As pessoas acham que quem usa droga é zumbi, mas não é assim. Tem gente no caminho da redução de danos conseguindo trabalhar legal e se manter. Deixar a droga completamente é difícil para quem vive na rua. A maioria até já tentou tratamento, se internou, ficou limpo. Só que quando sai, não tem acompanhamento psicológico, não tem casa, não tem trabalho, não tem família. Aí volta para a rua e fica difícil. Precisa ter uma vontade muito forte e algum tipo de apoio.

**ESCOLA DA RUA** – A rua é uma escola. Quando a pessoa chega, não sabe nada, mas precisa aprender rápido se quiser sobreviver. Os professores são os próprios moradores de rua. A primeira lição é onde conseguir comida e onde passar a noite. Aí ele fica sabendo dos albergues e abrigos, dos locais onde pessoas distribuem comida. Aos poucos o novato vai aprendendo as manhas: onde buscar ajuda quando está doente. A rua tem as suas leis e tem que cumprir porque senão o bicho pega. Antes existia mais solidariedade, todo mundo dividia mais, se ajudava mais. Hoje é mais cada um por si. Aliás, isso não aconteceu na rua, mas em toda a sociedade nos últimos tempos. Aqueles que ainda são solidários, que chamam de "irmão", que dividem tudo, são chamados "os da velha escola".

**FAMÍLIA DE RUA** – Os moradores de rua formam famílias de rua. Os membros dessas famílias convivem em comunidade, se protegem e se chamam de "irmãos".

**MACAQUINHOS** – São aqueles saquinhos que as pessoas deixam pendurado nas árvores com comida



Alimento, trabalho, união e um cachorro amigo são importantes para o povo da rua

Fotos: Jackson e Leandro Boca de Rua/Agência Alice



para os moradores de rua. Tem gente que arruma tudo separadinho e com o alimento ainda quente. Mas tem outros que misturam erva, café, ponta de cigarro e outras coisas piores. Teve casos até de colocarem caco de vidro junto com a comida. Mais de um morador de rua foi parar no Pronto Socorro e por pouco não morreu. Essas pessoas são assassinas.

**MASCOTES** – Boa parte dos moradores de rua gosta de animais e tem os seus mascotes. E não é para explorar o sentimento das pessoas. O cachorro é um companheiro e nos dá mais segurança. Teve uns que morreram para proteger o dono, como foi o caso da Meg, cadela de estimação do nosso companheiro David, que levou a facada que estava destinada para ele. Alguns cachorros ficam famosos, como o Bethoven, do Sombra – que foi fotografada com ele para o crachá do Boca. A história do Bethoven é a seguinte: um homem pagou o Sombra pra matar o cachorro, que estava muito doente. Mas em vez de matar, o Sombra levou o cachorro na veterinária para ver o que era possível ser feito. Em uma loja da Águia, há um profissional, o Dr. Ricardo, que não cobra para tratar os animais de rua. O cachorro se recuperou e acabou ficando 14 anos com o Sombra. Era um dálmata lindo e muita gente quis comprar, mas o seu novo dono não vendeu por dinheiro nenhum. A maior tristeza é quando morrem ou quando roubam. A Ioni – que era cuidada por um grupo grande de moradores de rua – foi levada por uma mulher que costumava contribuir com ração. Aconteceu na frente do Centro Pop. A tal “madrinha” botou ela no carro e sumiu. Achem que, por sermos moradores de rua, não sabemos

cuidar dos nossos bichos. Mas nem só os cachorros são bons companheiros. O Elvis tinha um gatinho que ficava sempre no seu ombro. Ele se chamava Miu. E, por falar em parcerias, já presenciamos uns gatos que deixavam os ratos se alimentarem antes pra depois comerem. Solidariedade de bicho de rua.

**MADRINHA** – A gente chama de madrinha àquelas senhoras que sempre nos ajudam. Tem os padrinhos também, mas a maioria são mulheres mais velhas. Também têm os voluntários que distribuem comida para os moradores de rua. Muitos deles são ligados às igrejas, mas alguns são só pessoas que fazem o bem. Os motoristas dos carros mais humildes são os que mais ajudam. Os donos dos carrões não gostam de dar apoio. Nem a gurizada nem o veteranos, que a gente chama de “barões” e “baronesas”.

**TRABALHO** – Morador de rua não é vagabundo. Ou pelo menos a maioria não é. Falta oportunidade e, mesmo assim, se dá um jeito de trabalhar. A gente guarda carros dia e noite, faça chuva faça sol; limpa carro também; vende flor na sinaleira; distribui panfleto; faz todo o tipo de trabalho pesado- trabalho que ninguém quer fazer- e recebe uma miséria por isso porque tem horrores de exploradores por aí quem pegam a mão de obra do morador de rua porque sabem que ele está precisando e topa qualquer coisa; recicla e puxa carrinho pela cidade. O reciclador – ou catador autônomo – é uma pessoa muito importante para a ecologia e para a limpeza pública. Ele é um grande redutor de danos. Se o mundo não está pior é por causa do catador autônomo. E ele não é nada valorizado. Entre os trabalhos também tem o Boca de Rua. Não

é fácil fazer um jornal inteiro, participar de reunião toda a semana, se organizar. Mas a gente faz e depois vende o nosso trabalho. É um projeto de inclusão social e um exemplo de democracia porque a palavra roda e todos manifestam as opiniões. Temos muito orgulho do Boca, que é o único jornal do mundo todo feito por moradores de rua.

**RANGO** – É comida. Tem várias formas de conseguir: alguns equipamentos públicos e/ou privados (abrigos e albergues), distribuição por voluntários, restaurante popular, restaurantes que distribuem o que restou do almoço (são raros), macaquinhos e doações das “madrinhas”. Mas a gente também compra coisas no super para cozinhar. Geralmente cada um contribui com um pouco e depois faz um rango junto. Outras vezes tem algum açougue que dá umas sobras. Arroz com gordurinha, por exemplo fica tri bom. É chamado “prato da casa”. Era a comida predileta da Rita, nossa colega que já faleceu.

**TIPOS** – Tem todo o tipo de gente morando na rua. Alguns vieram bem crianças porque fugiram da violência doméstica e sexual, foram abandonados, perderam os pais, ou não se acertaram com o padrasto, a madrasta, algum tio. Outros se envolveram com droga na adolescência. E tem quem perdeu o emprego e a família, geralmente por causa do álcool. Existem pessoas de todas as idades, vindas do interior ou das vilas da capital. Ultimamente tem muita gente que morava na periferia e perdeu a casa ou o aluguel social. E chegaram, ainda, muitos estrangeiros de vários países da América do Sul que fazem arte circense.





6 BOCA DE RUA janeiro, fevereiro, março 2018



Merecido descanso, garantido pelo "cão de guarda"...



... depois de fazer as lides domésticas

Foto Jackson Leandro Boca de Rua/Agência Alice

Foto Jackson Leandro Boca de Rua/Agência Alice

**VIOLÊNCIA** – Existem muitos e muitos tipos de violência contra o morador de rua: a da polícia (principalmente Briga da Militar), e da guarda Municipal são as mais comuns. Tem fardado que ofende, planta droga, rouba pertences e dinheiro, bate, toca o cavalo por cima, expulsa, rasga os jornais (Boca) e ameaça. Os segurança das lojas e edifícios têm atitude parecida. Existe, também, a violência do tráfico – que é a mesma da periferia – e a das milícias, que costumam chegar à noite, em carrões, batendo, chutando, apontando arma e queimando barracas. E, ainda, a dos

skinheads, nazista e feminazi que pegaram a mania de bater e até matar morador de rua com taco de basebol e correntes. O Peleziño, do Boca, foi morto a pauladas por uma torcida organizada no ano passado. Durante o segundo semestre a imprensa noticiou um crime bárbaro acontecido em Porto Alegre: um homem atirou contra três moradores de rua que dormiam sob uma marquise, próxima de sua casa, no bairro Itu Sabará. Dois morreram e outro ficou paraplégico, mas conseguiu reconhecer o assassino, que foi preso. Isso é uma exceção, porque a maior parte dos criminosos

fica impune, Amaior parte dos criminosos fica impune. Nosso amigo Paulinho foi morto a tiros em plena Praça da Matriz, à luz do dia. Isso sem falar nos atropelamentos. Luiz, também do Boca, foi atropelado em 2017 e acabou morrendo em consequência dos ferimentos. O mau atendimento – ou não atendimento- de saúde é causa do falecimento de muita gente. Mas nem todas as violências matam. Jovens são obrigados a se prostituir para sobreviver. Sem falar no desprezo, na discriminação, no preconceito, nos xingamentos, nas caras viradas, nos vidros de carro fechados, no ato de mudar

de calçada porque nela tem algum morador de rua. Essas são as piores violências.

**ORGANIZAÇÃO** – Não parece, mas os moradores de rua são muito organizados. Precisam ser. Eles têm que saber a hora que servem a comida e onde. Senão, não comem. Precisam saber onde buscar assistência, onde fazer os documentos, onde deixar seus pertences. Quem faz algum tratamento – de HIV ou Tuberculose – por exemplo, não pode esquecer. Os horários de albergues e abrigos são rígidos, então, ele não pode se atrasar. E assim vai.

## REMÉDIOS

É difícil conseguir remédio para o povo da rua. Tem que marcar médico, esperar consulta e ir de posto em posto. Por isso, muitos aprendem o poder das ervas e sabem onde encontrar. A Redenção, o Marinha, as margens do Guaíba, a EPA, a Praça da Matriz e a vila Lupicínio Rodrigues são alguns desses locais. Aprenda conosco:

- Pata de vaca** – infecções
- Penicilina, planta vermelha** – inflamação
- Boldo** – ressaca
- João Bolão** – árvore
- Babosa** – infecções de todos os tipos
- Guaco** – bom pra tosse e problemas do peito
- Vagem** – bom pra diabete
- Camomila** – acalma e também é bom para problemas de estômago
- Canabis** – fome, sono, para rir
- Maracujá** – bom para os nervos
- Casca de laranja** – gripe
- Arroz cru** – bom pra azia
- Borra de café** – também é bom pra azia
- Sal grosso, limão e água** – bom pra dor de dente
- Quebra-pedra** – remédio para o rim
- Marcela** – bom pra tudo, principalmente dor de barriga
- Papoula** – bom pra pressão



Conhecer o poder das ervas é fundamental para a saúde do morador de rua

Foto Jackson Leandro Boca de Rua/Agência Alice

Anexo IV  
Capas das edições analisadas  
(82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89)

# =BOCA=>RUA=21

ANOS

IMPRESSO Ano XXI, número 82, outubro, novembro e dezembro de 2022 — Preço R\$ 3,00

Este jornal é vendido por:

Não compre de crianças e adolescentes

Prêmio Direitos Humanos  
**AJURIS**  
2013

## Garoa pega fogo?

Pega. Porque a Garoa que estamos falando não é o chuveiro e sim o nome da pousada que incendiou na madrugada do dia 10 de novembro. Um morador morreu e 11 saíram feridos. Outras pessoas em situação de vulnerabilidade precisaram abandonar suas moradias. Foi uma tragédia anunciada, porque as condições eram péssimas, como já tínhamos denunciado no Boca. Nesta edição, o relato de quem esteve no meio do fogo.



Leia mais: Caderno Especial 1º Encontro ABRAMD-Sul

# =BOCA=DE RUA=23

ANOS

IMPRESSO

Ano XXII, número 83, janeiro, fevereiro e março de 2023 — Preço R\$ 3,00

Este jornal é vendido por:

Não compre de  
crianças e adolescentes

Prêmio Direitos Humanos  
**AJURIS**  
2013



## Não somos pombos!

Um representante do poder municipal disse que vivemos de migalhas, comendo como pombos e o prefeito queria proibir a distribuição de comida nas ruas. Juntamos 24 mil assinaturas e ele desistiu. Não somos pombos! Somos cidadãos, somos gente e "Gente é pra brilhar e não pra morrer de fome".



## Leia mais: O Brasil vai melhorar?

# =BOCA=>E RUA=23

ANOS

IMPRESSO

Ano XXII, número 84, abril, maio, junho, julho 2023 – Preço: R\$ 3,00

Este jornal é vendido por:

Não compre de  
crianças e adolescentes

Prêmio Direitos Humanos  
**AJURIS**  
2013



## HARMONIA tem preço

Cadê o Parque Harmonia? Aquê que era um albergue a céu aberto para nós e um lugar de lazer para toda a população? Venderam, destruíram, cortaram árvores, encheram de cimento, asfalto e cercas. Não tem mais parque e, muito menos, harmonia.



Leia mais:  
Pesquisa revela que Fasc manipula dados sobre a PopRua



# =BOCA=>RUA=23

ANOS

IMPRESSO Ano XXII, número 85, agosto, setembro, outubro e novembro de 2023 — Preço R\$ 3,00

Este jornal é vendido por:

Não compre de  
crianças e adolescentes

Projeto Editorial: **AJURIS**

## RESISTÊNCIA JÁ!

Quem pensa que o povo da rua só pede, bebe, se droga e fica deitado na calçada, está muito enganado. Temos organização, lutamos por nossos direitos e resistimos à "pobrefobia".



Leia mais: Ocupações podem dar certo

# =BOCA=⇒E RUA=24

IMPRESSO

Ano XXIV, número 86, março, abril e maio de 2024 — Preço R\$ 3,00

Este jornal é vendido por:

Não compre de  
crianças e adolescentes

**Leia mais: Boca entra no seu 24º ano e vai parar nas mãos do Lula e do padre Júlio Lancelotti**

# =BOCA= RUA=24 ANOS

IMPRESSO

Número 87, junho, julho, agosto 2024 – Preço: R\$ 3,00

Este jornal é vendido por:

Não compre de  
crianças e adolescentes

Entre o fogo e a água, o povo da rua ficou no meio e foi quem mais sofreu. A Pousada Garoa - conveniada com a prefeitura - incendiou e pelo menos 11 pessoas foram queimadas vivas ou morreram por inalação de fumaça. A cidade inundou, agravando ainda mais a situação de quem não tem casa. Tentaram calar o Boca barrando o jornal na coletiva do prefeito, mas aqui denunciamos a negligência criminosa dos responsáveis.



Leia mais: Administrador da Garoa foi processado por estelionato e ex-secretário de Desenvolvimento Social fugiu para Paris



# =BOCA=DE RUA=24 ANOS

IMPRESSO

Número 88, setembro, outubro, novembro, dezembro 2024 – Preço: R\$ 3,00


 Povo da Rua Associação  
**AJURIS**

Este jornal é vendido por:

## UM PORTO QUE NÃO QUEREMOS

A diferença entre a Porto Alegre que temos e a Porto Alegre que queremos nunca foi tão grande. Em vários lugares, a cidade lembra um grande lixão, em outros, um cenário de guerra. Quando chove forte, a água corre pelas ruas e às vezes surgem até barcos. Parece um porto de verdade, mas nada alegre.



Leia mais: Povo da Rua realiza Semana de Luta



# =BOCA DE RUA= 25 ANOS

IMPRESSO

Número 89, janeiro, fevereiro, março, abril 2025 – Preço: R\$ 3,00



Este jornal é vendido por:



# FLAGRA NAS REMOÇÕES

Os agentes de segurança falam e agem igual aos assaltantes. De arma na mão, levam todos os pertences da PopRua: roupas, documentos e até remédios, que vão parar em um caminhão de lixo. Quem protesta ou fotografa, é agredido. Mesmo assim, o Boca deu flagrante.



Leia mais:  
Indiciados por crime na Garoa ganham cargos na Prefeitura



Anexo V  
Reportagem Cadê meu filho?  
(Boca de Rua nº 86, p. 7-13)



# Luto por filho vivo



Fotos: Kumba

Marco é o Mês da Mulher e neste ano lembramos as mães que perdem os filhos

Muitas famílias perdem os filhos para a morte e isso é horrível. Mas é terrível, também, perder um filho ou uma filha para a vida, ter um bebê tirado da gente no hospital e nunca mais saber dele e viver um luto por filho vivo. Isso é um sequestro estatal e não é novidade no Brasil. Acontece desde a época da escravidão. Hoje as mulheres que vivem na rua ou, mesmo as que são muito pobres, usuárias de drogas ou têm algum tipo de problema psicológico passam por esta situação. Em março, quando se comemora o Mês da Mulher, isso dá o que pensar.

A história é antiga. Meninas e meninos filhos de escravizados eram afastados das mães – alguns

ainda bebês – e vendidos. Sem falar que os donos abusavam das mulheres e, muitas vezes, até das crianças. E as mães, sem os seus filhos serviam de ama de leite para as crianças brancas. Também as chamadas “loucas” e “leprosas” (atualmente se diz pessoas com transtornos mentais e pessoas com hanseníase) - internadas em hospícios e leprosários, eram proibidas de criar e quase sempre não viam os filhos(as) nunca mais.

Durante a ditadura militar brasileira (1964 à 1985) crianças foram tiradas de pais que eram contra o governo. Depois de torturarem e matarem o pai e a mãe, entregavam as crianças para adoção. E isso aconteceu também em

vários outros países da América do Sul, especialmente Argentina, onde as mães e avós fizeram um movimento muito grande de protesto chamado “*Madres e Abuelas de Plaza de Mayo*”. A Praça de Maio fica em frente à Casa Rosada que é o palácio do governo deles. Elas botavam um lençinho branco na cabeça e ficavam ali protestando. Várias acabaram achando os filhos e filhas dos seus filhos e filhas. Outras, morreram procurando.

Quando se fala neste assunto geralmente se pensa nas mães, mas alguns pais também sofrem bastante. Uns mais, outros menos, mães ou pais dizem que sempre ficam com aquele pensamento: Onde estará meu filho,

minha filha? Será que foi mais feliz longe de mim? Será que está vivo(a) e com saúde? Sabe que eu existo? Tem vontade de me

conhecer? Muitos(as) afastam o pensamento para não sofrer, outros(as) ficam martelando, procurando a vida toda.

## Luta dos braços vazios

Quando ficaram sabendo que as mulheres argentinas lutavam para encontrar as crianças sequestradas durante a ditadura daquele

país, as integrantes do Boca de Rua que tiveram seus filhos retirados nos hospitais – ou perderam sua guarda mais tarde – resolveram fazer cartazes de protesto. Mesmo sendo poucas, deram seu recado usando o jornal para divulgar sua indignação e representar tantas outras mulheres que sofrem caladas. “É a luta das mães dos braços vazios”, definiu uma delas.



8 BOCA DE RUA março, abril e maio de 2024

# Crianças roubadas

A maioria das famílias – principalmente as mães – que perde o direito de criar seus filhos é julgada sem processo. Simplesmente alguém chega à conclusão que somos pobres, drogadas, irresponsáveis, sem oferecer apoio de verdade, tratamento ou oportunidade de recuperação. E pronto. Nossos filhos são roubados de nós. Aqui reunimos depoimentos

de várias situações, mas eles são apenas um pedacinho da história. As mulheres optaram por usar nome de flores para não correrem o risco de serem processadas por difamação pelos órgãos oficiais ou diminuírem as poucas chances de terem seus filhos de volta. A escolha foi pelo motivo de que “toda a flor sempre dá um botão”.



A lembrança dos filhos perdidos acompanha pela vida toda...

Foto: Kimba

## “Fomos vendidas”

“Eu e minha irmã fomos vendidas com a roupinha do colégio. A gente tinha uns 7, 8 anos. Meu pai e minha tia fizeram isso sem contar para a minha mãe. Paramos de estudar. Ela cuidava da criança da casa e eu fazia o serviço. Tinha que subir num banquinho para alcançar o fogão. Depois me doaram para outra família e quase fui parar na Argentina na casa da nora da mulher. Por sorte, a mãe nos descobriu e foi nos buscar.

Depois uma coisa parecida aconteceu comigo. Meu marido bebia e me batia muito, mas eu aguentava pelos meus filhos. Um dia ele me expulsou de casa e me deixou levar só o mais velho, que não era filho dele. Ficaram dois. Quase morri de tristeza e desespero. Pagava uma vizinha para cuidar dos guris, para dar comida a eles, ficava olhando de longe e chorando. Pensava nisso dia e noite, noite e dia.

(Flor de Maracujá)

## “Me chamaram de louca”

Tiraram o meu filho. Perdi a guarda dele. E eu nem tava mais morando na rua. Tenho casa, trabalho e um companheiro. Eu tenho problema psicológico, fui abusada quando criança, perdi um primeiro filho. Me tiraram a criança no hospital. Mas este eu tentei de tudo. Mas me tiraram. Fiquei nervosa e me chamaram de louca”.

(Flor)



... como um espinho cravado no peito...



Foto: ALICE

... e a maior preocupação é saber se estão vivos ou mortos.

## “Não arredei o pé”

Fiquei na rua um ano e seis meses com meu filho. Não perdi ele porque as pessoas me ajudaram, inclusive uma juíza que sempre via ele bem arrumadinho e alegre. Eu cuidava muito isso para não chamar a atenção. Na época, eu reciclava, mas dava banho nele no chuveiro público. No inverno, eu esquentava a água e banhava dentro da barraca, que era bem firme, daquelas lonas de propaganda.. Por fim, consegui o aluguel, mas demorei a conseguir a creche. Quando minha segunda filha nasceu, não queria me deixar levar ela para casa. Me deram alta, mas à criança, não. Saí andando com 35 pontos na barriga e fui até o Conselho Tutelar para conseguir os papéis que estavam me exigindo. Quando voltei, a médica responsável não estava mais. Era sexta-feira. Precisei esperar todo o fim de semana para tirar minha filha do hospital. Fiquei ali, toda dolorida, toda costurada porque meu parto foi difícil, tive hemorragia e quase morri. Eu não conseguia dormir de dor e de medo porque roubaram a minha filha mais velha, que hoje deve ter 15 anos e não podia viver este pesadelo de novo. Por isso, não arredei o pé. Só saí de lá com minha bebê no colo.

(Jasmim)

## “Não pensam nas crianças”

“Sou pai e criei meu filho na rua por um tempo, entre os quatro e sete anos dele. Nunca me tiraram ele. Acho que tem muita gente que reclama, mas bota filho no mundo para os outros criarem. Não pensam nas crianças. A pessoa tem que pensar na vida dos filhos. Mesmo morando na rua, eu cuidava do guri. Até aluguei um quarto numa pensão. Quando chegou à idade de colégio minha mãe ficou com ele, mas eu nunca deixei de ajudar com dinheiro e nunca deixei de visitar. Hoje tem 19 anos, é adulto, tem emprego. A gente continua sendo ligados.”

(D.)



Foto: Dayvid



Foto: Kimba



## Qual o futuro?

As autoridades retiram as crianças e dizem que é para dar um futuro melhor. Mas isso acontece mesmo? Temos um caso que ocorreu com uma colega aqui do jornal que demonstra que não ou, pelo menos, que nem sempre. A guria foi tirada, levada para um abrigo, aí começou o vai e vem. O pai foi lá e pegou para morar com ele, mas abusou da filha e ela voltou pro abrigo. Uma família pegou e maltratou. Fez lamber o vômito, bateu. Voltou pro abrigo. Outra família pegou e devolveu. Voltou pro abrigo. Quando fez 18 anos eles liberaram, mas ela não sabia para onde ir, não tinha qualificação para nada, não tinha uma casa pra morar, um estudo, uma profissão, não conhecia o mundo. Assim como ela, a gente conhece muitas gurias que saíram do abrigo, procuraram a mãe e acabam ficando na rua também. O que adiantou separar?

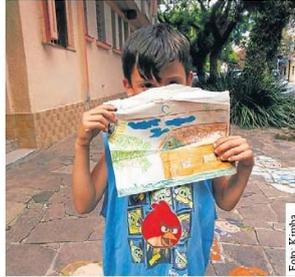


Foto: Kimba



Foto: ALICE

## “Guardei a certidão de nascimento”

Pai é o que cria. Infelizmente não pude criar meu filho. Eu registrei, fiz tudo direitinho, mas a mulher foi embora e levou o guri. Não soube mais dele, nem sei se ficou com ela. Penso nele, se está vivo, se está bem. Guardei a certidão de nascimento, nunca me separei da certidão de nascimento dele. Queria me aproximar, levar na pracinha, brincar, explicar para ele porque fiquei longe. Dói pensar que nem deve se lembrar de mim, porque era nenê. Mas fico na esperança de um reencontro um dia. Quem sabe?

(C.)

## “Nunca mais vi”

“Meu falecido esposo tava trabalhando em dois turnos na Cootravipa e eu ficava com as crianças no Abrigo Marlene. Daí me tiraram na mão grande, falaram que tinha que tirar, que foi mandado do juiz. A minha guria ia fazer um aninho e o pequeninho recém ia fazer dois mesinhos.

Eu não soube para qual abrigo levaram, eu tentei ver, meu esposo também. A gente correu e ninguém quis dizer nada, nem o juiz. A gente também foi na defensoria, mas não conseguiu nada.

Meu outro filho mais velho que mora comigo chegou a ver eles no abrigo, ali no Menino Deus. Mas já faz bastante tempo. Muito. A guria, hoje, deve ter 15 anos e ele uns 13. Tinham um ano e um mês de diferença. Os dois foram adotados, nunca mais vi.”

(Margarida)

Mulheres, como Flor de Maracujá, não querem mais se calar

# Sequestro em três capítulos

### Mãe (Girassol)

“Tava no mercado (Center Shop da Venâncio) e o carro do Conselho passou e pegou ele da minha mão. Levaram meu filho pro abrigo. Foi denúncia das mulheres que falaram que ele tava correndo dentro do mercado, mas ele não tava. Ele tava comigo. Eu falei que ia em casa avisar meu marido, disseram que não, senão iam me levar junto. Aí chamaram os brigadianos pra mim e aí levaram ele”.

### Pai

“Cheguei bem na hora. Tinha um mandado. O oficial achou que eu era leigo e não sabia ler, aí eu pedi pra ler. Eu quis reagir, mas ia ser pior. Aí já entramos com advogado, a mãe dela (companheira) tinha um e eu também tinha um padrinho do Jornal que conhece nós, um advogado. Não foi a defensoria, foi advogado próprio, mesmo.

Meu filho foi de um abrigo pra outro, mas aí, entrando com os processos jurídicos, a gente conseguiu pegar ele num final de semana. Da primeira vez ficou um dia inteiro com a vó (mãe da mãe do menino) que acabou ficando com a tutela dele. Foi um dia com acompanhamento da assistência técnica. O segundo

passo pra ele voltar pra nós foi ficar um dia e uma noite em casa e voltar com avaliação deles pra ver como foi, se tá bem, se não tá, como que é tratado. Depois, ele ficava três dias no abrigo e quatro com a vó.

Isso levou uns seis meses, mas antes ficamos sem ver nosso filho um mês e meio. A gente só soube como ele tava por ter contatos. O conselho (tutelar) também começou a nos acompanhar e ajudou. Mas a gente nem sabia exatamente onde ele tava porque as visitas não eram no abrigo, eram num outro local porque o lugar é secreto pra proteção.

Eles disseram que o motivo de nos tirar ele era exploração infantil do trabalho porque viram ele com o Jornal na mão, mas isso é mentira. Como que uma criança

de três anos vai vender jornal? Eles alegaram que o menino não tinha uma dicção boa, mas isso também é mentira. Ele fala melhor que nós.

No final das contas, a guarda ficou com a vó porque nós não temos CEP fixo. A gente trabalha, vende jornal, cuida de carro, só que não tem emprego estabelecido de carteira assinada. Uma casa adequada com um quarto pra ele. Bah é toda uma burocracia, é toda uma investigação da tua vida, acompanhar teu dia-a-dia, ver o que tu tem dentro de casa, o que tu paga luz, qual é tua renda, se tu trabalha ou então vão ver uma pessoa adequada da tua família que esteja mais estabilizada e pode receber o guri. Mas o importante é que ele está de volta.

### Mãe (Girassol)

Meu filho voltou para a casa. Na verdade a casa da minha mãe, porque me tiraram a guarda. O guri mamava no peito, ainda. Mesmo assim, levaram ele. Só depois de seis meses, voltou, com os cachinhos cortados bem curtos. A primeira coisa que disse foi: “Mamã, mamãe”. Eu chorei. Mas estava feliz, feliz.



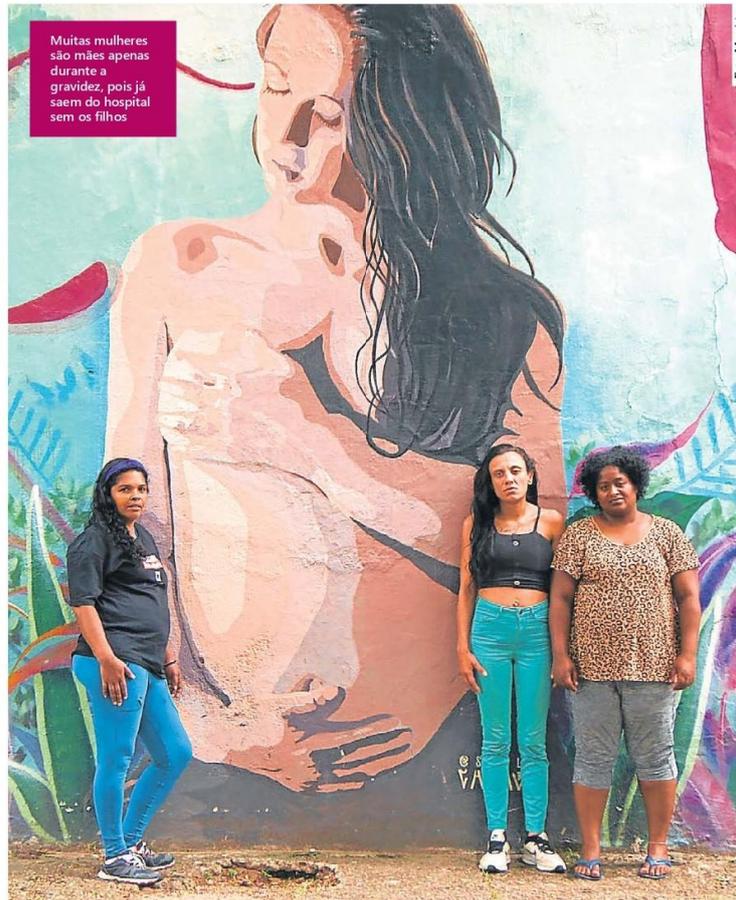
10 BOCA DE RUA março, abril e maio de 2024

“Eu não perdi só um filho, na verdade eu perdi todos os cinco. Levaram meu filho pro abrigo e eu consegui visitar ele até um aninho de idade. Mas todos dias de visita tinha que passar pela assistente social pra ela ver se eu não tava dopada. Naquele tempo eu usava lolô e recém tinha começado a usar crack, mas nos dias da visita eu não usava. Isso faz 21 anos. Eu não morava na rua, morava numa casinha de aluguel lá na vila. Eu tinha 19 anos quando ele nasceu.

No dia do um aninho dele, eu antes de ir visitar tinha que subir uma lomba e eu sempre levava a minha garrafinha com a lolô. Naquele dia eu dei um, dois bafinho, mas foi só isso. Mas como eu já era usuária de droga, não tinha como a assistente social não saber que eu tava sob efeito. Eu achei que não ia fazer diferença, mas pra ela fez. Deve ter sentido o cheiro. Ela me deixou ver meu filho e não me falou nada. Na próxima semana ela disse que o juiz tinha cortado minha visita, que eu não ia mais poder ver meu filho. Aí eu fui no Foro e a mulher falou: ‘tá escrito aqui adoção procedente ou improcedente, teu filho pode ou não ser adotado’.

Antes disso, a assistente social tinha dito pra eu procurar meus direitos porque além de visitar, eu tinha o direito de pegar meu filho de volta, se conseguisse largar as drogas, tivesse um serviço e ajeitasse minha vida. Aí eu fui procurar tratamento no postão da cruzeiro, comecei a fazer grupo de Narcóticos Anônimos, depois eu passava com a mesma psicóloga do grupo que também era psiquiatra. Aí procurei meus direitos no Foro e a moça falou pra mim assim: ‘Tu tem três meses pra conseguir uma casa pra morar com teu filho, um serviço e tem que ter largado as drogas’. Impossível, cara! Não tem como largar as drogas em três meses! Consegui uma casa própria em três meses e arrumei um serviço em três, meses! Eu fui me esforçando, mas o que eu consegui fazer foi frequentar os grupos de NA! Depois quando eu vi no Foro que tava escrito adoção procedente ou improcedente, eu não pude mais... eu parei de correr, não pude mais ver meu filho, nunca mais soube dele, hoje ele tá com 21 anos.

Eu tive um filho mais velho. Neste tempo, eu não usava crack ainda, só cheirava lolô desde os 13 anos quando eu fugi de casa. Este filho, eu consegui criar até uns 8 meses. Fiquei com ele lá na casa da minha vó, não alugava



## “Perdi todos os cinco”

peça ainda, eu era muito novinha. Engravidei com 14 e ganhei com 15. Só que daí como eu saía sempre pra rua de dia pra usar minhas drogas e pra conseguir dinheiro pra comprar leite e fralda pra ele, eu sempre chegava de noite, lá pelas 9, 10 horas. Mas eu sempre ficava em casa (à noite) pra cuidar dele.

Em seguida eu aluguei uma peça pra não ficar incomodando minha vó que já morava com meu outro irmão. Só que sempre que eu levava ele pra casa (pecinha) ele chorava muito, eu tentava descobrir se não era cólica, se não tava mijado, cuidava sempre dele direitinho. Daí eu via que ele não tava com cólica, não tava mijado, não tava com fome, aí eu levava na vó. Ela só pegava ele no colo e ele dormia. Aí minha

vó falou que se eu quisesse deixar ele com ela era só trazer as coisas dele que ela cuidaria dele. ‘Não te preocupa, eu não vou negar pra ele que tu é a mãe dele até porque eu sou a bisá’. E foi isso. Aí meu filho ficou com ela a partir dos 8 meses. Os outros me tiraram no hospital já direto.

Quando eu tive o meu terceiro, foi o CAPS que me viu na rua com ele. Eu tava sentada na calçada com ele dormindo no carrinho e passou uma kombi do CAPS. Me levaram até em casa. Eu usava droga, mas não levava meu filho junto. Como naquele dia minha vó não tava em casa, eu deixei com meu irmão. Aí o CAPS voltou na minha casa e meu irmão tava usando lolô dentro de casa. E eu na rua. Aí levaram meu filho. Levaram di-

reto pro hospital porque ele tava com um pouquinho de gripe. A assistente social falou que eu não ia poder pegar meu filho porque ia ter que ter alguém da família que pudesse ficar com ele. Aí eu fui lá e chamei a vó paterna dele e ela ficou com meu filho logo que ele teve alta. Ele tinha 6 meses.

Meu 4º filho foi uma guriuzinha e ganhei no Hospital Presidente Vargas. Em seguida que ganhei a bebê, a assistente social foi no quarto e falou assim: ‘tu sabe que não vai poder levar tua filha pra casa, já vi todo teu histórico aqui, dos hospitais que tu ganhou teus filhos, tu tem problema com droga, tu chegou aqui sob efeito de droga, então não vamos poder entregar teu filho pra ti. Tu tem alguém da tua família que possa ficar com ela?’ Eu respondi que ia

falar com minha sogra e ver se ela ficava com a guriuzinha. Só que ela não é mãe de sangue do pai da minha filha. Mas mesmo assim ela conseguiu. Eu pude registrar ela no cartório do hospital, mas levaram a minha filha com cinco dias. Depois eu fui no Foro. A vó dela disse que a gente podia ir visitar, mas tinha que ser uma vez por mês e se não tivesse drogada. Eu nunca fui porque tava sempre sob efeito de droga. Minha guriuzinha hoje tem 11 anos.

Quando tive meu último filho, eu morava lá no Cristal. Já no hospital, na Santa Casa, falaram que eu não ia poder levar ele porque eu era usuária de drogas (crack). Daí eu chamei a vó dele e ela levou ele pra casa e criou até hoje. Ele tá com 8 anos.

O crack foi que me acompanhou por muitos anos depois da lolô, mas agora consegui largar. Até tentei ter um filho agora que não uso mais droga e estou casada, mas não consegui porque o Posto Modelo se negou tirar o ‘implanon’ que eu tenho no braço faz mais de cinco anos. Eu coloquei no Postão da Cruzeiro, só que lá não tem mais ginecologista e mandaram eu procurar posto de saúde, no posto eles não tiram, procurei o Modelo, procurei até o Femina pra tentar tirar e não tiram também. Único lugar era no Modelo. Me chamaram pra consulta e no dia a mulher falou ‘não, porque tem que fazer tratamento, porque tu tem que isso, tu tem que aquilo’. Resumindo, não tiraram. Esse negócio tá desmanchando dentro do meu braço, não sei se isso é perigoso, se não é.

Nenhuma das vezes que ganhei e perdi meus filhos eu tava na rua, todas eu tinha casa. Eu fiz o pré-natal de todos os meus filhos. Como eu tenho uma doença (HIV), sou obrigada a me tratar pra não passar nada pra eles, mas todos eles negataram. O tempo que fiquei com eles, eu dei os remédinhos direitinho, depois as vós seguiram dando e hoje eles não têm nada, eu tenho cinco filhos, mas nenhum tem nada.

Eu tenho vontade de ver o filho que nunca mais vi... seria bom se... acho que a essas alturas, se ele foi adotado, provavelmente mudou de nome, eu já nem sei mais. Perdi as esperanças.”

(Rosa)



# As vítimas dos sequestros não têm apoio da sociedade

Entrevista com o jornalista Eduardo Reina, autor do livro “Cativeiro sem fim” sobre o sequestro de crianças durante a Ditadura Militar Brasileira, que no dia 1º de abril completa 60 anos.

Por que demorou 60 anos para se descobrir que sequestravam crianças na Ditadura?

Boa parte dessas vítimas descobriram sua situação somente a partir da década de 2000. Há vítimas, na região da Guerrilha do Araguaia, que tinham conhecimento antes desse período. Mas estavam distantes. Deve-se levar em conta ainda que todas elas passaram por um processo extremamente traumático, de censura e invisibilização de suas identidades. O que provocou o silêncio e ocultação de suas situações.

Por que as famílias não fizeram que nem as mães da Argentina?

O processo aqui no Brasil é diferente do que houve na Argentina. Enquanto no país vizinho são os avós que buscam os netos sequestrados, aqui são as próprias vítimas que descobriram suas situações de vítimas, décadas depois do sequestro, e que agora estão em busca de seus pais biológicos.

Na Argentina há uma forte e atuante organização da sociedade civil, as Abuelas de la Plaza de Mayo, entidades do setor jurídico

e outros segmentos da sociedade que atuam em conjunto na solução desse grave problema, desse crime cometido pelos militares durante a ditadura. No Brasil as vítimas estão sozinhas, isoladas, sem apoio da sociedade civil.

Como o senhor se interessou pelo tema? Viveu alguma coisa parecida?

Estudo e pesquisa sobre a ditadura há cerca de 40 anos. E sempre me intrigou constatar esse crime, o sequestro de filhos de militantes opositores dos regimes ditatoriais, foi registrado na maioria dos países vizinho ao Brasil, mas nunca havia visto um registro, uma reclamação, uma denúncia aqui em território nacional. Sai em busca da resposta para essa questão e infelizmente consegui comprovar tal crime no Brasil.

Como eram feitos estes roubos de criança? Quem roubava e para onde levavam?

O livro reportagem “Cativeiro sem fim” denuncia a existência de 19 bebês, crianças e adolescentes sequestrados nas décadas de 1960, 70 e 80 no Brasil. São casos em todo território nacional,



**“Eles tinham matado minha mãe e carregado o irmão meu, mais minha irmã”**

“(...) Giovanni, o filho do Osvaldão (guerrilheiro opositor do regime militar na década de 70) (...) teria sido encontrado pelos militares. Na operação que terminou com a morte da mulher do guerrilheiro, Maria Viana, os militares encontraram e levaram Giovanni e Ieda, outra filha dela. ‘Eu tinha seis anos. Quando cheguei no nosso barraco tinha acontecido isso. Eles tinham matado minha mãe e carregado o irmão meu, mais minha irmã, que sumiu também’, relata Antônio Viana da Conceição, filho de Maria e irmão de Giovanni e Ieda - que nunca mais foram encontrados”

(Trecho do livro “Cativeiro sem fim”)

e 11 dos 19 casos estão relacionados à guerrilha do Araguaia.

Há crianças sequestradas e desaparecidas até hoje. Há aqueles levados pelos militares para quartéis do Exército de depois encaminhados para famílias de militares ou para a rua. Há quem ficou diretamente com familiares de militares. São muitas as situações. Um dos casos, por exemplo, teve a vítima – Rosângela Serra Paraná – apropriada por um militar do Exército que era motorista de Ernesto Geisel no Rio de Janeiro.

Como foi a vida destas crianças com os pais adotivos?

De acordo com relato de algumas das vítimas localizadas durante a pesquisa para o livro reportagem, foi uma vida dura, de dificuldades, algumas com

maus tratos e agressões. Situação que se agravou depois da descoberta da real situação. Descobriram que os pais não eram os pais verdadeiros, que elas não tinham identidade e buscam até hoje os pais biológicos.

É muito difícil descobrir que o pai e a mãe que estiveram a seu lado durante uma vida toda eram falsários. Difícil descobrir que você não tem identidade, não tem família e sequer tem para onde ir ou recorrer.

Conseguiram reencontrar seus avós e seus tios? Ficaram revoltadas?

Não encontraram nem os pais biológicos. Nem mesmo familiares próximos. Com certeza a revolta é grande.

Quem fez isso foi preso?

O crime não é reconhecido pelo Estado brasileiro. Ninguém, dos envolvidos, foi investigado,

indiciado ou julgado.

Na escravidão também tiravam os filhos das mães e vendiam e hoje tiram as crianças das mulheres que vivem na rua. O senhor vê relação?

O sequestro de filhos de militantes políticos fazia parte de uma estratégia de guerra desenhada durante a ditadura militar. O objetivo era aniquilar totalmente o que chamavam de inimigo interno da pátria. Por isso não bastava somente prender, torturar, matar e desaparecer com as pessoas que se opunham ao regime de exceção. Era preciso também acabar com tudo e todos que estava à volta desses opositores. Daí o sequestro de seus filhos e filhas. Havia ordem, inclusive, para matar as crianças. O que não ocorreu em alguns casos relatados no livro “Cativeiro sem fim”.



12 BOCA DE RUA março, abril e maio de 2024

## Meninos e meninas argentinas foram convertidos em “coisas”

A Dra. Soledad Gesteira – pesquisadora da Universidad de Buenos Aires-CONICET e colaboradora das Abuelas de Plaza de Mayo – deu entrevista ao Boca e contou como é a situação das avós que procuram os netos sequestrados pela ditadura Argentina.

**Por que as crianças foram tiradas de seus pais na Argentina durante a Ditadura?**

Durante a ditadura militar argentina (1976-1983) em torno de 500 meninos e meninas de diferentes idades – filhos e filhas de militantes políticos que foram detidos e desaparecidos – foram roubados e colocados em outras famílias. A antropóloga Carla Villalta sinaliza que esta prática violenta foi caracterizada como apropriação de meninos e meninas devido ao trabalho dos familiares destas crianças que, ao exigir verdade e justiça, conseguiram construir estes importantes feitos criminais em um potente acontecimento político. O ponto central foi a luta das avós destes meninos e meninas, que em 1977 se organizaram formando a associação Abuelas de Plaza de Mayo.

A apropriação de meninos e meninas e sua colocação em outras famílias fez parte de um plano político-ideológico que pretendia converter essas crianças em outras e disciplinar a sociedade. Os meninos e as meninas foram convertidos em “coisas”, em um “botim de guerra”, como chamam a atenção as Abuelas de Plaza de Mayo. Como o objetivo da ditadura eram as organizações políticas, se apelou para o disciplinamento da sociedade em seu conjunto e, mediante um discurso familiarista, a ditadura construiu seus argumentos para sequestrar, roubar crianças e assassinar seus

pais biológicos, considerados “perigosos”. Os discursos familiarista ancorado nas tradições do eugenismo e do catolicismo serviam para justificar a “salvação” dos filhos e filhas de pais subversivos e, assim “salvar” também toda a sociedade.

Porém, para além do caso argentino, é importante ter presente que o deslocamento, a apropriação e o roubo de meninos e meninas são fenômenos de longa duração em nossa sociedade e precisa ser entendida sua relação com as conjunturas locais e com processos socio-históricos de grande envergadura, como o colonialismo, as guerras, os conflitos armados e o terrorismo de Estado. Longe de serem ações ilhadas, esporádicas ou sem planificação, na maioria dos casos estas práticas violentas foram planejadas e desenhadas com objetivos precisos de disciplina moral e social.

**Como era feito isso? E quem fazia isso?**

Na Argentina se estima que cerca de 30 mil pessoas foram levadas a centros de detenção pertencente às Forças Armadas e logo assassinadas e desaparecidas. Ali as pessoas eram submetidas a torturas e humilhações de diversos tipos pelos militares e em muitos destes centros se criaram maternidades clandestinas onde davam a luz as mulheres sequestradas, a quem logo roubavam seus bebês. Depois do parto

em cativeiro, lhes diziam que seus filhos seriam entregues aos familiares biológicos e, inclusive, pediam que escrevessem cartas aos seus familiares, mas isso nunca aconteceu. Os pais destas crianças, especialmente suas mães eram consideradas “subversivas”, “terroristas”, “mães más” que abandonavam e colocavam em perigo seus filhos e filhas, como investigou Sabina Regueiro.

Para compreender mais sobre isso, sugerimos o documentário “La parte del todo” (Canal: Sigil Comunicación & Sociedad, no Youtube), dirigido por Roberto Persano, Santiago Nacif Cabrera e Gato Martínez Cantó, feito em 2015. O filme aborda o plano sistemático de apropriação de crianças durante a ditadura argentina e o funcionamento das “maternidades clandestinas” nos centros de detenção, através de três histórias de netas e netos restituídos.

**O que acontecia com os pais?**

Os pais e as mães destes meninos e meninas eram assassinados e seus corpos desaparecidos. Desde 1984 a Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF) tem como tarefa a recuperação

dos corpos das pessoas desaparecidas para restabelecer as suas identidades. O trabalho identificou mais de 820 desaparecidos e desaparecidas.

**E as crianças, que futuro foi dado para elas? Como viveram?**

As crianças roubadas cresceram em famílias apropriadoras que, na sua maioria, lhes ocultaram a verdade sobre suas origens e identidades. Alguns foram criados com bons tratos, mas em outras famílias apropriadoras houve violência e maltrato. Foram meninos e meninas que viveram uma grande parte de suas vidas na mentira, no engano, no ocultamento de suas histórias de origem até recuperarem suas verdadeiras identidades.

**Quem descobriu que isso acontecia? E como foi essa descoberta?**

Pelos testemunhos dos sobreviventes dos centros clandestinos se soube que os bebês nasciam e eram entregues a famílias de militares. As avós criaram diversas estratégias para recuperar seus netos, recorreram à justiça



Muitas avós e netos(as) conseguiram se reencontrar

Foto: Acervo Abuelas de Plaza de Mayo.



As abuelas usam lenços brancos na cabeça, mas não dão paz para os militares sequestradores de seus netos

e também viajaram às Nações Unidas para denunciar as violações dos Direitos Humanos que aconteciam na Argentina. As avós foram as promotoras do Direito à Identidade que está na Convenção sobre os Direitos das Crianças (1989). Também promoveram a criação do Banco Nacional de Dados Genéticos (1987) onde se cruza material genético (DNA) das famílias que buscam seus netos e netas e dos jovens com dúvidas sobre suas identidades.

Mas para que o jovens duvidassem de suas identidades foram fundamentais as campanhas

**Para saber mais sobre o assunto:**

- Documentário “La lucha por el derecho a la identidad - Homenaje a Abuelas de Plaza de Mayo” - (Canal: SENAF Argentina, no Youtube).
- Muestra “Retratos recuperados” (2015) de Hernán Churba, disponível em: [bit.ly/retratosrecuperados](http://bit.ly/retratosrecuperados)
- Série “Te seguimos buscando desde el sur” (Canal: Minga, no Youtube - Playlists).

de difusão que desde o começo fizeram as Avós, nas ruas, na televisão, na rádio, no teatro e, atualmente, nas redes sociais

**As pessoas que fizeram isso foram presas?**

Em 2012 o Poder Judicial argentino reconheceu que as apropriações de crianças ocorridas durante a ditadura militar não foram ocasionais, e se provou que a cúpula das Forças Armadas era responsável. Por isso, estes fatos foram considerados parte de um “plano sistemático” de apropriação e um delito de lesa humanidade, quer dizer: imprescritível. Neste juízo por roubo de bebês – reconhecido como “Juízo de plano sistemático de apropriação de menores – foram condenados os militares Jorge Rafael Videla, Santiago Omar Rivero, Reynaldo Benito Bignone, Eduardo Jorge Acosta e Antonio Vañek por sua intervenção na apropriação de 34 filhos e filhas de desaparecidos durante a última ditadura militar.

**Os filhos ficaram sabendo? Ficaram revoltados?**

**Quiseram conhecer suas famílias biológicas?**

Atualmente as Avós recuperaram 134 netos e netas. Na sua maioria as netas e netas recuperados conseguiram construir relações com suas famílias biológicas, algumas delas sólidas e potentes. Inclusive muitos deles hoje trabalham com as Abuelas de Plaza de Mayo para encontrar os netos e netas que ainda faltam ser recuperados.



## Direito a ter e ser mãe

O Boca de Rua foi quem primeiro denunciou a retirada dos filhos das mulheres com trajetória de rua no Estado, na edição nº 65 de 2017 que questionava na capa “Por que não podemos ser mães?” A edição fez sucesso promovendo e ampliando o debate e muitas pessoas procuraram o Jornal para saber mais sobre o tema.

Eu, Caroline Sarmento, colaboradora do Boca - que já havia feito o TCC sobre Rita, nossa saudosa colega, abordando especialmente a piora de seu quadro de saúde quando tiraram o filho de seus braços, vindo a morrer 9 meses depois - fiz minha pesquisa de mestrado sobre o afastamento compulsório de mães e filhos. E seguimos na luta para dar visibilidade a essa violência que acontece há muito tempo e não só aqui.

Nos últimos anos, ativistas e pesquisadoras têm se dedicado a denunciar a violação do direito à maternidade e defender o direito à vida em família de grupos em situação de vulnerabilidade. A Coletiva em Apoio às Mães Órfãs, de Minas Gerais, é um movimento criado em 2014 após a publicação de recomendações do MP/MG de que as maternidades e UBSS comunicassem à Vara Cível da Infância e Juventude de Belo Horizonte os atendimentos de casos de mães usuárias de drogas. A Coletiva segue firme até hoje, contando com muitas

integrantes, como Ariana Alves, que também escreveu dissertação sobre o “sequestro” de bebês em Belo Horizonte.

Eu e Ariana, junto de outras dezenas de pesquisadoras atualmente fizemos parte da REMA, Rede Transnacional de pesquisas sobre Maternidades destituídas, violadas e violentadas, que visa a construção de redes de pesquisa, acolhimento e formação em torno do direito às maternidades. A Rede, coordenada por Lucía Eilbaum (UFF), ainda conta com parceria de instituições, comissões, grupos de pesquisa, movimentos sociais, associações e demais projetos de pesquisa, como a Anthera, coordenada por Claudia Fonseca (UFRGS), que é uma rede internacional de pesquisas antropológicas sobre família e parentesco, também dedicada a pesquisar sobre a retirada dos filhos.

No começo éramos poucas, mas nossas vozes se ampliaram e chegamos até Brasília no Seminário “Direito a Ter e Ser Mãe: Proteção Social à Maternidade e à Convivência Familiar em Contextos de Desproteção Social”, organizado por Anthera com a participação da REMA, e realizado pelo Ipea em parceria com o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC) em outubro de 2023. Resistimos!

(Por Caroline Sarmento)

# Filhos de ninguém

Mulheres internadas nos antigos leprosários ou em hospícios não tinham direito de ser mães. Seus filhos eram filhos de ninguém. As crianças das escravizadas eram vendidas como mercadoria e suas mães aproveitadas como amas de leite das crianças brancas. Até hoje, famílias ricas tiram ou compram meninas para serem “filhas de criação”, ou seja, cuidar de seus filhos, como foi o caso de um casal evangélico que publicou um anúncio no jornal. Reunimos aqui alguns exemplos destas barbaridades. Confira.

### No Leprosário

“Era madrugada (...) quando Wilma Petry começou a sentir as dores. Os nove meses de gestação complicada pareciam indicar um parto difícil. Quase sem conseguir caminhar, foi levada pelo marido Manoel para a área do hospital da Colônia de Itapuã, lar dos Hansenianos isolados, antes da cura da doença, onde a equipe começava a se preparar para atendê-la.

Os gritos de dor enchiam a sala. Mesmo fazendo mais força do que sempre imaginou conseguir, o bebê não queria nascer. Viver, já sabia, mesmo de dentro da barriga, que assim que viesse ao mundo seria tirado de perto da mãe. (...) Ela nem chegou a ouvir o choro. Mais do que rápido, uma irmã embrulhou o recém-nascido e levou-o para longe.”

(Trecho do livro “Nós não caminhamos sós- Histórias de isolamento no antigo Leprosário de Itapuã”, escrito por nossa colaboradora Ana Carolina de Oliveira)

“Aqui é um lugar onde os filhos nascem e a mãe não ouve o choro”

(Frase repetida no Leprosário de Itapuã)

### Na Senzala

“Quem quiser comprar uma molequinha nova (escrava-criança) cozinha o ordinário. Quem pretender comprar dirija-se a rua do Arvoredo a casa nº 13 e ali achará com quem tratar.”

“Quem tiver uma ama-de-leite

que seja sadia e saiba tratar crianças e queira alugar, anuncie a sua moradia para ser procurado.”

(Anúncios publicados no jornal Diário de Porto Alegre - 1827-1828)

“A suplicante apesar de ser uma mísera preta forra, tem contudo coração de mãe, e não pode deixar de interessar-se pelo bem estar de seus filhos e estar com

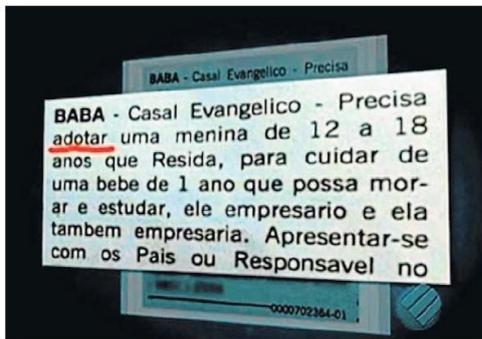
eles em contato o mais possível, enquanto estão de tenra idade, e por isso vem humildemente socorrer-se da justiça de V.S, e impetrar a remoção da tutela de seu filho do poder do dito Nunes”

(Trecho de requerimento encaminhado pela escrava liberta Leopoldina Verônica à justiça para recuperar a guarda de seu filho Amaro de 3 ou 4 anos- 1976)

### No manicômio

“O que me deixou mais forte o que me faz ser o ser humano que eu sou hoje, é meus filhos. Por isso que eu acho que a gente tem direito de parir”.

(Relato de Gilda, considerada “louca” - diversas vezes internada - no ensaio “Seria uma mulher louca uma má mãe - Reflexões sobre maternidade e loucura”, de Vlândia Jamile dos Santos Jucá e Adilane dos Santos Barbosa para a revista virtual “Feminismos”)



Anexo VI  
Reportagem Tentaram nos calar, mas somos a boca da rua  
(Boca de Rua, nº 87, p.10)



10 BOCA DE RUA junho, julho, agosto 2024

# TENTARAM NOS CALAR MAS SOMOS A BOCA DA RUA

*Uma pergunta ao prefeito Sebastião Melo: o senhor tem tanto medo assim da boca das ruas, ou melhor, do Boca de Rua? Foi por isso que tentou nos calar? Por que só nossos repórteres foram impedidos de entrar na sua entrevista coletiva no dia 26 de abril? Logo nós, único jornal inteiramente voltado para a população em situação de rua. Disseram que só entrariam os veículos “tradicionais”. Bem, caso o senhor não saiba o Boca de Rua – que circula na rua cidade há 24 anos e até já lhe entrevistou – é o único do mundo feito, vendido e gerido por pessoas com trajetória de rua e já tirou vários prêmios até da International Network Street Papers – Rede Internacional de Publicações de Rua (INSP) e da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (Ajuris). Isso não lhe parece tradicional?*

A coletiva de imprensa com o prefeito Sebastião Melo na qual o Boca de Rua foi barrado aconteceu às 17 horas do dia 26 de abril no 18º andar do Centro Administrativo Municipal (João Manoel, 157). Todos os veículos de comunicação da cidade – inclusive os alternativos – estavam lá e entraram. O Carlos, repórter do Boca, estava junto com o Alass Derivas, nosso parceiro, que faz a cobertura dos movimentos sociais, e, inclusive publica algumas de suas fotos no nosso jornal.

O Alass é alternativo, mas é um cara branco e não teve problemas na portaria. O Carlos, ao contrário, antes de entrar já foi abordado pela porteira que queria saber o que ele estava fazendo lá. Ao saber que era do Boca, disse que ele precisava falar



Repórteres do Boca foram barrados na coletiva do prefeito

Foto Alass Derivas/Boca de Rua/Agência Alice

com um tal Marcelo, que ligou para mais alguém. Resultado: barrou o nosso nosso repórter. “Por que? Perguntou Carlos. “A coletiva é só para os veículos tradicionais”, respondeu. Na mesma ocasião, Jó – também do Boca – foi impedido de entrar.

A atitude da porteira gerou um protesto dos movimentos sociais presentes e o Alass, em solidariedade, se recusou a entrar. Nem a editora do Boca, que tem diploma de jornalista, pôde entrar. Ela não ia, claro, mas perguntou mesmo assim, só para ver o que ia acontecer.

A esta altura não eram mais só os dois seguranças na porta. A Guarda Muni-

pal foi chamada e veio um batalhão. Em compensação, os movimentos sociais se agruparam e começaram a protestar contra a discriminação sofrida pelo Boca. Ficou todo o mundo gritando “Libera! Libera!”, mas nada.

Quando a coletiva terminou, saíram os jornalistas e, informados do que tinha acontecido, entrevistaram o pessoal do Boca. A denúncia saiu em vários canais de tevê. Esperamos um pouco para ver se o prefeito ia sair, mas deve ter usado uma porta traseira, porque não apareceu. Então fomos fazer um Boletim de Ocorrência.

## Boca registrou Boletim de Ocorrência

Como o Boca de Rua sofreu discriminação, sendo impedido de trabalhar na entrevista coletiva do prefeito no dia do incêndio da Garoa, procuramos a 1ª DP, no centro para registrar o Boletim de Ocorrência. Eram 18h40 min, a gente estava esperando o policial atender um casal que estava na nossa frente quando ele gritou: “A delegacia está fechada”. Só reabre às 9 da noite”. “Mas faltam 20 minutos” a gente argumentou. Ele perguntou qual era a nossa reclamação e a gente falou. Então respondeu que a responsável pela investigação das causas do incêndio era a 17ª delegacia e que ele precisava jantar.

Lá foi a equipe do Boca para o Palácio da Polícia, onde, finalmente conseguimos registrar a ocorrência. Fomos até bem tratados, mas, mesmo assim, precisamos insistir para que ficasse claro que tinha ocorrido racismo e impedimento do trabalho profissional. No primeiro registro colocaram palavras mais suaves como “se sentiram discriminados”. Ao final, nos informaram que a investigação correria onde? Na primeira delegacia, onde tinham nos mandado embora.



Foto Luiz Abreu/Boca de Rua/Agência Alice

Foto Gleizias/Boca de Rua/Agência Alice

## Censuraram o pixo

Além de tentar calar o Boca, também tentam calar quem manifesta indignação. No tapume que cobre o prédio incendiado da Garoa, alguém escreveu uma frase juntando as duas tragédias acontecidas em Porto Alegre. Durou um dia. Logo deram um jeito de virar os compensados para esconder o protesto. Será que até um simples pixo numa tábuada bolorada é considerado ameaça ao governo? Se isso não é censura, então o que é? Como acreditamos na liberdade de pensamento, colocamos a imagem na capa do nosso jornal.

Anexo VII  
Enterro vazio, túmulos sem nome  
(Boca de Rua, nº 87, p.8)



8 BOCA DE RUA junho, julho, agosto 2024

# ENTERRO VAZIO, TÚMULOS SEM NOMES

O enterro de cinco vítimas da pousada Garaó, realizado apenas um dia depois do incêndio, foi muito triste. O cemitério era pequeno. As salas onde os caixões estavam eram como qualquer repartição pública, impessoais e frias. Os caixões estavam fechados nessas salas vazias. Apenas uma folha de ofício colada em cada caixão identificava quem morreu.

O prefeito Sebastião Melo não apareceu. Apenas o secretário de Desenvolvimento Social, Léo Voigt, estava na porta e depois discursou sobre os caixões. Próximos às lápides, estavam repórteres e fotógrafos das mídias ditas tradicionais. Nesse momento, não tinha nenhum familiar, ninguém que conhecia quem estava sendo sepultado.

“O sentimento é de revolta porque se as autoridades tivessem pelo menos visto ou ouvido as denúncias ou tomassem alguma providência sobre o que aconteceu, hoje a gente não estaria com todas estas vítimas”, declarou Carlos em uma entrevista feita no local por um repórter da chamada “mídia tradicional”. E acrescentou: “Eles tiveram a chance de poder mudar a história dessas pessoas que hoje estão sendo enterradas aqui. Como não quiseram, aconteceu isso. Não conseguiram mudar a história deles, nem vão conseguir mais, porque de agora em diante, partiram. É triste, é triste”.

Depois de enterrados os caixões, nada identificava quem morreu. Eram vistas apenas pedras de concreto cobertas com um plástico preto e a coroa de flores. Depois de decompostas as flores e retirados os plásticos, sobrarão apenas as pedras no chão.



Foto Thais/Boca de Rua/Agência Alice

## João Alguém

“Como assim, vão tudo voltar a ser um João Ninguém?” A pergunta foi do Carlos, repórter do Boca de Rua que compareceu ao enterro das vítimas da Garaó, ao ser informado que os túmulos ficariam anônimos, apesar dos mortos terem sido identificados. Junto com ele estavam presentes Thais, colaboradora do jornal e Maria Gabriela, do Projeto Passa e Repassa, professora da UFRGS e apoiadora dos movimentos ligados a pessoas em situação de rua.

Como Carlos, Gabriela se incomodou com o fato e perguntou para uma das mulheres que estavam lá junto com o Léo Voigt: “Não vão ter identificação?”. “Não, isso cabe às famílias”, disse ela. Thais indagou para outra das mulheres: “As famílias foram procuradas e avisadas?”. Ela: “Eles não têm familiares”. Perguntamos: Como podem afirmar isso se tiveram apenas 24 horas para procurar – se é que realmente procuraram – sendo que o dia do enterro foi um fim de semana?

Carlos contou que teve vontade de vomitar quando viu os caixões, pois ficou pensando em cada um e cada uma, em quem conseguiria sair, quem provavelmente morreria no fogo, quem se atiraria lá de cima, quem tem alguma deficiência – dor, dificuldade para caminhar ou estivesse sobre efeito de alguma droga, álcool, remédio – e teria dificuldade para fugir do fogo. Lembramos que, como o relato na reunião da Defensoria Pública, várias pessoas curateladas estavam na Garaó, o que significa que são parcialmente incapacitadas para praticar os atos da vida civil e precisam de apoio para cuidar de si. Enfim, como disse Carlos, “Poderia ser qualquer um de nós”.

## “Pensamos que era um mendigo”

Há 27 anos – também no mês de abril, como o incêndio da Garaó – o indígena pataxó Hã-Hã-Hãe Galdino Jesus dos Santos foi queimado vivo em Brasília. Antes de entrar em coma perguntou: “Por que fizeram isso comigo? A resposta dada por um dos seus assassinos no tribunal: “Pensamos que era um mendigo”. Os quatro – todos de famílias de ricos – foram condenados a 14 anos de prisão, mas tiveram muitos privilégios e saíram antes da metade do tempo, tendo, mais tarde, trabalhado como servidores públicos ou profissionais

de altos salários. Um quinto, menor de 18 anos na época, cumpriu apenas quatro meses de pena socioeducativa. Por ironia, acabou se tornando policial e exercendo cargo de chefe durante o governo Bolsonaro. Na data do crime (20 de abril) Galdino se encontrava em Brasília pelas comemorações do então chamado “Dia do Índio” (19 de abril). Como as atividades acabaram tarde, não conseguiu entrar no local onde estava hospedado. Por isso, só lhe restou dormir em uma parada de ônibus. Despertou com o corpo tomado pelas chamas,



Foto Carlos/Boca de Rua/Agência Alice

Anexo VIII  
Carta ao Lula

# =BOCA ⇒ RUA=

**Prezado senhor presidente Lula**

Somos integrantes do único jornal do mundo – o **Boca de Rua** – feito e vendido por pessoas com trajetória de rua, conforme o *International Network Street Papers* (INSP). Nosso grupo é de Porto Alegre e existe há 23 anos, dando trabalho, renda, dignidade e autoestima para seus integrantes. Nós mesmos/as fazemos as matérias, as fotos e, também, somos encarregados/as da gestão do projeto, que é orientado pela **Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação** (ALICE).

Nesta carta, estamos propondo que nos conceda uma entrevista para publicar no nosso jornal, porque a gente acredita que o senhor não fará diferença entre um jornal de moradores de rua e um jornal da grande imprensa.

**As perguntas são as seguintes:**

1. O senhor disse que combater a fome era sua prioridade e que não se podia mais aceitar tanta gente vivendo na rua. Mas, na prática, qual a sua proposta ou projeto para o povo da rua?
2. Com a mudança do Auxílio Brasil para o Bolsa Família, como ficará a situação do morador de rua sem família?
3. O preço da comida vai baixar? Quando vamos começar a sentir uma melhora na qualidade de vida de quem vive em situação de risco social?
4. Os planos sociais do seu governo também vão atingir as vilas (favelas)?
5. Como é controlada a verba federal que vem para os municípios? Existe alguma forma para o senhor saber se ela é realmente aplicada da forma como dizem os prefeitos?
6. O Programa Minha Casa Minha Vida vai incluir o povo da rua?
7. O senhor foi acusado de muita coisa e depois foi inocentado. Como descreveria o seu personagem político? Seria uma espécie de Robin Hood, que tira dos ricos para dar aos pobres?

Desde já agradecemos a sua gentileza e pedimos que as respostas sejam enviadas para o e-mail **documentalfotos@gmail.com**.

Atenciosamente,  
**Equipe do Jornal Boca de Rua**

Porto Alegre, 17 de março de 2023.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3513  
E-mail: [propesq@pucrs.br](mailto:propesq@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)